

CARINA SARTORI

**NA ALVORADA DE UM *SPORT*:
O REMO NA ILHA DE SANTA CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Dr^a. Maria Bernardete Ramos Flores

Coorientador: Dr^o. Henrique Espada

Florianópolis,
Março de 2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sartori, Carina

Na alvorada de um sport : o remo na ilha de Santa Catarina / Carina Sartori ; orientador, Maria Bernardete Ramos Flores ; co-orientador, Henrique Espada. - Florianópolis, SC, 2013.
140 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. Remo. 3. Cidade. 4. Corpo. 5. Intelectualidade. I. Flores, Maria Bernardete Ramos. II. Espada, Henrique. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. IV. Título.

Na alvorada de um sport: o Remo na Ilha de Santa Catarina.

Carina Sartori

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de

MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora



Profa. Dra. Maria Bernadete Ramos Flores (Presidente e Orientadora) – PPGH/UFSC

Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho (Co-orientador) – PPGH/UFSC



Prof. Dr. Laurent Olivier Vidal – PPGH/Université de La Rochelle



Profa. Dra. Vera Regina Martins Collaço – PPGT/UEDESC



Prof. Dr. Paulo Roberto Melo de Oliveira – HST/UNIVALI

Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza – PPGH/UFSC (suplente)

Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha – PPGH/UEDESC (suplente)



Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 20 de março de 2013.

“Por que um corvo se parece com uma escrivainha?” – perguntou o Chapeleiro a Alice. (Após um tempo de conversa ouve-se uma resposta). “Desisto, qual é a resposta?” – disse Alice. “Não tenho a menor ideia.” – disse o Chapeleiro. “Nem eu!” – disse a Lebre de Março. “Acho que vocês poderiam fazer alguma coisa melhor com o tempo.” – retrucou Alice. “Se você conhecesse o *Tempo* tão bem quanto eu, falaria com mais respeito dele.” – disse o Chapeleiro. (Lewis Carrol, *Alice no país das maravilhas*, 2002, p.67-70.)

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES) por proporcionar os estudos do Mestrado com bolsa.

À Cristiane Valério de Souza, ex-secretária do PPGHST-UFSC, por toda a sua paciência e atenção durante o processo burocrático do Mestrado.

Ao Laboratório de História e Arte (LABHARTE) pelos momentos mais impossíveis da academia.

À Zaz pelas discussões, pelos cafés, almoços e a amizade.

À Arthur F. Silveira pelas longas tardes de pesquisa; pelas orientações sobre a prática do Remo; pela confiança depositada no projeto; e, principalmente, pela amizade.

Ao Prof^o. Adriano Duarte pelos cafés e as boas risadas nas tardes pela UFSC.

Ao Prof^o. Henrique Espada pela Coorientação neste trabalho e por suas ironias e sarcasmos constantes entre as aulas e os corredores do CFH.

Ao Prof. Laurent Vidal pela confiança, atenção e carinho.

Um especial agradecimento àquela que, com certeza, nestes cinco anos de Universidade esteve ao meu lado como mãe, amiga, professora e, principalmente, como pesquisadora; meu muito obrigado Mrs B..

RESUMO

Em Florianópolis, a primeira Sociedade de Regatas organizada, meados do século XIX, contaria com a participação dos Coronéis da Marinha e da Escola de Menores e Marinheiros da Canhoneira. Na virada do século, a fundação do Clube 29 de Abril permitiria que as atividades relacionadas ao Remo fossem oferecidas a todos que se associassem ao Clube. No entanto, somente entre os anos de 1915 e 1918, com a fundação dos Clubes Náuticos Riachuelo e Martinelli e o Clube de Regatas Aldo Luz, é que o Remo adquiriria sua característica de prática física salutar ao homem. Entre as transformações urbanas que ocorriam em Florianópolis, que visavam higienizar a cidade e dar ares modernos aos seus habitantes, o Remo e sua prática seriam incentivados. Intelectuais, imprensa e sociedade se intrincariam com a prática náutica, pois durante as regatas os remadores tornar-se-iam verdadeiros heróis ao exibirem sua força, beleza e disciplina. Assim, esboçar a presença do Remo e as suas relações com um corpo, a cidade e uma intelectualidade na capital catarinense, do início do século XX, é o principal objetivo desta dissertação.

Palavras-chave: Remo, Cidade, Corpo, Intelectualidade

RESUMEN

En Florianópolis, la primera Sociedad de Regatas organizadas, a mediados del siglo XIX, se contó con la participación de los coroneles de marina y de la Escuela de Infantería de Marina de la Cañonera. En el cambio del siglo, la fundación del Club 29 abril permitiría que las actividades relacionadas al Remo fueran ofrecidas a todos los que asociaron al Club. Sin embargo, sólo entre los años 1915 y 1918, con la fundación de los clubes náuticos Riachuelo y Martinelli y el Club de Regatas Aldo Luz, es que el Remo adquiriría su característica de práctica física saludable para el hombre. Entre las transformaciones urbanas que ocurrirían en Florianópolis, entre las que se propuso sanear la ciudad y dar aires modernos a sus habitantes, el remo y su práctica serían incentivados. Intelectuales, prensa y la sociedad se intrincarán en dicha práctica náutica, pues durante las regatas los remadores se tornarían verdaderos héroes al exhibir su fuerza, belleza y disciplina. Por lo tanto, hablar de la presencia del Remo y de sus relaciones con el cuerpo, la ciudad y la intelectualidad en la capital de Santa Catarina, de inicios del siglo XX, es el principal objetivo de esta disertación.

Palabras clave: Remo, Ciudad, Cuerpo, Intelectualidad

ABSTRACT

In Florianópolis, the first Society of Regattas organized, mid-nineteenth century, would include the participation of the Colonels Navy and School of Minors Marines and the Gunboat. At the turn of the century, the foundation of the Clube 29 de Abril, activities related with the Rowing were offered to all who associate the Clube. However, only between the years 1915 and 1918, with the founding of the Clubes Náuticos Riachuelo and Martinelli and Clube Regata Aldo Luz, the rowing is that acquire their characteristic physical practice and healthy man. Among the urban transformations that occurred in Florianópolis, which aimed to sanitize and give the city its modern air inhabitants, Rowing and his practice would be encouraged. Intellectuals, media and society had spoken of nautical practice, rowers would become real heroes to showcase their strength, beauty and discipline. Sketch the presence of Remo and their relationships with one body, the city and Intellectuality in the capital of Santa Catarina, in the early twentieth century, is the main objective of this work.

Key words: Rowing, City, Body, Intellectuality

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Thomas Stevens. Êtes-vous prêts? Acervo: Joconde-Portail des collections des musées de France (1880)	25
Imagem 02 - Planche extraite du Nouveau manuel complet d'éducation physique, gymnastique et morale (vol. 2), de Francisco Amorós y Ondeano (1848)	33
Imagem 03 - George Demeny walking and jumping, chronophotography by Etienne-Jules Marey c. (1883)	34
Imagem 04 - Dessinateur de Jules Despres et graveur de Paissart. Le dimanche aux environs de Paris. 4 ^e quart 19 ^e siècle.	36
Imagem 05 - Stanford University, Inglaterra, (s/d).	37
Imagem 06 - Penn University (1889 e 1892).	38
Imagem 07 - Embarcações Balenaire e canot-yole (1850).	39
Imagem 08 - Illustrateur de Grenier. Le Sport Nautique. 3 ^e quart 19 ^e siècle.	40
Imagem 09 - Carte Postale (1905).	41
Imagem 10 - Journal des Sports, Paris-Vélo, (1895).	42
Imagem 11 - Guarnição do <i>Ruder-Club Porto Alegre</i> (1899).	46
Imagem 12 - Regata em Botafogo (s/d).	48

Imagem 13 - Mapa turístico distribuído pelas locadoras de carro no aeroporto de Florianópolis.	55
Imagem 13.a. - Postal do Centro Histórico de Florianópolis com as aquarelas de Vera Muccillo (21 de agosto de 2012).	55
Imagem 14 - Mapa de Carina Sartori (2011).	56
Imagem 15 - Detalhe da fachada do prédio do Francisco Martinelli na Rua João Pinto (2011).	57
Imagem 15.b. - Fachada do Clube Martinelli, atual Escola Energia (2011).	57
Imagem 15.c. - Sede do Clube Martinelli de frente para o mar (década de 1930).	57
Imagem 16 - Monumento em homenagem a Empresa Hoepcke (atual).	58
Imagem 17 - Pacote Carl Hoepcke, Anna e o Max na região da Rita Maria (s/d).	58
Imagem 18 - Cais Rita Maria (1950).	60
Imagem 19 - Baía Sul em dia de regata (s/d).	60
Imagem 20 - Dia de Regata entre a Ilha do Carvão (s/d).	68
Imagem 21 - Rua Trajano, antiga Rua Livramento (1908).	73
Imagem 22 - Rua João Pinto (1910).	73

Imagem 23 - Construção da Ponte (1923).	75
Imagem 24 - Trapiche Municipal e remadores do Martinelli (1920).	76
Imagem 25 - Miramar em dia de regata no Miramar (s/d).	77
Imagem 26 - Sede do Clube Náutico Riachuelo, região da Rita Maria (1940).	80
Imagem 27 - Prédio do Clube Náutico Martineli (1930).	82
Imagem 28 – Pelo Desporto. Jornal <i>O Estado</i> de 08 de abril de 1920.	84
Imagem 29 - Troféu na Federação de Remo (década de 1940).	88
Imagem 30 - Veleiro do Sr. Hugo Moellman (1930).	99
Imagem 31 - Dia de regata na Baía Sul com integrantes do Clube Náutico Martinelli (1920).	101
Imagem 32 - Baía Sul em dia de regata (1920).	101
Imagem 33 - O trapiche Miramar aos pés da Praça XV de Novembro (s/d).	107
Imagem 34 - Miramar e dia de regata (s/d).	107
Imagem 35 - <i>Yole</i> martinellino Irára tripulado (1920).	109
Imagem 36 - Equipe de remadores do Clube Náutico Riachuelo numa <i>yole-franches</i> (s/d).	111

Imagem 37 – Aberlardo Luz, Revista Ilustrada (1920).	112
Imagem 38 - Remadores do quatro com do Clube Náutico Riachuelo em frente à sede situada na Praia de Fora (s/d).	113
Imagem 39 - Valentes <i>martinellinos</i> após o trêno, Revista Ilustrada (1919).	118
Imagem 40 - <i>Yole</i> Irahyba na Praia de Fora (1919).	118
Imagem 41 - Bloco de Torcedoras do Azul e Branco (1919).	119
Imagem 42 - Torcida feminina martinellina (1995).	120
Imagem 43 - Grupo do teatro de Revista Cadê o Bastião (s/d).	126

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – POR QUE ESTUDAR O REMO?	21
CAPÍTULO I: A VERTICALIZAÇÃO DOS CORPOS: O <i>CANOTAGE</i>, O <i>ROWING</i> E O REMO	27
1.1 DE PARIS A LONDRES: O <i>CANOTAGE</i> SE ENCONTRA COM O <i>ROWING</i> .	31
1.2 NO BRASIL: CORPOS PARA A NAÇÃO	43
1.3 O REMO ENTRE RIO DE JANEIRO E RIO GRANDE DO SUL.....	45
CAPÍTULO II: AS CIDADES QUE CAMINHO	53
2.1 CARTOGRAFIAS DE DESTERRO.....	61
2.2 UM CLUB DE REGATAS CHAMADO 29 DE ABRIL E SUAS BICICLETAS. 68	
2.3 CARTOGRAFIAS DE FLORIANÓPOLIS.....	72
2.4 “PARA VENCER E ABORDAR”: OS CLUBS NÁUTICOS RIACHUELO E MARTINELLI E O CLUB DE REGATAS ALDO LUZ.....	78
2.5 DE FEDERAÇÃO À CONFEDERAÇÃO E DE CONFEDERAÇÃO À LIGA NÁUTICA DE SANTA CATARINA	85
2.6 O “NOVEL” CLUB NAUTICO PARA OS OPERÁRIOS	89
CAPÍTULO III: “PUGNAS ESPORTIVAS”	99
3.1 OS CORPOS EM DESAFIOS.....	108
3.2 UMA REVISTA ESPORTIVA PARA O REMO.....	114
3.3 AS APOTEOSSES E OS CLUBES NÁUTICOS.	122
CONCLUSÃO – UM MAR ACONTECIMENTAL	129
REFERÊNCIAS	133
FONTES	138

Introdução – Por que estudar o Remo?

Aos seus lugares remadores/ A regata vai
começar/ E com ela a sensação/ Dum esporte
milénar/ O remo é um esporte salutar/ Seja na
chuva, seja no sol/ Na lagoa ou no mar/ É
saudável de se praticar

(...)

O remador corre sempre pra ganhar/ Na sua
singleza vai mostrar/ Que o importante é
competir/ Construir e gravar o seu nome na
história

(...)

Muitos aplausos quer ouvir/ Mas para isso
consequir/ Tem que treinar, tem que suar/ Para
conquistar a vitória¹

No Brasil, os estudos sobre a História do Esporte é ainda um recente campo de investigação. Na área da História, as pesquisas sobre o esporte e seu universo cresceram quantitativamente após a década de 1990, sendo a Universidade Federal do Rio de Janeiro uma das pioneiras nestes estudos. No ano de 2007, nesta universidade, o Prof. Victor Andrade de Melo organizaria um dos primeiros Laboratórios de História do Esporte e do Lazer - SPORT, que se vincularia ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada.

Com pesquisas centradas na perspectiva da investigação multidisciplinar, os estudos do esporte e do lazer, desenvolvidos no Laboratório SPORT, tem como objetivos “a preservação da memória do Esporte (documentos, fotografias, obras de arte, filmes, letras de música, obras literárias, depoimentos e todo tipo de fonte que possa contribuir para o desenvolvimento de estudos históricos), fazendo uso de recursos eletrônicos/da internet para difusão do material coletado”² e o

¹Hino do Remo: Esporte milénar. Confederação Brasileira do Remo. Letra e Musica: Éden Francisco Lopes. Disponível em: http://www.cbr-remo.com.br/files/institucional_hino_remo.asp

²Laboratório de História do Esporte e do Lazer – SPORT. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Acesso: <http://www.sport.ifcs.ufrj.br/>

desenvolvimento de “estudos históricos com o intuito de discutir a presença do Esporte nos diversos contextos sociais em que se insere”³.

Em Santa Catarina, particularmente, os estudos a cerca da História do Esporte centraram-se nas áreas da Educação Física e, muito timidamente, na Educação Interdisciplinar. No entanto, no ano de 2008 o Laboratório de História e Arte (Labharte), da Universidade Federal de Santa Catarina, organizaria um grupo de pesquisa sobre a presença do Remo na capital catarinense, que seria coordenado pelos Prof^{os}. Dr^{os}. Maria Bernardete Ramos Flores e Henrique Espada.

Com os primeiros passos da pesquisa centrados na catalogação de dados, tais como jornais, imagens e livros, o Laboratório de História e Arte constituiu um considerável corpus documental sobre o tema. Dos acervos pessoais e públicos, algumas imagens foram resgatadas sobre o Remo e seus remadores. Das entrevistas, com ex-remadores, foi possível compreender algumas diferenças desta prática náutica, no que tange ao espaço da cidade e na concepção de treinar. Livros e teses acadêmicas foram fichados, estudados e comparados, entre eles Maury Dal Grande Borges, *Remando nas águas da história* (2002), Henrique Licht, *O remo através dos tempos* (1986) e Carlos B. Hofmeister, *A pequena história do remo gaúcho* (1978).

Pensada inicialmente, pelo grupo de pesquisa do Labharte, para narrar uma História do Remo na capital catarinense através das imagens catalogadas, o projeto escrito para a seleção de mestrado tomaria outros rumos.

As leituras oriundas das Literaturas, da História, da Filosofia e da Sociologia, que foram realizadas no decorrer do percurso do mestrado, possibilitaram um experimentar na pesquisa e, conseqüentemente, na escrita do trabalho. Este trabalho não apresentará uma origem do Remo ou quadros estatísticos dos ganhadores das regatas da década de 1920. A ideia para escrever esta dissertação partiu das observações das notícias e das pequenas crônicas encontradas em Jornais da capital catarinense. Relações da prática do remo com uma intelectualidade florianopolitana foram pensadas; relações com a transformação do espaço urbano na cidade de Florianópolis no início do século XX também foram pensados. No entanto, os jornais teriam muito mais dados a fornecer a pesquisa. A cidade que veria a prática do Remo também veria novas expressões serem utilizadas no dia-a-dia, como por exemplo as

³Idem.

expressões escritas para designar os remadores e suas embarcações: *rowers* e *yoles-meninas*. Assim, a partir destas observações, a dissertação recebeu o título: *Na alvorada de um Sport: o Remo na Ilha de Santa Catarina*. Aqui, faz-se necessário um destaque para duas palavras que compõem o título.

A palavra *alvorada*, aqui, tem dois sentidos: primeiro, remete a hora em que a “guapa rapaziada” encontrava-se para exercitar o físico nos galpões a beira-mar; e, segundo, pelo Remo vincular-se com as políticas modernizadoras, ou seja, aos novos tempos, aos novos homens e as novas cidades, tanto na Paris, em Londres quanto no Brasil - Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Florianópolis. Já a palavra *Sport* é utilizada apenas como uma referência as notas do Jornal O Estado. Este que designava as atividades gerais da prática do Remo com a palavra *Sport*. Desta maneira, para esta dissertação, optou-se por não promover um debate a cerca da origem da palavra ou sua concepção histórica nas práticas dos exercícios. Já que o *Sport* ou Esporte, na área da História, precisa ser melhor estudado.

As imagens reproduzidas no decorrer da dissertação, como dito anteriormente foram muitas delas adquiridas de intensas buscas em acervos particulares e/ou públicos, não sofreram grandes análises ou estudos. Estas, ainda podem ser fonte de novos estudos sobre a prática do Remo na capital catarinense. Apenas as imagens individuais do jovens remadores são brevemente analisadas ao longo da dissertação.

Dividida em três capítulos distintos, esta dissertação é composta de certa multiplicidade, ou melhor, a partir da prática do Remo na capital catarinense em meados da década de 1920 pensou-se numa rede de relações: corpo, cidade e sociabilidades. Assim, esta dissertação não aborda o Remo e sua prática a partir de uma unicidade, de algo uno, mas sim de diversos ângulos.

O primeiro capítulo recebeu o nome de *A verticalização dos corpos: O Canotage, o Rowing e o Remo* e encontra-se dividido em três subcapítulos.

Partindo das leituras de Alain Corbin, Georges Vigarello e Norbert Elias, o primeiro capítulo parte de uma história dos exercícios físicos e das organizações das primeiras Sociedades de Ginástica, na Paris do século XIX, para buscar uma relação da prática daqueles com a disciplina do corpo, ou dos novos homens. No Brasil, começo do século XX, a prática dos exercícios físicos seria incentivada por intelectuais e

higienistas como uma maneira de fortalecer a nação e esquecer o atraso que fora a monarquia.

O segundo capítulo teve sua origem durante as leituras de Ernest Hemingway, principalmente da obra *Paris é uma festa*. Escrever algo sobre o Remo aliado com o observar a cidade, partindo da ideia do jovem Tate quando este observava a cidade de Paris e a bela jovem num café simples de uma esquina qualquer, seria inevitável:

Eu te vi, oh beleza, tu me pertences agora, seja quem for que estejas esperando e mesmo que nunca te veja mais em toda a minha vida - pensei – Tu me pertences, toda Paris me pertence e eu pertencço a este caderno e a este lápis⁴.

Com um caderninho, os rabiscos de um mapa imaginário e uma máquina fotográfica o caminhar pela cidade de Florianópolis tornou-se uma ideia.

Entre os dias de semana e os finais de semana, as caminhadas traziam novas observações sobre a cidade e a presença do Remo. Então, como poderia uma cidade possuir três Clubes de Remo, exportar remadores e pouco se saber desta história? Onde estavam as ausências, as presenças e os esquecimentos desta prática náutica na cidade? Alguém pintou o Remo? Alguém versou sobre o Remo? Algum monumento? Assim, com estas questões surgiu o segundo capítulo que recebeu o nome *As cidades que caminho* e se encontra dividido em seis subcapítulos.

As cidades que caminho parte da presença do Remo na cidade do presente para a cidade de um passado. Através das leituras de Guy Debord, Cristina Freire, Michel de Certeau, Massimo Canevacci e Sandra Jatahy Pesavento encontrei as bases necessárias para apoiar a ideia do caminhar pela cidade e as relações de sentimento que esta estabelece com seus habitantes. Também é neste capítulo que apresento às fundações dos Clubes Náuticos Riachuelo e Martinelli e o Clube de Regatas Aldo Luz, intrincadas com os espaços da cidade de Florianópolis.

Ainda timidamente, devido aos poucos dados encontrados, narro a presença de um Clube de Remo para os operários que foi fundado no

⁴HEMINGWAY, Ernest. *Paris é uma festa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p.10.

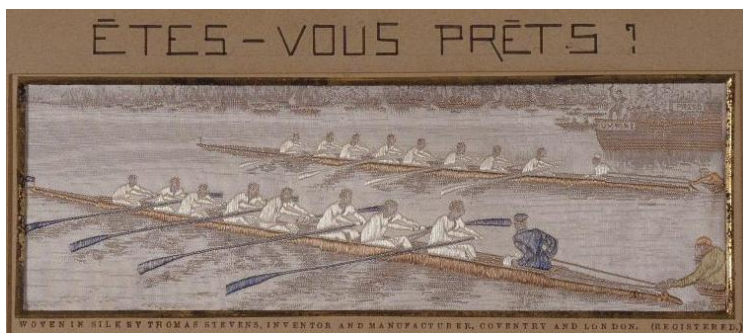
ano de 1921, no salão da sede da Liga Operária de Florianópolis. Estes, que encontravam-se às margens das raias principais do Remo, sempre corridas pelo Riachuelo, Martinelli e Aldo Luz, permitiu um outro olhar sobre as relações do trabalhador e sua profissão com a prática do Remo. Aqui, neste capítulo, também é apresentado o estatuto de fundação da Confederação de Remo, ou Liga Náutica de 1923, que determinaria quem seriam os remadores e quais profissionais poderiam praticar o Remo nas regatas de Abril e Novembro.

O terceiro capítulo, particularmente construído com a idéia de pequenas narrativas sobre as sociabilidades do Remo na capital catarinense, recebeu o título de “*Pugnas Esportivas*”. Nome que foi inspirado, mais uma vez, nas expressões utilizadas pelos jornais para apresentar as regatas de Abril e Novembro, ou as regatas oficiais da Liga Náutica.

Divido em três subcapítulos, as relações sociais – festas, financiamentos e imagens -, o corpo do remador com a embarcação, a presença das torcedoras, as expressões utilizadas pelos jornais e as produções literárias, de uma intelectualidade florianopolitana, compõem a série das sociabilidades.

Assim, *Na alvorada de um Sport: O Remo na ilha de Santa Catarina* busca contribuir, de maneira simples e bastante abrangente em sua forma de olhar para o Remo, para a questão que intitula esta introdução: por que estudar o Remo?

Rowers,



Thomas Stevens. Êtes-vous prêts? Acervo: Joconde-Portail des collections des musées de France (1880).

CAPÍTULO I

A Verticalização dos corpos: O Canotage, o rowing e o Remo

Sans aucun doute, la nouveauté ne se limite pas à l'imperceptible création d'un loisir, autour de 1840-1850, avec ces pratiques de turf, de canotage ou ces quelques autres jeux bientôt appeles sports. La nouveauté porte encore sur la manière d'évoquer le mouvement corporel, d'en souligner la vitesse et l'économie⁵.

Os esportes atléticos, inventados por volta do final do século XIX, aproximam-se de outras práticas físicas como a ginástica, a dança e seus movimentos e aos jogos diversos. Mas é com a modernidade, durante os primeiros anos do século XX, que o movimentar-se esportivo torna-se técnico, rigoroso e ordenado. É a vez do treino cronometrar as formas e as práticas do esporte para o alcance máximo do corpo. Fortalecimento voluntário com a ampliação da tenacidade e da segurança e do investimento muscular são exemplos dos impactos psicológicos que se propunha ao incentivar o treinar ou o praticar de um esporte. Publicações durante as primeiras décadas do século XX, como as enciclopédias e dicionários da vida prática, jornais e revistas – algumas próprias sobre o tema esporte –, apresentavam os primeiros estudos sobre os efeitos do esporte no corpo e os inúmeros métodos acerca do melhor meio de se adquirir a excelência corporal.

Na França, por exemplo, Philippe Tissié⁶ publicaria quatorze artigos na *Revue Scientifique*, entre 1896 e 1907, para exaltar a ginástica

⁵“Sem nenhuma dúvida, a novidade não se limita a imperceptível criação de um lazer, por volta de 1840-1850, com suas práticas do *turf* (esporte britânico que promove as corridas e os treinos de cavalo), de canoagem ou quaisquer outros jogos também chamados de esportes. A novidade está, ainda, sobre a maneira de evocar o movimento corporal, de realçar a vitalidade e a economia.” Tradução livre. VIGARELLO, Georges. *Le temps du sport*. In: CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs* (1850-1960). Paris: Champs histoire, 1995. p. 264.

⁶Philippe Tissié (1852-1935) foi um médico francês que se baseou nos discursos higienistas para desenvolver estudos sobre a sistematização dos movimentos dos exercícios físicos, e aplicou seus estudos nas escolas francesas e nas práticas esportivas. Cf. SOARES, Carmem Lúcia. *Educação Física: Raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004. p.65.

sueca e a importância de seus movimentos rígidos e rigorosos. Edmond Desbonnet se atém ao uso exclusivo dos extensores, ou os *exerciseurs*; enquanto os capitães de navios, responsáveis pelas recrutas da marinha, acreditam que os únicos movimentos corretos para desenvolver metodologicamente o corpo são os exercícios naturais – a caminhada, a corrida, o salto. No final do século XX, Michel Serres, em seu livro *Variações sobre o corpo*, dedica às páginas escritas aos seus professores de ginástica e aos treinadores e guias de montanhismo, pois fora com eles que aprendeu a pensar, a disciplinar os gestos do seu corpo e a condicionar os seus músculos - “Eles ensinam o poder do corpo”⁷.

Oposições diversas e dispersas revelam o triunfo definitivo dos exercícios construídos, dos movimentos sistemáticos, mecânicos e precisos que visavam unicamente o controlar dos recursos físicos do corpo.

Mas entre Michel de Serres, os capitães da marinha e seus recrutas e alguns estudiosos franceses, como os citados, uma palavra impõe-se e atravessa o conjunto de métodos e práticas durante mais de um século: a palavra treinamento.

Reservada ao trabalho de preparação dos cavalos de corrida, a palavra treinamento consistia numa prática de “corridas seguidas de cuidados que tem por objetivo livrar o cavalo de seu supérfluo e ensiná-lo a correr”⁸. Para o corpo a palavra treinar ampliou seu significado. Através da banalização das ginásticas⁹, no final do século XIX, e a da

⁷SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p.35.

⁸LAISNÉ, N.A.. *Dictionnaire de Gymnastique*. Paris: Picard-Bernheim. 1882. p.85; PEARSON, N. *Dictionnaire du Sport Française*. Paris: Picard-Bernheim, 1872. p.254. Apud VIGARELLO, Georges. *Treinar*. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História do corpo* 3. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. p.200.

⁹A origem da palavra ginástica vem do grego *gymnikos*, adjetivo relativo aos exercícios do corpo, e *gymn(o)*, elemento de composição culta que traduz a ideia de nu, puro e simples. A prática da ginástica compreendia os exercícios militares de preparação a guerra e o canto. Após a segunda metade do século XIX e os novos estudos sobre o movimentar-se do corpo, passou-se a considerar os jogos populares e da nobreza, acrobacias, corridas, equitação, esgrima e dança. Cf. SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2005. p.20.

constituição da *performance*, a primeira vinculada especialmente no desenvolvimento do corpo físico do soldado e a segunda desenvolvida a partir de estudos para se obter uma preparação corporal eficiente, o treinamento passou a visar o corpo como uma máquina que deveria ganhar em eficiência. Passando a calcular o tempo e o gasto de energia, a *performance* afirmava-se na busca da progressão e do resultado em dosagens exatas para diminuir o esforço. É a vez do alcance de recordes ou, como prefere Georges Hébert, “*Performances* atléticas”, “*Performances* próximas dos limites da capacidade humana” ou “*Performances* máximas”¹⁰.

Debates acerca dos resultados, das dosagens e do esforço aplicado pelos praticantes durante os dias de treinos eram promovidos. Era preciso treinar para melhor perceber e melhor sentir o corpo, melhor sentir músculos e movimentos.

Multiplicam-se os registros, objetivando sempre mais o progresso e suas previsões: três meses de lições, por exemplo, para aumentar o perímetro do peito de 10cm, o perímetro do pescoço, ou as barrigas das pernas de 4,5cm, o perímetro das espáduas de 15cm, segundo a Escola de Cultura Física em 1903¹¹.

Pulmões minuciosamente calculados para que a energia gasta corporalmente não comprometesse os glóbulos corporais, tórax lançado para frente, espáduas lançadas para trás, a parte superior do corpo desnudo para melhor destacar seu desenvolvimento, eram algumas das orientações para o alcance da perfeição. Listas de corpos morfológicamente hierarquizados eram publicadas pelas comissões médicas dos jogos Olímpicos em Paris de 1900. As fotos dos participantes desnudos no tórax apresentavam os dados: “do ‘tipo torácico’ preferido por Demeny¹² ao ‘tipo abdominal’, em 1902, o ‘tipo

¹⁰HÉBERT, G. Le code de la force. Paris : L. Laveur, 1911. p.53. Apud VIGARELLO, Georges. Treinar. In: CORBIN, A. Op. Cit. 2009. p.200.

¹¹VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBAIN, A. Op. Cit. 2009. p.210.

¹²Georges Demeny (1850-1917) foi um biólogo, fisiologista, pedagogo e fotógrafo francês, seguidor do positivismo, que buscava nesta abordagem e em seus estudos das séries de imagens em movimento sequencial um método científico para ensinar ao homem um executar do trabalho mecânico qualquer,

respiratório’ preferido por Sigaud, em 1910, ao ‘tipo digestivo’ ou ao ‘tipo cerebral’.”¹³. Rendimento, dados, centímetros, calendários e cálculos no corpo. Devidamente registrados nas escolas francesas, durante as primeiras décadas do século XX, os corpos passaram a ser comparados em suas proporções e resultados. Jovens corpos testemunhavam as transformações que visavam alcançar o *sportman* perfeito, uma justaposição das palavras *sport*¹⁴ e *man*.

Para além das práticas, métodos, treinos e a busca da perfeição do corpo, o esporte, que primeiramente organizou-se como instituição com regras definidas em Londres, em meados do século XIX, teve em seu desenrolar características bastante próprias nas cidades europeias. Na França, por exemplo, somente no final do século XIX é que se têm os primeiros Clubes e ou Associações esportivos, geralmente Clubes de velocípede, de futebol, de atletismo ou Remo. Organizados numa estrutura democrática e embalada por animadas eleições entre os sócios, estas Associações jogariam um importante papel político na tomada de consciência de identidade. Integrantes possuíam seu papel definido no clube e deveriam cumprir com total devoção, além de se apresentarem como excelentes estudantes, pois visava-se à formação de um cidadão honrado e viril.

O esporte pretende inventar uma moral que promova a competição e ao mesmo tempo o respeito ao outro, a auto-afirmação na

com a maior economia possível no gasto muscular. Cf. SOARES, C. Op. Cit., 2004. p.65.

¹³MÉRILLON, D. Concours internationaux d’exercices physiques et de sports – Rapports, Paris, 1902. Apud VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBAIN, A. Op. Cit., 2009. p.211.

¹⁴“Na Inglaterra, a palavra *sport*, de uso corrente desde o século XVI, era utilizada para definir práticas diversas: atuação teatral, performance musical, diversões em geral e fundamentalmente a caça com fins utilitários. Há aqui a polêmica linguística: aparentemente, *sport* é derivado do francês medieval *desport* (que significa divertimento). De qualquer forma, do ponto de vista do surgimento de um fenômeno social específico, devemos considerar que é mesmo na Inglaterra que vemos as primeiras manifestações mais concretas, que depois chegaram à França, sendo também no continente chamadas de *sport*, uma prova da influência que vinha do outro lado do Canal da Mancha”. Cf.: MELO, Victor Andrade de. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p.12.

solidariedade universal. Jogar significa ser moral, competir ser exemplar (...)¹⁵

Os Clubes e ou Associações esportivos, diferentemente das Sociedades de Ginásticas, procuravam praticar os esportes em espaços abertos, pois o objetivo era favorecer o gosto e o uso dos esportes em geral. Ao ar livre, durante as primeiras décadas do século XX, na França, o automobilismo, o ciclismo, o esporte hípico e o náutico eram os mais procurados pela mocidade leitora das enciclopédias da vida prática. Propagandas como “Fazei vossa escolha. Eis vinte e cinco esportes, pelo menos, que se dirigem a vossos músculos e à vossa inteligência”¹⁶ fascinavam o público pela técnica de gestos dos corpos e pelos instrumentos utilizados, como a bicicleta e as correntes duplas do rolamento ou o aço alongado dos aparelhos de ginástica e canoagem. Neste momento, o treinar e o praticar esses exercícios seria mais do que nunca entrar na modernidade.

As arenas ou os espaços esportivos se transformaram num palco de celebração coletiva, de mistura de distensão, de efervescência e de mercado. Um espetáculo, agora esportivo, passou a criar verdadeiros rituais em que “o engajamento na sociedade do divertimento, com suas referências publicitárias, seu esbanjamento de imagens, seu ludicismo reinventado, fermento principal dos fervores coletivos de nossos dias”¹⁷.

Exibindo a consagração do *sportman*, este que seria narrado por jornais e imagens como a representação do ser inacessível, o igual e o não igual, os espetáculos esportivos legitimariam o poder da perfeição dos corpos e da edificação da moral. Era o momento do confronto entre um homem imaginário com o desenvolvimento e o progresso, que iria inserir-se nas sociedades ocidentais.

1.1 De Paris a Londres: O Canotage se encontra com o rowing

O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se

¹⁵VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBAIN, A. Op. Cit. 2009. p.203.

¹⁶FLEURIGAND, C. *Jeux, sports et grands matchs*. Paris: Firmin-Dido, 1903, p.7-8 Apud VIGARELLO, G. Treinar. In: CORBAIN, A. Op. Cit. 2009. p.203.

¹⁷VIGARELLO, Georges. Estádios: O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, A.Op. Cit., 2009. p.463.

impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrever seus signos como também seus brasões¹⁸.

Marianne era a jovem deusa grega dotada de um nariz reto, testa alta e queixo bem-formado. Seu corpo tendia para formas arredondadas, como a de uma jovem mãe, e seu vestido deixava a mostra os seios. Pintada pelo revolucionário Clement, em 1792, *Marianne* deveria evocar a “França republicana, abrindo seu peito a todos os franceses”¹⁹. *Hércules*, que assumiria o papel de distanciar a massa revolucionária francesa da imagem cidadã de *Marianne*, foi esculpido com o tórax largo e musculoso, espada erguida e corpo em sentido de formação, como os das falanges militares.

Imagens gregas com seus corpos bem definidos representavam heróis em uma Revolução na França no final de século XVIII, enquanto o raiar do século XIX iria retomar os corpos gregos em movimentos olímpicos para educar o homem novo francês que se gestava.

As transformações políticas e sociais ocorridas na França, como a batalha franco-prussiana (1870 - 1871) que resultou na queda da Monarquia e a ascensão da Terceira República Francesa (1871-1940), promoveram debates entre intelectuais e médicos sobre o desenvolvimento físico, a saúde, o patriotismo e a organização militar. Tais debates, que eram oriundos de uma reação aos impactos da guerra e da reorganização do espaço urbano na vida dos indivíduos, como a capital francesa que passava por uma reformulação nas mãos do Barão Georges-Eugène Haussmann (1809-1891), buscaram na sociedade grega a ideia do homem harmônico. Ao considerar-se os legítimos continuadores da cultura grega, os intelectuais franceses da segunda metade do século XIX, pensaram num homem novo, tanto em forma, aparência, linguagem e como em sentimentos. E, o seu corpo deveria ser baseado na retidão de posturas e de hábitos saudáveis. Desta forma, as imagens gregas, como as de *Marianne* e *Herácles*, que outrora

¹⁸VIGARELLO, George. Les corps redressé. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978. p.9. Apud SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2005. p.17.

¹⁹SENNETT, Richard. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 2008. p.235-258. (237)

representavam os heróis de uma revolução e aproximavam a massa populacional de um ideal, passariam a moldar a busca de um homem novo que fosse capaz de suportar a nova ordem política, econômica e social do final do século XIX.

Nascido na Espanha, Francisco Amoros (1770-1848) foi professor e militar espanhol exilado na França durante a primeira metade do século XIX. Desenvolvendo estudos sobre uma ginástica eclética, que se baseava nas observações dos soldados em campo - o caminhar e o correr em diversos terrenos acidentados - Amoros centrou-se principalmente na ideia de construção de um corpo que combatesse a fadiga e que fosse capaz de lutar a qualquer tempo. Aliando corpo, disciplina militar e exercícios físicos, o militar espanhol organizou as primeiras escolas de ginástica, na França, e nelas passou a inserir os exercícios com traves fixas para automatizar e disciplinar o corpo saudável dos futuros soldados.

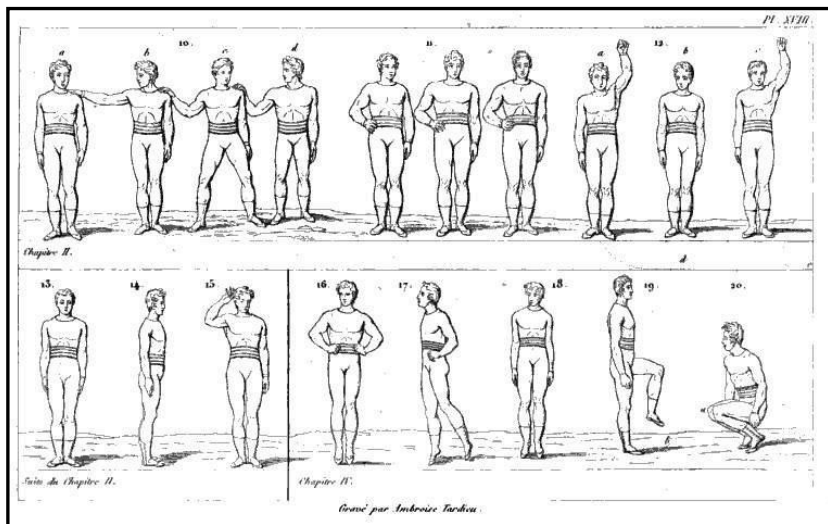


Imagem 2 - Planche extraite du Nouveau manuel complet d'éducation physique, gymnastique et morale (vol. 2), de Francisco Amoros y Ondeano (Marquis de Sotelo), 1848.

Na metade seguinte do século XIX, as pesquisas de Amoros, bem como suas observações sobre a fadiga corporal combatidas nas escolas de ginástica, os debates sobre hábitos saudáveis e as transformações urbanas, fariam com que o governo francês passasse a investir na ideia

de organização de Sociedades de Ginástica para educar o homem novo francês. Abarcando a prática de inúmeros exercícios, como o canto, a esgrima e os exercícios militares, agora agregando os eventos populares, a prática das Ginásticas durante a segunda metade do século XIX sofreria intervenções técnicas. Os estudos da imagem, como as fotos em sequencia dos movimentos do corpo em exercício físico, aliados aos dados sobre o gasto quantitativo da energia, desenvolvidos por George Demenÿ, Philipe Tissié, Fernand Lagrandge e Etienne Jules Marey²⁰, possibilitariam descobrimentos em que homem seria compreendido como uma máquina. Aquele deveria ser educado para obter a máxima potência física com o mínimo de esforço enquanto a beleza, segundo Demenÿ, deveria ser consequência de uma disciplina alcançada através da expressão harmônica geral do corpo. É importante ressaltar que, para estes cientistas franceses, os exercícios físicos deveriam ser indicados a todos os homens, principalmente aos fracos. Assim, nas principais cidades francesas incentivou-se, por intelectuais, cientistas e médicos, a organização de Sociedades que promovessem a prática de exercícios físicos, que não mais estivessem vinculados exclusivamente à prática militar.

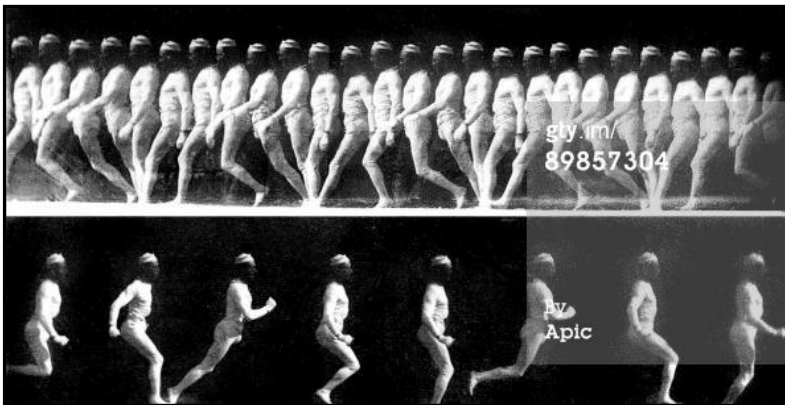


Imagem 3 - George Demenÿ walking and jumping, chronophotography by Etienne-Jules Marey c. 1883.

²⁰Etiene Jules Marey (1830-1904) médico e fisiologista francês, e muito amigo de George Demenÿ, através dos aparelhos fotográficos desenvolvia registros gráficos para os estudos sobre os fenômenos fisiológicos do corpo e colocou em destaque a cronofotografia que afirmou o movimento humano como objeto de estudo científico. Cf. SOARES, C. L. Op. Cit., 2005. p.22.

Fundadas formalmente no ano de 1873, com regras, eleições e livre adesão de sócios, a *Union des Sociétés de Gymnastique de France* baseava-se em discursos de incentivo às práticas da saúde e higiene para formação de novos hábitos nas cidades e na prática de exercícios físicos que visavam conceber corpos saudáveis, corajosos e com energia para a pátria e o trabalho. Promovendo anualmente festas nas principais cidades, Estado e Sociedades difundiam os reflexos das Ginásticas para aliá-la aos novos hábitos e ao homem novo. Canções rimadas e ritmadas aos exercícios eram entoadas, pois segundo os estudos de Amoros, que se baseavam em Aristóteles, o canto era “como a expressão mais energética das paixões da alma, (sendo assim) o instrumento de civilização, de moralização e de regeneração mais poderoso que existe”²¹. No entanto, não seriam apenas as Sociedades de Ginástica que teriam espaços praticados, os exercícios náuticos também passariam a ser incentivados por cientistas, médicos, intelectuais e Estados.

Na ocasião da comemoração dos 50 anos da morte de Marey, na França, editou-se uma pequena mostra dos filmes em que Denemý e Marey promoviam seus estudos. Logo no início das imagens, em preto e branco e com data de 1890, pode-se ver uma gravação da sequência de imagens sobre o *Canotage* e os movimentos que esta prática proporcionavam ao corpo. Não se pode, nem se tem a intenção, de comprovar que estes dois estudiosos franceses do movimento corporal praticaram o *Canotage* e o Remo, mas que o movimentar-se dos remadores e suas posturas estiveram vinculados aos estudos da prática de exercícios físicos não se tem dúvida. Além disto, os exercícios náuticos, como o Remo, estariam também entrelaçados com a exibição do corpo harmônico, a busca do homem competitivo, a reformulação dos espaços urbanos, a ocupação de áreas praticáveis ao ar livre e a aquisição de um tempo livre, durante a segunda metade do século XIX na França.

²¹Valendo-se do pensamento de Aristóteles sobre a influência da música na retidão dos julgamentos humanos, Amoros se utiliza do canto para relacionar o conteúdo que se desejava passar ao aluno, por exemplo: os ritmos lentos e graves eram para conteúdos sérios e os moderados e calmos para o pensamento filosófico. AMOROS, Francisco y Odeano de. *Nouveau manuel d'education physique, gymnast et morale*. Paris: A La Librairie Encyclopedique de Roret, vol. I, 1838. p.68-110. Apud SOARES, C. L. Op. Cit., 2005. p.47-50.

Le canotier de 1840 affronte la Seine le dimanche, soigne son bateau jusqu'à préparer ses courses, lui qui ne possède «qu'un jour de la semaine à consacrer à ses plaisirs»²².



Imagem 4 - Dessinateur de Jules Despres, et graveur de Paissart. *Le dimanche aux environs de Paris*. 4^e quart 19^e siècle. Acervo: Joconde-Portail des collections des musées de France.

Sobre as origens do Remo e sua prática, são inúmeras as narrativas. Para muitos pesquisadores, o Remo está nos relatos de Virgílio, na Eneida. Outros preferem argumentar que os barqueiros do antigo Egito, ao correrem pelo Nilo, competiam para ganhar a honra de participar na procissão funerária do faraó. Ou ainda, que o Remo teria suas origens nas competições entre os gondoleiros e seus barcos a remo na Veneza de 1315.

Narrado de inúmeras maneiras seria somente no final do século XIX que o Remo tornar-se-ia uma prática de exercício físico pensado

²²“O *Canotier* de 1840 enfrenta o Sena no domingo, trata da embarcação ao preparo do percurso, é aquele que possui «um dia da semana consagrado aos seus prazeres»”. Tradução livre. VIGARELLO, Georges. *Le temps du sport*. In: CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs* (1850-1960). Paris: Champs histoire, 1995. p. 259.

para uma competição e estruturado de forma a educar os corpos. Uma prática de exercício físico que prepararia os homens para resistir à fadiga e obter uma máxima movimentação muscular. Pois, o movimentar-se do Remo seria considerado como uma das mais completas atividades físicas. A postura do corpo na embarcação envolveria grande parte dos grupos musculares e sua prática aliada à resistência e força exigiriam níveis muito elevados de força muscular e de resistência à fadiga.

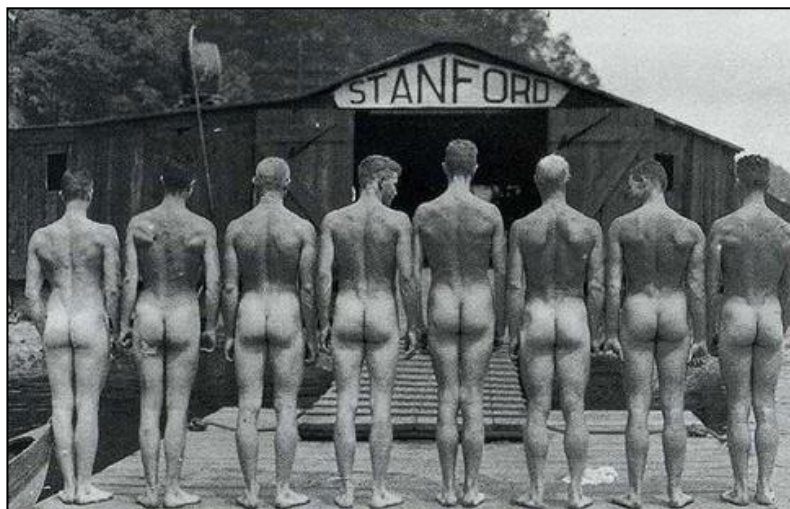


Imagem 5 - *Stanford University*, Inglaterra, (s/d). Imagem:
www.stanford.edu

Praticado desde o século XVIII na Inglaterra, e tendo suas primeiras corridas organizadas pelo *Eton College* (1811), o *rowing* - ou Remo - levaria inúmeros observadores às margens do rio Tâmisa para acompanhar as corridas. Criando tradicionais regatas, como a entre *Oxford* e *Cambridge* (1829), o Remo seria incentivado pelas tradicionais escolas inglesas, devido ao desenvolvimento físico que proporcionava aos jovens ingleses, ao incentivo do trabalho em grupo e à ideia de competição salutar.



Imagem 6 - Fotos tiradas no *Crew Studios*, EUA, *Penn University* (1889 e 1892). Acervo: www.upenn.edu

Na França, a prática do Remo encontrar-se-ia com a prática do *Canotage*, uma prática cidadina e experimental que propunha um rompimento com o trabalho e com o tempo cotidiano na Paris de meados do século XIX. Utilizando pesados barcos com velas e contando com a presença do *canotier*²³, amadores e ‘amantes’ das construções náuticas passariam a calcular o tempo e as distâncias para adaptar as embarcações a uma melhor velocidade e tempo.

²³O termo *Canotiers*, utilizado durante parte do século XIX, é oriundo dos marinheiros que assumiam funções de orientação nas embarcações; com a organização dos clubes náuticos franceses, a partir de meados do século XIX, o termo sofre alteração e *aviron* passa a ser utilizado ao praticante do Remo. Cf. WILLAUMEZ, Jean-Baptiste-Philibert. *Dictionnaire de Marine*. Paris: Bachelier, Père et Fils, Libraries pour la Marine. 1831. pp.50 - 122.

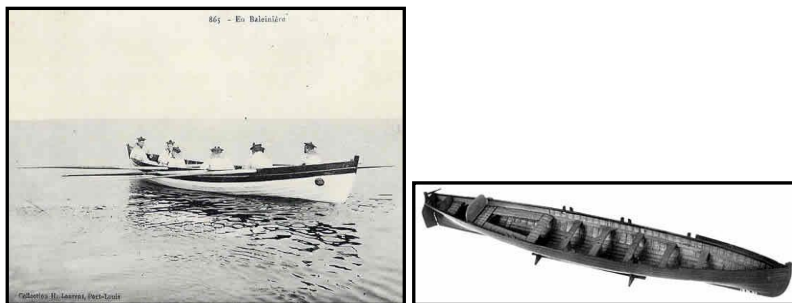


Imagem 7 - Da esquerda para direita: Embarcações Balenaire (1850) e canot-yole. Acervo: L'histoire du bateaux: <http://www.histoire-bateaux-aviron.fr/batlexiqueAM.html>

Concebendo novas posturas e novas embarcações, o *Canotage* passaria a ser praticado pelos “jeunes bougeois suffisamment riches pour acheter une embarcation et transformer en affrontements de simples flâneries d’agrément (...)”²⁴ e “d’honnêtes jeunes gens de Paris, avocats stagiaires au clerks d’avoués”²⁵ percorreriam as regiões de *Charenton* e *Suresnes*, ao longo do Sena, com seus *canot-yoles*, ou simplesmente *yoles* e exibiriam os corpos magros e longilíneos. Conhecidos por *aviron*, o novo personagem do horizonte parisiense no início do século XX, tripulava o *yole* e seria a imagem da nova ideia de se estar ‘moderno’, o “corpo humano é uma máquina que, sem escapar às leis mecânicas evolui nas suas leis e se adapta porque é uma máquina consciente”²⁶.

²⁴Tradução livre: “jovens burgueses suficientemente ricos para comprar uma embarcação e transformar em simples *flâneriers* (...)”. Cf. VIGARELLO, Georges. Le temps du sport. In: CORBIN, A. Op. Cit., 1995. p. 258.

²⁵Tradução livre: “os jovens honestos de Paris, estagiários de advocacia à funcionários”. Ibidem.

²⁶VIGARELLO, George. Les corps redressé. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978. p.211. Apud SOARES, C. L. Op. Cit., 2005. p.51.

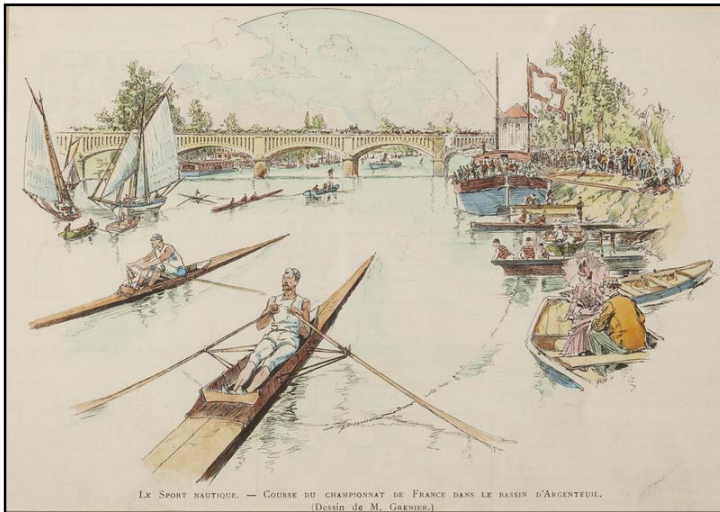


Imagem 8 - Ilustrateur de Grenier, *Le Sport Nautique*, (3^o quart 19^o siècle). Acervo: Joconde-Portail des collections des musées de France.

Fundando em 1892 a *Fédération Internationale des Sociétés D'Aviron*, que se estruturou tomando por base as Sociedades francesas de Ginásticas com a prática competitiva inglesa, a *FISA* passaria a ditar as normas em todos os países em que o Remo seria praticado. Agora, o *aviron*, ou os *rowers*, passariam a ser calculados por suas massas corporais aliadas à embarcação, roupas seriam produzidas para um melhor movimentar-se da musculatura no ato da regata e o Remo veria a sua evolução como esporte, basear-se na classificação das provas de acordo com o número de remadores. Assim, surgiram competições que variavam de um a oito homens, com ou sem timoneiro (ou patrão). Uma malha também seria ajustada ao corpo. O *Jersey* utilizada pelos remadores nas competições, primeiramente apresentava-se em tonalidades escuras, para abafar as formas ainda em formação e, depois, mais claro e listrado em tons de azul e vermelho para marcar o corpo já viril do jovem remador.

Os espaços das cidades também sofreriam modificações. O Remo, tanto na França quanto na Inglaterra, atrairia um considerável número de espectadores as margens do Sena e do Tâmesa. Assim, governos, Clubes Náuticos e imprensa perceberam a necessidade de organizar e disciplinar os observadores das regatas em espaços mais apropriados.

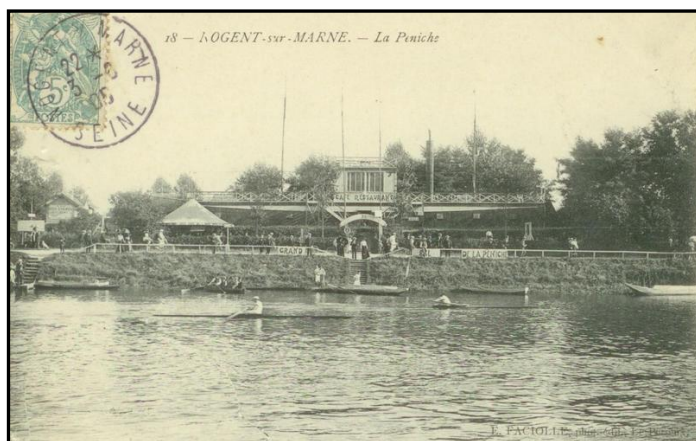


Imagem 9 - Carte Postale (1905). Acervo: Joconde-Portail des collections des musées de France.

Com Sociedades de Regatas fundadas desde 1853, como “La Société des régates parisiennes en 1853, la Société des régates lyonnaises en 1854 (...) et l’Union nautique de Calais en 1863”²⁷, que se encontravam irregularmente para desafios ao longo do Sena e, em certas ocasiões, corriam por alguns francos, a França conceberia em 1870 o “plan general de l’établissement du sport international”²⁸ na região da *île Seguin*. Porém, o projeto, que deveria agregar também os demais Clubes, não sairia do papel e somente no final do século XIX, os estádios náuticos passariam a ser repensados e a eles seriam agregados pequenos espaços com restaurantes e cafés.

A imprensa também ganharia seu espaço com o advento das Sociedades e dos Clubes esportivos. No final do século XIX, surgiria *Le Vélo*, um periódico francês que apresentaria a vida dos esportistas, os dias de competições e o público. Trazendo em suas páginas assuntos relacionados aos resultados das provas, a imprensa se reinventava ao aliar as imagens dos esportistas a produtos e ao público. Imagem, publicidade e venda, uma inovação para a época.

²⁷VIGARELLO, George. *Passion sport: Histoire d’une Culture*. Paris: Textuel, 2000. p.103.

²⁸Ibidem.

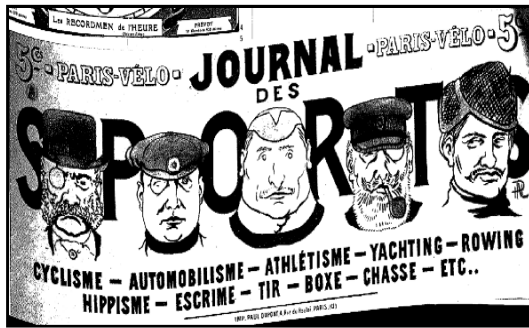


Imagem 10 - Journal des Sports, Paris-Vélo, (1895). Imagem reproduzida do livro *Passion du Sport* (2000).

Com um universo em que a busca da *performance* e do recorde iria “abrigar progressivamente um novo espaço mítico com suas largadas, seus horizontes definidos, seus heróis. Um universo dado quase como uma contra-sociedade, modelo puro da nossa, cultivando igualdade, mérito e lealdade”²⁹ o Remo ganharia seu espaço e se tornaria um dos principais esportes no início do século XX. Entrando para a lista dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, os Jogos Olímpicos de Atenas no verão de 1896, as regatas não ocorreriam, pois uma forte ressaca, com ondas gigantescas, obrigou a anulação das provas. Somente nos Jogos de Paris, em 1900, as regatas ocorreriam e a França dominaria as competições vencendo seis das 14 medalhas em disputa.

Assumidas com certas particularidades em Paris e Londres, as práticas dos exercícios físicos e os esportes, num contexto de revolução industrial, urbanização, modernização e nacionalismos, passaram a ser pensados como prioridade na política cultural. Formadores de homens modernos para a nova sociedade, que demandava uma educação dos gestos e de civilidade, de perfectibilidade, de saúde e de vigor, seus corpos ainda estiveram intrincados com a busca de espaços para a prática de exercícios, na construção de tempos livres, de sociabilidades, do espírito de conquista e de competição.

Norbert Elias, um dos principais pesquisadores a pensar o desporto³⁰ numa sociologia histórica e “atenta às configurações e ao

²⁹Idem. p.66.

³⁰No dicionário Larousse, desporto significa prática metódica de exercícios físicos com a finalidade de aumentar a força, destreza e a beleza do corpo; para Georges Hébet (1935), todo o gênero de exercícios ou de atividades físicas tendo por fim a realização de uma performance e cuja execução repousa

processo da civilização”³¹, centrando seus estudos no futebol e no *rugby* inglês, escreveu que na Inglaterra as relações entre o controle da violência, a emergência, a difusão do futebol e o sistema político ocorreram de maneira horizontal. Ou seja, para o autor as regras estabelecidas surgiram das inter-relações dos grupos em conflito, enquanto na França, a Corte e, mais tarde, o Estado impunham regras e comportamentos ‘vindos de cima’. Argumentado desta forma, Norbert Elias apresenta uma importante diferença entre as sociedades inglesa e francesa que esteve presente nas práticas dos exercícios físicos, nos esportes e, conseqüentemente, na prática do Remo. Baseando-se a concepção de seus homens modernos numa política vertical e horizontal, França e Inglaterra, respectivamente, difundiram ideais de corpos perfeitos aliados à prática dos esportes.

1.2 No Brasil: corpos para a nação

O esporte e a ginástica, como prática civilizadora, coadjuvante da formação dos jovens e do embelezamento dos corpos na conquista de um povo forte, foram estratégias utilizadas nas políticas modernizadoras. Tais práticas estiveram ligadas à ideia de progresso, aos processos de urbanização, industrialização e educação do corpo físico em todo o mundo ocidental³², principalmente durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX.

No Brasil, no final do século XIX, com a Proclamação da República, abre-se o ciclo modernizador. O ideal do “homem universal”³³, oriundo da educação liberal francesa, desperta uma política educacional no Brasil. As escolas passaram a implementar a ginástica

essencialmente sobre um elemento definido: uma distância, obstáculo e etc; em George Magname (1964), desporto é uma atividade de lazer cuja dominante é o esforço físico, praticada por alternativa ao jogo e ao trabalho, de uma forma competitiva. Para Norbert Elias o termo desporto é utilizado de maneira bastante vaga e até abrangente para relatar confrontos de jogos de numerosos gêneros. ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

³¹ Idem, p.7

³² ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

³³ O homem universal seria concebido através uma educação nacional baseada no desenvolvimento do corpo através de exercícios físicos – da ginástica francesa. Cf. SOARES, C. L. Op. Cit., 2005. p.42-43.

francesa em seu currículo. Rui Barbosa e Fernando Azevedo, dois importantes intelectuais, acreditavam que a prática da ginástica aliada aos estudos auxiliaria na formação dos novos homens brasileiros para a nação. Sabe-se que ambos, o primeiro um político e jurista e o segundo professor-pesquisador dos estudos atléticos, eram leitores das publicações de Philippe Tissie e George Demeny³⁴.

Os debates da invenção de um *povo*, tendo no mestiço³⁵ o eixo simbólico da unidade nacional, eram abordados por alguns intelectuais, médicos e políticos que “propagandeavam a eugenia no Brasil”³⁶ para promover o rompimento dos discursos de indolência, incapacidade, atraso e doenças. Baseando-se em “medidas profiláticas, como higiene sexual das famílias, até as práticas corporais, como o canto orfeônico, a ginástica, a educação física, o escotismo (...)”³⁷ aqueles homens acreditavam que com tais medidas seria possível alcançar resultados benéficos para a constituição de um corpo saudável e para o alcance da “perfectibilidade” da “raça em formação”³⁸.

Assimilando seletivamente os estudos sobre a prática da ginástica francesa, questões sobre saúde e urbanização de cidades, no padrão arquitetônico francês - como a reforma de Pereira Passos no Rio de Janeiro³⁹ -, parte da elite brasileira letrada, formada por médicos higienistas, percebeu que o incentivo à prática de um esporte possibilitaria uma tomada de consciência para uma nação forte, uma raça forte.

³⁴SOARES, C. L. Op. Cit., 2005. pp. 65-102-110.

³⁵Segundo Maria Bernardete Ramos Flores, “a nova interpretação das teorias raciais possibilitava o abandono, pelo menos em parte, da visão negativa dos cruzamentos raciais. Os *bons* mestiços, ao se reproduzirem sob a tutela da eugenia, alcançariam o branqueamento e a homogeneidade étnica.” Cf. FLORES, Maria Bernardete Ramos Flores. Tecnologia e estética do racismo: Ciência e arte na política da beleza. Chapecó: Argos, 2007. p.64.

³⁶Idem, p.66.

³⁷Idem, p.64.

³⁸Ibidem.

³⁹Sobre o tema indica-se as leituras: BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical: A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1992 e ENGEL, Magali Gouveia. *A loucura na cidade do Rio de Janeiro: idéias e vivências (1830-1930)*. Doutorado, Campinas: UNICAMP, 1995.

Sabendo que o incentivo ao esporte envolvia imagens de corpos perfeitos e promovia uma sensibilidade de liberdade e efervescência na mocidade, assim como ocorreu em Paris e na Inglaterra nos eventos dedicados aos esportes em meados do século XIX, médicos passaram a apoiar os esportes náuticos “que desenvolvendo o tórax e abrindo o peito, mostravam-se elementos de preservação contra decadência e a moléstia”⁴⁰. Uma revista dedicada ao tema esportivo passou a circular no Rio de Janeiro - *A Canoagem*⁴¹. Apesar de sua duração efêmera, em seu primeiro editorial, escrito por Samuel Pontual Júnior, podia-se ler:

Um dia de regatas é um estímulo... O nosso público, galvanizado por uma animação estranha, glorificado por um sol que inunda de luz, testemunha às escancaras que ama de preferência o sport da canoagem - e esta é também nossa predileção, mas nosso semanário terá mais latitude, versará sobre todos os sports organizados no paiz... nosso fim é propagar e estimular os sports, que mais vantagens apresentam sob o ponto de vista do desenvolvimento físico de uma raça, inculcando o assunto de nossa particular eleição⁴²

1.3 O Remo entre Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul

Com corridas náuticas organizadas desde meados do século XIX, durante este período não se pode precisar se eram regatas de entretenimento ou com caráter esportivo, em cidades como Rio de Janeiro, Porto Alegre e Florianópolis, o Remo contaria com os primeiros Clubes Náuticos organizados por imigrantes franceses, alemães e italianos. No Rio de Janeiro foi o *Union de Canotiers* de 1892, também

⁴⁰WEBER, 1910, p.1-3 Apud FARIAS, Claudia Maria de. *Febre esportiva: esporte náutico e modernidade no Rio de Janeiro (1895-1914)*. Dissertação de Mestrado em História Social da UFF, Rio de Janeiro/Niterói, 2005. p.24.

⁴¹Fundada a 4 de julho de 1903, A Canoagem estava vinculada a Federação Brasileira das Sociedades do Remo e já no ano seguinte, em janeiro de 1904 encerra suas atividades. Cf. MENDONÇA, Alberto de. *História do Sport Náutico no Brasil*. Rio de Janeiro: FBSR, 1909. p.102. Apud FARIAS, C. Op. Cit., p.64-71.

⁴²PONTUAL JUNIOR, Samuel. *A Canoagem*. Rio de Janeiro, ano 1, n.1,4 de julho 1903. p.1. Apud FARIAS, C. Op. Cit. p.61.

chamado de Clube dos franceses, e em Porto Alegre o *Ruder Club Porto Alegre* de 1888. Este último ficaria conhecido pelo seu vínculo com os Clubes Náuticos alemães, de onde viriam a adquirir as primeiras embarcações⁴³.



Imagem 11 - Guarnição do *Ruder-Club Porto Alegre* em 1899. A partir da esquerda Fritz Jaeger, Arthur Mundt, Gustavo Woebke, Alexandre Bleckmann e o timoneiro Otto Zeschky. Imagem: ronaldofotografia.blogspot

A introdução do Remo no Rio Grande do Sul deu-se por uma iniciativa germânica no ano de 1888. Geralmente considerado o Clube mais antigo no Brasil, se levar em consideração a organização de uma Sociedade baseada na prática do Remo com atividades regulares, embarcações próprias e tripuladas por civis, o Ruder Club-Porto Alegre e seus associados consideravam as atividades náuticas ocorridas no Rio de Janeiro, durante o século XIX, como pequenos agrupamentos náuticos sem muita organização. Esta regata fictícia, entre Rio de Janeiro e Porto Alegre, sobre o Troféu do Clube mais antigo do Brasil, dura até os dias de hoje. Porém, o que chama a atenção é que a prática do Remo no Rio Grande do Sul, entre 1888 e 1917, contou com a fundação de sete Clubes de Remo organizados e divididos por nacionalidades. Tendo um exclusivamente voltado para os jovens entre 10 e 15 anos, *Ruder-Verein Freundschaft* (1906). Sobre as nacionalidades podiam-se encontrar Clubes germânicos, ou melhor, teuto-brasileiros com treinos e estatuto em língua alemã e assinantes da revista *Wassersport*; Clube italiano, com treinos e estatuto em português, mas as embarcações deveriam possuir nomes de italianos e brasileiros ilustres; Clubes luso-brasileiros e Clubes teuto-luso

⁴³HOLFMEISTER, Carlos B. *Pequena história do Remo gaúcho*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas-CORAG, s/d.

brasileiros. Os Clubes de Remo gaúcho alemães, durante a primeira Guerra Mundial, trocaram seus nomes de forma a ‘abrasileirar-se’ chegando a fundirem-se em alguns casos. Alberto Bins, um dos fundadores do Ruder Porto Alegre, em uma entrevista no ano de 1952 comenta sobre como começou a praticar o Remo:

Estávamos no ano de 1888, um ano antes do advento da República quando voltava eu da Europa, retornando a minha cidade natal. Para lá seguira anteriormente para um período de aprendizagem nos principais centros industriais do Velho Mundo. E foi lá, nas horas de lazer, comecei a admirar no meio da mocidade, os benefícios da educação física para o corpo e o espírito. E foi lá que não tardou a minha participação nos desportos que praticavam, principalmente os náuticos, o Remo e a Vela⁴⁴.

No ano de 1900 surgia na região de Niterói um dos primeiros conselhos de regatas, chamado de Conselho Superior de Regatas. Sofrendo alteração no nome no ano seguinte, em 1901, o conselho passaria a ser uma Federação Brasileira das Sociedades de Remo, que tinha por objetivo regulamentar o Remo como esporte a nível nacional. Segundo o congresso internacional de fundação da *Fédération Internationale des Sociétés d’Aviron* - FISA - os países que ainda não tinham uma entidade dirigente do Remo deveriam organizá-la para a composição de um calendário de regatas que estivesse vinculado com as Olimpíadas e a regulamentação das regras. No entanto, a criação da Federação e sua ideia de centralizar as regras criaram certas ‘marolas’ sobre as datas de fundação dos Clubes cariocas e os demais, principalmente entre o Clube gaúcho teuto-brasileiro. A questão se resolveria somente no ano de 1914 com a fundação da Federação Brasileira de Sports que se tornaria a Confederação Brasileira de Desportos – CBD. Esta, que deveria dirigir a maioria dos desportos no Brasil, possuía uma secretaria própria para o Remo e sua função seria de auxiliar na organização das Ligas Náuticas⁴⁵ nos Estados.

⁴⁴HOFMEISTER, Carlos B. *A pequena história do remo gaúcho*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 1978. p.12.

⁴⁵Regatas dos campeonatos brasileiros de Remo. Programa Oficial. Confederação Brasileira de Desporto. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1940.



Imagem 12 - Regata em Botafogo (s/d). Imagem: Impressões do Brazil no Século Vinte.

Cultuado por importantes personagens da elite literária, tais como João do Rio, Raul Pompéia e Luiz Edmund, “que vislumbrava a importância dos esportes, em especial das regatas, na transformação dos hábitos da cidade”⁴⁶, os Clubes de Remo passariam a ser identificados nas crônicas publicadas em jornais e revistas com imagens de saúde, polidez, honra e virilidade. No entanto, tais produções não seriam o suficiente para garantir um apoio financeiro do governo, municipal ou federal, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.

O que não se compreende é que até hoje o governo se não tenha decidido apoiar com um auxílio oficial de qualquer natureza os que através de tantas contrariedades e tropeços, têm conseguido introduzir nos nossos hábitos este esporte salvador. Dia virá em que se há de reconhecer a grandeza dos serviços que os clubes de regata estão prestando ao Brasil⁴⁷

⁴⁶FARIAS, C. Op. Cit., p.19.

⁴⁷BILAC, Olavo Apud MELO, Victor Andrade de. *Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro (1849-1903)*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. p.103.

Com Olavo Bilac o Remo e sua prática no Rio de Janeiro encontrariam um importante apoiador. Figura presente nas regatas da região de Botafogo, Bilac produziria crônicas sobre o esporte náutico que seriam publicadas e republicadas, como *Salamina* de 1900. Evocando com destreza cívica testemunhas importantes, como os povos cultos, heroicos e guerreiros, para dar ênfase à importância do Remo, para a sociedade carioca das primeiras décadas do século XX, ele escrevia:

Mais alguns segundos. As baleiras ganham os postes. Os remos cahem paralyzados no mar, - azas cançadas do vô. Mais forte, canta no ar luminoso o silvo festivo das lanchas. Resoam applausos. E o nome da Vencedora corre de bocca em bocca:

- Vesper! Vesper! Vesper!...

Meninos! Foram músculos como esses que ganharam a batalha de Salamina... Sobre as areias da praia de Phalero, Xerxes tinha feito levantar o seu throno de ouro. E, mais numerosos que os grãos da areia, os seus exércitos enchiam a terra e, mais incontáveis do que os peixes, os seus navios cobriam o mar. Mas a gente moça de Athenas, a ousada gente de Themistocles, tinha os músculos e a coragem que ides agora adquirindo⁴⁸.

Jovens remadores, em sua maioria estudantes e rapazes do comércio redefiniam os padrões de sociabilidade, comportamento e moralidade ao praticarem e constituírem espaços para a prática do Remo. João do Rio escreveria que “Rapazes discutiam 'muque' em toda parte. Pela cidade, jovens, outrora raquíticos e balofos, ostentavam largos peitorais, a cinta fina, a perna nervosa e a musculatura herculeana dos braços. Era o delírio do *rowing*, era a paixão dos esportes. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos”. A mocidade e o Remo aliados à imagens de robustez e coragem com a prática higiênica e salutar revelava para as cidades, principalmente no Rio de Janeiro, os ideais de modernização de nação e aprimoramento de raça. Maria

⁴⁸*Salamina*. Programa Oficial. Regatas dos campeonatos brasileiros de Remo. Confederação Brasileira de Desporto. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1940.

Bernardete Ramos Flores, em seus estudos sobre ciência e arte na política da beleza, argumenta que a “nação confundiu-se com a raça, e esta, qualificada e classificada pela estética do corpo e do caráter do indivíduo, configurava o status do progresso e do desenvolvimento nacional”⁴⁹. O Remo possibilitava, ainda, a construção de corpos belos que se apresentavam retos e de porte rígido e a cima de tudo, corpos marcados pela verticalidade⁵⁰. Mais uma vez Bilac escreve:

não será com este mirrado braço apenas habituado a manejar uma pena; não será com este pobre espírito roído e torturado pelos desregramentos da imaginação; não será com estes olhos fatigados pela constante fixação do papel branco, e com estes míseros pulmões intoxicados pelo ar malsão da rua do Ouvidor; ah! não será com tudo isto que o Brasil espantará o Xerxes moderno...⁵¹

Apesar do apoio intelectual e dos benefícios salutareos descritos pelos médicos higienistas, as intervenções políticas, com a liberação de subvenções para o esporte náutico, foram infrutíferas na cidade do Rio de Janeiro. Foi necessário o investimento privado da alta sociedade carioca, com a construção de rampas e galpões à beira-mar, sendo elas vistoriadas pela Inspetoria de Matos, Jardins, Arborização, Caça e Pesca, para que a prefeitura carioca tomasse as primeiras ações públicas referentes à prática do Remo no espaço urbano da cidade. Somente na gestão de Pereira Passos (1902-1906), com as transformações urbanas, que alguns investimentos seriam destinados ao Remo, como a construção do pavilhão de Regatas, que era uma reivindicação antiga da Federação de Remo, e dos barracões dos Clubes de Botafogo e Guanabara.

A ajuda ao Remo por Pereira Passos ainda iria mais longe. Juntamente com uma comissão, propôs um estudo sobre uma possível isenção de taxas para a compra de embarcações vindas do exterior, já que os custos de um barco na garagem dos Clubes eram altos para os mesmos. Assim, com a atuação da Federação Brasileira das Sociedades

⁴⁹FLORES, M. B.. Op. Cit., p.64.

⁵⁰VIGARELLO, George. Les corps redressé. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978. p.9. Apud SOARES, C. L. Op. Cit., 2005. p.18.

⁵¹*Salamina*. Programa Oficial. Regatas dos campeonatos brasileiros de Remo. Confederação Brasileira de Desporto. Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1940.

do Remo e dos favores governamentais concedidos, a prática do Remo atingiu seu apogeu na capital da República, já na primeira década do século XX. Pereira Passos, assim que deixou a prefeitura do Rio, foi aclamado pela Federação e pelos *rowers* pelo importante apoio ao esporte. Diz Mendonça e Farias:

No dia seguinte de sua partida para o velho continente, onde ia das tréguas ao seu incessante labutar, os rowers de diferentes clubes federados transportaram o emérito cidadão no escaler Dragão, para bordo do navio que iria conduzi-lo a Europa⁵².

⁵²MENDONÇA, A. p.102 Apud FARIAS, C. Op. Cit., p.85.

CAPÍTULO II

As cidades que caminho

Les passants passant/Je passe mon temps a les
regarder penser/Leurs pas pressés/Dans leurs
corps leses/Leurs passés se dévoilent dans les pas
sans se soucier⁵³

Historiadores enxergam diferente, pois vêem o mundo com os olhos no passado. Este é um olhar que é capaz de presentificar uma ausência, vendo o que outros não vêem, enxergando nas marcas de historicidade deixadas pelos homens de um outro tempo, a vida que habitou nelas um dia⁵⁴.

“Perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado”⁵⁵, “há uma retórica do caminhar”⁵⁶, “caminhar é perder o lugar”⁵⁷, “um estrangeiro mora dentro de nós, como um outro adormecido”⁵⁸ ou ainda “a deriva se apresenta como uma técnica de passagem rápida por ambivalências variadas”⁵⁹ são formas de se ver e sentir uma cidade.

Os estudos sobre o tema da cidade, seus espaços, seus monumentos e sua urbanização, pressupõem que a cidade se apresenta a seus cidadãos por entre gestos, palavras e intervenções, mas pressupõe também que estes cidadãos se apresentam na cidade enquanto espaços

⁵³“Os passantes passam/ Eu passo meu tempo a lhes observar – pensar/ Seus passos apressados/ Naqueles corpos feridos/ Seus passados se desvendam nos passos sem se preocupar”. Tradução livre. ZAZ. *Les Passants*, 2010.

⁵⁴PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: *Revista Esboços: Dossiê Cidade e Memória*. nº11. 2004.

⁵⁵CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2011. p.15.

⁵⁶CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. In: CERTEAU. *A invenção do cotidiano*. Vol. 1 – Artes do fazer. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994. p.169-192.

⁵⁷DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. In: *ArtCultura*. n.9, 2004. Uberlândia: UFU. p.82-92.

⁵⁸FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os momentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC, Annablume, 1997. p.211.

⁵⁹JACQUES, Paola B. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p.87-91.

de lutas sociais e urbanas organizadas para estruturar as funcionalidades ou os lugares praticados.

Na Florianópolis do século XXI os lugares praticados podem ser visualizados ao se ler um mapa turístico da cidade. Concebido para orientar o olhar de um turista, ou mesmo do habitante, este mapa, vendido em qualquer banca de jornal ou gratuitamente retirado no Portal Turístico, traça rotas que passam pelo Mercado Público, a Catedral, a Ponte Hercílio Luz e a Velha Figueira na Praça XV. Geralmente estes mapas apresentam um reconhecimento visual fácil dos lugares, pois apresentam desenhos coloridos de guarda-sóis - que indicam as praias - e linhas tracejadas que orientam e nomeiam as estradas de acesso, como as BR's e SC's. Em certos casos, para esclarecimentos adicionais, especialmente as praias, recebem descrições adicionais em três línguas, espanhol, inglês e português. As praias do Norte da ilha são descritas como urbanizadas, as praias do Sul com suas belezas nativas e praias do Leste como um lugar encantado.

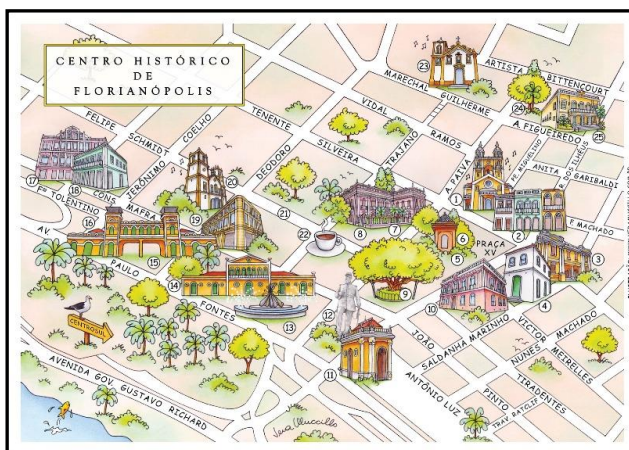
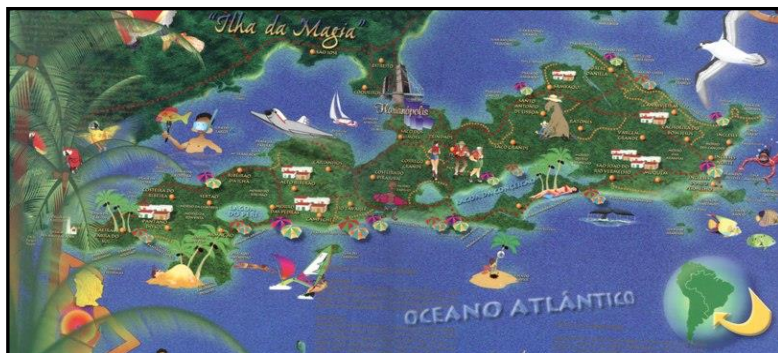


Imagem 13 - De cima para baixo: Mapas de Florianópolis: 1. Mapa turístico distribuído pelas locadoras de carro no aeroporto de Florianópolis (Rentacar); 2. Postal do Centro Histórico de Florianópolis com as aquarelas de Vera Muccillo (21 de agosto de 2012). SEITEC - Sistema Estadual de Incentivo ao Turismo, Esporte e Cultura de Santa Catarina, Projeta Planejamento e Marketing.

Porém, o que acontece se deslocarmos o olhar deste mapa, destes desenhos nucleares ou destas narrativas produzidas, que orientam o turista ou qualquer caminhante e arriscar um “perder-se” ou o “acordar o estrangeiro dentro de nós”? Quais serão os níveis de experiências da cidade com este caminhante e como esta cidade se pontuaria de marcos de diferentes tempos cronológicos.

Caminhar pelo centro de Florianópolis, hoje, sem se preocupar com o tempo, espaço e lugar; observar o fluxo pela manhã, ao meio dia

e o fechar do comércio; ler as ruas, os traçados e as dissonâncias, é revelar aos olhos lugares, pessoas e territórios que representaram pulsões evocativas da vida na cidade.

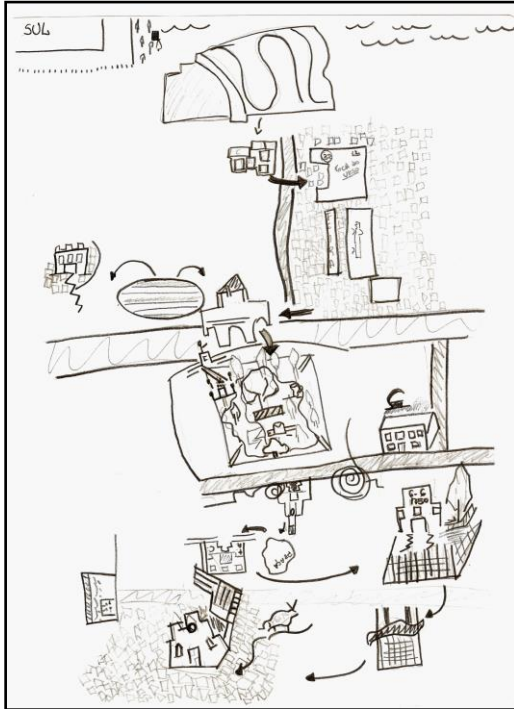


Imagem 14 - Mapa de Carina Sartori (2011).

Miramar que se reflete no chão através dos pastiches e tende a segurar o monumento que homenageia Fernando Machado. Dentro da Praça os bustos de quatro homens⁶¹, em meio a folhas da Figueira, perderam-se no tempo e em suas histórias. Seguir o fluxo *blasée* no sentido da Felipe Schmidt ou caminhar no sentido da Travessa que vai para o Forte⁶²?

Pelo Terminal de Integração do Centro tem-se uma esquizofrenia entre ônibus, carros e pessoas. A Avenida Paulo Fontes tem seus cheiros entre o diesel, o asfalto e a venda de peixes no Mercado Público. No Largo da Alfândega os muros que cercam o terreno vazio narram uma

*Arqueologia Histórica*⁶⁰, uma memória da Desterro marítima. A Praça XV, exuberante pelo verde e pelo frescor das plantas, parece olhar para o Monumento

⁶⁰Projeto Resgate da Memória Urbana de Florianópolis. Série de painéis expostos em muros da região central da cidade com financiado da Caixa Econômica Federal.

⁶¹Cruz e Souza, Victor Meirelles, José Boiteux e Jerônimo Coelho.

⁶²Atual Travessa Ratcliff. VEIGA, Elaine. *Florianópolis Memória Urbana*. Florianópolis: Ed. Da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993. p.61-112.

Pelos paralelepípedos da Rua João Pinto lê-se as narratividades urbanas - pichações, *sex-shop*, *tattoo*... Entre as ruas Nunes Machado e João Pinto, um prédio comercial carrega o nome Boabaid, cuja família remou pelo Clube Náutico Martinelli. Mais à frente, numa fachada perdida bem no alto, pintada de azul e branco, as letras C. N. Francisco Martinelli podem ser lidas.



Imagem 15 - De cima para baixo: Detalhe da fachada do prédio do Francisco Martinelli na rua João Pinto (2011); Fachada do Clube Martinelli, atual Escola Energia (2011); Sede do Clube Martinelli de frente para o mar (década de 1930). Imagens: Carina Sartori e Casa da Memória.

Pelo Cais da Liberdade⁶³ vê-se o mar de cimento junto ao Terminal Cidade de Florianópolis. Quem olha para o chão vê a borrada linha azul que delimita o hoje imaginário espaço do mar com a cidade. O Forte Santa Bárbara, ou Capitânia dos Portos, abriga a Fundação Cultural de Florianópolis, quase inacessível entre a placa de Proibido Estacionar. Porém, o que chama a atenção são as pastilhas dos vapores

⁶³ Atual Rua Antonio (Nico) Luz.

Anna, Carl e Max no edifício amarelo envidraçado na esquina da João Pinto com a Hercílio Luz.

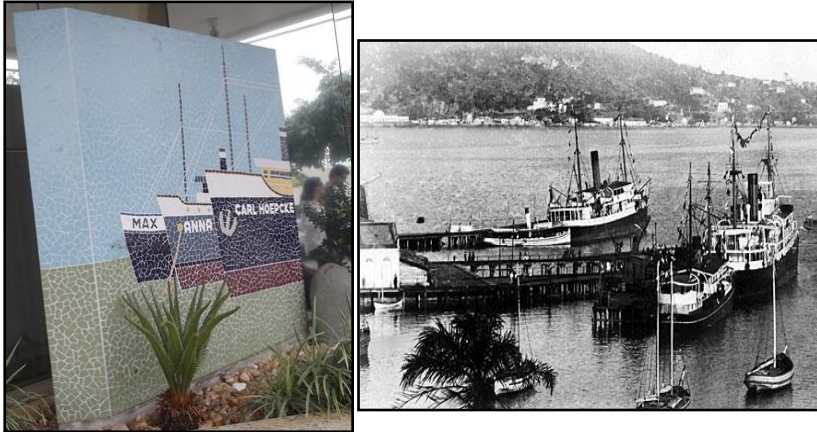


Imagem 16 e 17 - Monumento em homenagem a Empresa Hoepcke (atual) e Paquete Carl Hoepcke, Anna e o Max na região da Rita Maria (s/d).

Imagem: Carina Sartori; Acervo: BU-UFSC

Limpa e organizada, nos dias de hoje, a Avenida Hercílio Luz, que entre os anos de 1919 e 1922 sofreu alterações urbanas em favor do saneamento, foi traçada “junto às imediações dos morros a oeste da capital, ligando a Baía Sul, a partir do Largo 13 de Maio, à Baía Norte, na Praia de Fora”⁶⁴. O Largo 13 de Maio, que desde 1888 era objeto de aterros e transformações em favor da saúde e do comércio, hoje abriga a Praça da Bandeira – os três poderes da capital. Resistindo ao tempo, a Rua Menino Deus, com as casas *sem eira nem beira*, termina no morro do Hospital de Caridade onde pode-se ver parte de uma presença do mar. O paredão de edifícios com amplas janelas de vidro quase cegam o olhos num dia de sol. É apenas a velha Ponte que se mantém a observar os tempos.

A extensa Avenida Mauro Ramos com seus automóveis, semáforos e faixas de pedestres adentra a cidade para ligar o antigo Campo do Manejo, hoje Instituto Estadual de Educação, a atual Beira-

⁶⁴ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. São Paulo, 1989. Dissertação de Mestrado em História. PUC São Paulo. p.20.

Mar Norte (ou Praia de Fora), descrita por Virgílio Várzea como uma “reprodução perfeita, mas em ponto pequeno, da baía de Nápoles”⁶⁵.

Uma região residencial, apenas com chácaras próximas ao mar, a Praia de Fora passou a comunicar-se com o bairro da Figueira, região da Praça XV, nas primeiras décadas do século XX, através da Rua General Bittencourt. Na altura da Rua do Rosário, atual Marechal Guilherme, o Teatro Álvaro de Carvalho não tem vestígios das gloriosas décadas de 1920 e 1930, quando seu palco tinha público certo, casa lotada, nos dias de apresentação dos Teatros de Revista.

Da Igreja do Rosário, descendo a escadaria sentido Trajano, tem-se, na esquina da Rua Felipe Schmidt, a Livraria Catarinense no mesmo prédio em que funcionou a Confeitaria do Chiquinho. Os arredores não lembram a antiga Cervejaria alemã⁶⁶ ou o café do Sr. Farinha. Pontos de encontro de uma sociedade, nas primeiras décadas do século XX, que nos finais de tarde dirigiam-se aos cafés para debater os assuntos esportivos, como os Clubes de Remo, e a política.

Perseguindo o fluxo ensolarado das tardes de verão, pela Felipe Schmidt não se vê rastros dos remadores, de seus Clubes ou seus apoiadores. A cidade agitada pelo comércio, turistas, habitantes e trabalhadores concentra-se na rapidez do dia a dia. Somente nos finais de tarde, no Mercado Público, um pouco da calma retorna para um *chopp* ou um papo com os amigos. Do Mercado não se vê mais o Trapiche Miramar e Bar Miramar, outro antigo espaço de sociabilidades da elite florianopolitana. As ruas que se encontravam com o mar, numa orla que constituíam pequeninas praias na parte Norte da Baía e ao Sul os trapiches, não mais vêem ou sentem o mar.

Pela Rua Conselheiro Mafra, atravessando a Padre Roma e a Hoepcke, no Alto da Alameda Adolfo Konder pode-se imaginar o movimento dos vapores Max, Carl e Anna aportados no estaleiro do Arataca, construído na região da Rita Maria. Mais à frente a ponte Hercílio Luz, hoje, um pedaço de aço estendido de sentimentos. A malha viária, o cimento, o aterro e o fluxo desenfreado de carros e construções apresentam as várias Florianópolis. Logo abaixo das Pontes

⁶⁵VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina - A ilha*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1985. p.38-39.

⁶⁶Em entrevista realizada com o Sr. Décinho, o ex-remador do Riachuelo comenta de uma cervejaria nas proximidades da Livraria Record, de propriedade de uma família alemã. Cf. DÉCINHO. Entrevista concedida a Arthur F. Silveira. Florianópolis, 2006.

Pedro Ivo Campos e Colombo Salles, quase sem acesso, três estruturas em blocos de cimento, cada um a sua cor, denunciam a presença do Clube Náutico Martinelli, Clube de Remo Aldo Luz e Clube Náutico Riachuelo.

(...) quem caminha por esta Florianópolis não necessita de lentes de aumento para perceber os indícios de uma antiga cidade que se faz presente, não invisível, nem esquecida, mas soterrada por si mesma (...)⁶⁷



Imagem 18 - Cais Rita Maria (1950). Acervo: Velho Bruxo



Imagem 19 - Baía Sul em dia de regata (s/d). Acervo: BU-UFSC

⁶⁷MATOS, Felipe. *Uma ilha de leitura: notas por uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p.61.

2.1 Cartografias de Desterro

O mar foi um dos principais lugares de serviço para os moradores de Desterro durante parte do século XIX - pesca, extração, despejo e meio de comunicação⁶⁸. Pessoas, animais e cargas cortavam a Baía Sul, a principal e a mais animada pista marítima. Estendendo-se do extremo do Estreito - Forte Sant'Anna - ao Zé Mendes, “os murmurinhos podiam ser ouvidos do alvorecer ao meio-dia, pois à tarde o ar se tornava mais triste e a noite trazia consigo a melancolia”⁶⁹.

A Praia Central percorria quase toda a Rua do Príncipe terminando na Augusta⁷⁰. Constituindo uma propícia enseada para a navegação e o comércio, ali “abicavam as canoas que dos diversos pontos da ilha e do continente próximo traziam gêneros para expô-los a venda, em esteiras desdobradas ao longo das areias”⁷¹.

De forma linear, “as picadas de acesso às fontes d'águas e à linha da praia, que constituía o seu principal ancoradouro”⁷² o terreno de Desterro foi sendo ocupado. Sabe-se que o crescimento da vila ocorreu basicamente no sentido oeste, lado direito de quem olha da Matriz para o mar. Provavelmente devido ao porto e à orla da direita do lago possuir uma Baía mais funda e mais próxima ao oceano, enquanto a Baía Sul, apesar de abrigada do vento sul, apresentava-se rasa e imprópria para a atracação de grandes embarcações. Era a vila de Desterro que se constituía primeiramente a beira-mar, sempre cortando a Praça Central.

Recebendo, também, notícias “de um progresso lento, mas de certa maneira constante”⁷³ das embarcações que rumavam para o Sul ou Norte, do território brasileiro, e até mesmo dos portos europeus, as águas da Baía faziam da ilha um importante ponto de descanso ou abastecimento dos barcos e seus tripulantes.

⁶⁸ FERREIRA, Sergio Luiz. *O banho de mar na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. das Águas, 1998.

⁶⁹ CABRAL, Oswaldo R. *Nossa Senhora do Desterro*: 1. Notícia. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979. p.85.

⁷⁰ A Praia Central ficava em frente a atual Praça XV de Novembro e seguiu até a atual Rua Nico da Luz. Cf. VERAS, E. Op. Cit..

⁷¹ Ibidem.

⁷² FERREIRA, Sérgio L. p.20.

⁷³ CABRAL, O. R. Notícia. 1979. p.365.

Hontem chegou o vapor *Imperador* de linha intermediária. As notícias que nos trouxe da corte são posteriores a que tivemos pelo vapor de guerra *Belmonte*, que seguiu para o Rio-Grande. Tivemos os jornaes de Santos e de Coritiba, nelles nada encontramos de maior interesse.⁷⁴

O ir e vir de notícias e pessoas fez a cidade e sua população aumentarem e assim, “as classes sociais se distanciavam e se definiam – mais fechada ficava a sociedade”⁷⁵. Entre os principais membros políticos, alguns responsáveis por manter a ordem na ilha de Santa Catarina, encontravam-se Tenentes da Marinha, Militares e Doutores⁷⁶. Às vezes transferidos por decretos reais ou por apontarem pelas Esquadras, os empregados nos cargos administrativos ou de vida pública e alguns comerciantes habitavam o pequeno centro, formando um dos principais núcleos urbanos da Vila. Desejando encontrar mecanismos de ascensão e distinção social, algumas famílias participavam significativamente na ordenação dos diferentes espaços da vida urbana e reformulavam posturas.

Os entretenimentos, as partidas dançantes e as reuniões políticas, geralmente ocorriam duas ou três vezes na semana em Clubes ou em casas de famílias. No Clube Doze de Agosto⁷⁷, um dos mais importantes entre a sociedade desterreense, por volta de 1872 era possível encontrar os moços da mais alta expressão, como Estêvão Pinto da Luz, Idelfonso Marques Linhares, Artur Alvim e João de Souza Siqueira. O Clube Concórdia⁷⁸, do qual pouco se conhece de sua trajetória, também

⁷⁴*Chegada*. O Argos. Desterro, 15 de 9brº de 1861. Manteve-se a grafia do Jornal.

⁷⁵CABRAL, O. R. *Nossa Senhora do Desterro: 2. Memória*. Ed. Lunardelli, Florianópolis. 1979. p.19.

⁷⁶Oswaldo Cabral apresenta alguns nomes de políticos e de comerciantes que participaram da vida de Desterro durante meados do século XIX. CABRAL, O. *Notícia*. 1979. p.75-116.; VERZBICKAS, Karin., ESPEZIN, Rossana Maria Borges. *A construção da Democracia: Os fatos que marcaram os 175 anos do Parlamento Catarinense*. Santa Catarina: ALESC, 2008.

⁷⁷CABRAL, O. 2. *Memória*. p.23.

⁷⁸Celestino Sachet, em seu livro *A literatura catarinense* de 1979, faz uma breve menção ao Clube Concórdia. Esta foi retirada de uma nota do jornal *O Estado* de 12 de abril de 1921, sobre uma exposição do artista Augusto Hantz em Florianópolis e a exposição de suas telas paisagísticas no Clube Concórdia.

promovia festas e reuniões políticas. Enquanto aos demais moradores das freguesias de Desterro, seus festejos e dias de descanso seguiam o calendário litúrgico. Para acompanhar as partidas e as reuniões, o figurino das famílias oriundas das funções militares-administrativas basearam-se em pequenas estruturas de lojas de “fazendas de gosto, isto é, próprias para gente de bom gosto, para gentes com partes de chic, elegante”⁷⁹, afinal era uma sociedade em ascensão que regulava-se pelo figurino vigente nos grandes centros.

Nos traçados urbanos, ligações em sentido de linha reta de oeste a leste, do bairro da Figueira até a encosta do Menino Deus cortando o Largo 13 de Maio, foram planejadas para meados do século XIX e assim “comunicar diretamente toda a parte comercial da cidade de um ao outro extremo”⁸⁰.

A década de 1860 foi marcada por uma intensa procura, por parte do império, de produtos oriundos da produção de mandioca. Desterro teria em seus portos um considerável aumento na exportação da produção da farinha de mandioca. Comerciantes que trabalhavam na exportação deste produto iriam enriquecer, pois possuíam estreitas ligações com o poder público que facilitariam suas negociações escusas⁸¹. Enquanto os pequenos produtores empobreciam devido à falta de pagamento tanto por parte do Império, o comprador, quanto por parte dos comerciantes, os atravessadores. No entanto, este constante contato com os portos do Rio de Janeiro – um importante revendedor de farinha de mandioca e do peixe seco – e do Rio Grande fez com que no ano de 1861 ocorresse a primeira organização de Sociedade náutica na província de Santa Catarina.

A sociedade de – Regatas- acha-se organizada, tendo sido eleitos, Director, o Sr. Capitão do Mar e Guerra Sabino, Vice-Director, O Sr. 1º Tenente Menezes, e o Thesoureiro o Sr. Netto. Achão-se inscritos 50 sócios, e o 1º Divertimento deve ter lugar no 3º Domingo deste mez. Alguns escalares do Sr. Wencesláu, um do Sr. Sabino e os da

SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardeli, 1979. p.86.

⁷⁹CABRAL, O. Notícias. 1979. p.319.

⁸⁰ARAÚJO, H. R. Op. Cit. p.27.

⁸¹PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: A imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995. p.36-39.

capitania do Porto, Companhia de Menores e Patocha *Activa*, é que vão correr⁸².

Apresentada como um entretenimento, um divertimento, as corridas seriam realizadas no final do mês de abril daquele mesmo ano, 1861. Participariam apenas os marinheiros e demais capitães do mar com os seus escaleres⁸³ e as suas baleeiras, todos devidamente identificados com galhardetes⁸⁴ nas cores roxa, encarnado, branco e com os nomes. Divididos em páreos pela Diretoria e tendo como juízes de páreos os Diretores - Joaquim Sabino da Silva e José Hypolito de Menezes, juiz da partida - o Sr. Manoel Moreira da Silva e como juízes da chegada - os Srs. Feliz Lourenço de Siqueira e Thomas Pedro Bittencourt Cotrim, o evento estava marcado para realizar-se na Praia de Fora. No entanto, não seria esta região que receberia os páreos e seus juízes. O vento de novembro foi traiçoeiro e no dia e hora marcados pela Diretoria da Sociedade de Regatas foram as águas do Menino Deus, com sua Enseada, quem acolheu o importante divertimento à beira-mar.

Por estar um pouco forte o vento pelo lado do norte, não teve lugar a corrida dos pareos na Praia de Fora, e sim na pequena Enseada da rua do Menino Deus, lugar menos próprio para ser em convenientemente apropriadas as corridas pelos espectadores; mas enfim, em tal caso foi o mais azarado. As 4 horas da tarde, de domingo, subiram ao ar vários foguetes, e a este sinal o povo foi ocupando toda a extensão da rua do Menino Deus, desde a ponte do Vinagre até o adro da Capella do mesmo Orago. O mar estava bem

⁸²*Notícias*: Comunicação-os o seguinte. Anno V. Desterro – Sexta-Feira 6 de 9br° de 1861. N°828. O ARGOS – Da Província de Santa Catarina.

⁸³Os escaleres são embarcações a remo e a vela, de proa fina e popa quadrada. Possuindo de três a seis bancadas podendo ser de voga ou de palamenta. Os escaleres de voga são aqueles que possuem dois remos por bancada, já os escaleres de palamenta são aqueles que possuem apenas um remo por bancada. Os escaleres inicialmente eram usados para serviços leves no porto, possuindo um casco construído de madeira em um tipo de construção chamado de costado trincado, com as tábuas de madeira sendo colocadas sobrepostas umas as outras. Cf. O Remo do Corpo de Fuzileiros Navais. Disponpivel em: <http://remocfn.blogspot.com.br/p/quem-somos.html> Acesso em março de 2011.

⁸⁴Tipo de bandeira personalizada.

provido de lanchas, escalares, canoa &, todos em bandeiras; aquellos que não fazião parte dos pareos, cheios de espectadores de ambos os sexos: cada um dos pareos estava com a sua guarnição elegantemente uniformisada, tendo a ré o estandarte nacional e avante o respectivo signal com a competente inscrição em bellos caracteres dourados. Tudo se achava na melhor ordem e regularidade, e dirigido por hábeis profissionaes⁸⁵.

O entretenimento do dia 18 de abril de 1861 foi único, pelo menos, que se tenha notícia. Somente no ano seguinte, em 1862, a Sociedade de Regatas realizaria mais uma festa náutica.

Contando com cinco páreos, sendo quatro disputados por amadores e um por profissionais, entre a Escola de Menores e Marinheiros da Canhoneira “Maracanã”, da Marinha de Guerra de Desterro, a “festa teve inicio às 3:30 da tarde de Domingo, de 13 de julho, partindo as embarcações da Rita Maria, em direção à chegada que se achava localizada defronte à atual Praça XV de Novembro”⁸⁶. Tendo como Diretores os Srs. J.P. de Carvalho Raposo, M.S. Lobo e João E. Lobo e como Inspectores os Srs. Álvaro Augusto de Carvalho, A. Fernandes da Silva, Tomaz Pedro de Bittencourt Cotrim e Antonio Luiz von Hoonholtz. Este último tornou-se o primeiro-tenente da canhoneira Araguari que lutaria na Batalha do Riachuelo e mais tarde tornou-se o Barão de Tefé com honras de grandeza por seus serviços à marinha. A festa terminou com um animado baile para as famílias e aos sócios. Baile, este, ocorrido nos salões do Paraíso Desterrense⁸⁷.

⁸⁵ *Notícias*: A Regata. Desterro – Segunda-Feira 19 de 9brº de 1861. O ARGOS – Da Província de Santa Catarina.

⁸⁶ SILVA, Mário Candido da. *Clube Náutico Riachuelo 1915-1940*. Florianópolis, 1940. p.11-16.

⁸⁷ Estabelecimento musical, fundado por José Maria Leoni, onde se executariam peças clássicas de vocal e instrumental. A abertura do Paraíso Desterrense está noticiada nos Jornais A Estrella e O Mercantil de agosto de 1861. A última referência encontrada foi de 03 de Junho de 1864 no jornal *O Despertador*, em um anúncio sobre uma récita. Cf. PIRES, Débora Costa. *Atuação das sociedades musicais, bandas civis e militares em desterro durante o Império*. Trabalho de Conclusão de Curso em Música. CEART, UDESC, Florianópolis, 2008.

Depois desta segunda corrida de 1862, os jornais deixaram de se referir à Sociedade de Regatas e seus entretenimentos. Provavelmente, a Sociedade desfez-se e seus organizadores, formados principalmente por Tenentes da Marinha, partiram de Desterro rumo ao sul, pois os anos seguintes seriam anos de guerra. O Império brasileiro entraria em guerra contra o Paraguai (1864-1870) e o Tenente Álvaro de Carvalho, que havia auxiliado na organização do entretenimento náutico em Desterro, perderia sua vida.

Em meados da década de 1880, enquanto Desterro novamente se tornava um importante exportador de farinha de mandioca para a capital do Império, a cidade passaria a receber novos visitantes e habitantes. Alguns apenas de passagem, pois o Império havia incentivado a imigração europeia e Desterro, por ser um porto, tinha suas portas abertas para recepcionar os alemães e italianos. No entanto, seria no jornal *A Regeneração*, tido como “um eco da resistência liberal”⁸⁸, que a sociedade lia sobre a organização de um entretenimento náutico. No mês de fevereiro de 1885, na *secção política* o Tenente-Coronel Francisco Duarte Silva publicava a seguinte nota:

Ante-hontem as 5 horas da tarde achando-se o largo de S. Sebastião da Praia de Fóra repleto de espectadores, correram em desafio os escaleres «Paraguassú» e «Mimi» dos srs. chefe da ferro-via Pedro I, Alexander, e Henrique Souza, sendo aquelle tripulado pelos amadores, Annibal Abreu que foi o timoneiro, Lindolpho Formiga, Clemente Abreu. Trajano Ferreira, Francisco Margarida, Joaquim Carreirão Junior e Oliverio Vieira; e o outro pelo srs. Manoel H. Soza, que foi o timoneiro, João Pamphilo, Manoel da Costa Pereira, Joaquim Romão e Joaquim Caetano. Foi ponto de reunião a casa de residência do srs. tenente-corornel Ferreira. As balisas foram colocadas uma em frente a chácara do sr. Garcia, ponto de partida; e a outra em frente ao largo da rua S. Sebastião. A hora marcada, os dous escaleres, ao soar de um tiro de espingarda, desfilarão com uma rapidez espantosa, chegando à segunda balisa e muito adiante do outro o-

⁸⁸PEDRO, J. M. Op. Cit. p.49.

«Paraguassú» a quem coube a victoria dessa regata, hasteando-se logo uma bandeira branca com o nome desse escaler⁸⁹.

Um novo lugar praticado parecia organizar-se na sociedade desterrense, a partir de meados do século XIX. Apesar de ser um espaço delimitado socialmente, pois o passatempo náutico deveria ocorrer na região da Praia de Fora, a qual não era um local de comércio tampouco atracadouro de “qualquer tipo de gente não-chic”, o *estar* à beira-mar passou a ter outra função que não o de despejar, de comércio ou comunicação. Agora o *estar* à beira-mar seria um lugar de entretenimento sem levar em conta apenas os festejos do calendário litúrgico ou datas que comemorariam a Monarquia e seus representes. Finalizando a nota, o jornal escreveria:

Terminou a diversão as 7 horas da tarde, retirando-se todo o povo satisfeito por aquella boas horas de passatempo; e os amadores á casa do sr. tenente-coronel Ferreira, onde foi servido o copo d’agua da aposta, trocando-se por esta ocasião alguns brindes dos tripolantes do «Paraguassú» aos do «Mimi», e d’estes para aquellos, na maior harmonia e prazer que é possível dar-se em diversões como esta⁹⁰.

Sem novas informações sobre regatas ou entretenimentos náuticos as Baías se silenciaram. No entanto, segundo Carlos Hofmeister em seu livro sobre o Remo no Rio Grande do Sul, no ano de 1895 um jornal da capital gaúcha publicava uma nota sobre as regatas officiosas ocorridas no Guaíba, nela podia-se ler que “os barcos que nessa prélio serão utilizados, somente Porto Alegre e Florianópolis, no Brasil, possuem”. Pelo recorte do jornal gaúcho, se percebe que a capital catarinense continuava a praticar as regatas, mas desta vez dispunha de embarcações próprias para o Remo.

Ao delimitar espaços para um entretenimento, como as corridas náuticas, a nova elite desterrense, formada em sua maioria por oficiais, estabelecia uma intervenção na cultura urbana da cidade e na

⁸⁹ *Secção Políticas*: Regatas. Anno XVII. Desterro – Quarta-Feira 4 de fevereiro de 1885. Nº26. A Regeneração. Orgam Democratico.

⁹⁰ Idem.

sociabilidade marítima. O *estar* a beira-mar passava a ser um ato de observar, de contemplar, mesmo de modo irregular como nas atividades de regatas. No entanto, o que deve-se observar também neste movimento de *olhar* e *estar* a beira-mar a presença do público e os remadores.

A presença do público nas corridas náuticas é narrado pelos jornais de uma forma imparcial. Sabe-se apenas a versão da festa fechada no Clube ou nas casas familiares da elite desterreense. No entanto, provavelmente, as corridas eram observadas também por uma não elite. Assim, algumas questões ficarão em aberto, pois não tem-se maiores dados para responde-las. Onde ficam os demais observadores do entretenimento náutico? Ou melhor, a população que não está na elite desterreense, mas que provavelmente esteve na beira-mar no mesmo dia e não pode participar dos eventos particulares? Quem são os remadores? Eram todos são marinheiros ou trabalhadores do porto?



Imagem 20 - Dia de Regata entre a Ilha do Carvão (s/d). Acervo: Maury Dal Grande Borges

2.2 Um Club de Regatas chamado 29 de Abril e suas bicicletas

A transição do Império para República intensificou em algumas cidades, principalmente as portuárias, discussões sobre a necessidade de modificar o panorama topográfico e social. Contando com uma

população de 13.474⁹¹, nos idos de 1902, de acordo com um relatório anual do Secretário Geral dos Negócios do Estado, a capital catarinense receberia intervenções para melhor ordenar o espaço urbano, embelezar e modernizar as ruas e as vias de circulação.

Para os homens das letras da então sociedade catarinense, em ascensão, seria o momento de afastar a imagem da “antiga Vila” e fazer surgir a “moderna e civilizada”⁹² Florianópolis. Para tanto, além destas transformações, os homens de letras, apoiados pelos jornais locais, passariam a incentivar as festas náuticas. Como eram chamadas às regatas ocorridas no ano de 1902, já que estas trariam os “applausos sem reservas a organização deste club, que vem incontestavelmente completar a serie de associações recreativas aqui existente”⁹³.

Desta vez o Clube de Regatas será uma realidade, 37 cidadãos reuniram-se a 29 do mês passado, afim da criação de um clube, com a denominação da data. Ficou assim constituída a Diretoria Provisória, da nova associação que vem concorrer para o desenvolvimento do rowing nesta capital (...)⁹⁴

Ampliando o número de Associações recreativas, o que pouco se sabe sobre a presença destas em Florianópolis, o Club de Regatas 29 de Abril seria fundado por pelos Senhores Marçal Cardoso, João Cândio da Silva, Francisco Marciano da Silva, Herondino Moreira, Horácio Dutra, Dumienne Lopes da Silva, José Brites e Floriano José Bruno. Iniciando suas atividades com a realização de uma regata em comemoração ao 37^a Aniversário da Batalha do Riachuelo – 11 de junho de 1902 –, o Club receberia apoios importantes. As “senhoritas dous bouquets de flores naturaes afim de serem oferecidos aos patrões das canôas Prainha e S.Pedro”; as “2 medalhas de prata por um admirador” e um “ilustre amigo Raulino Horn ofereceu ao club 29 de Abril uma carteira de prata

⁹¹PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: Sua história*. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p.603.

⁹²NECKEL, Roselaine. *A República em Santa Catarina: Modernidade e exclusão (1889-1920)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. p.54.

⁹³*Club de Regatas*. A República. O Jornal Republicano Catarinense. Redator Chefe: Abilio de Oliveira. 4 de maio de 1902.

⁹⁴SILVA, M. C. Op.Cit., p.11-16.

para premio”⁹⁵. Completando a “festa náutica”, segundo as palavras do jornal, ocorreria uma corrida de bicicletas organizadas pelo Club Barriga Verde⁹⁶ com a participação dos “meninos Heraclito Mendonça e Jayme Linhares”⁹⁷. Estes disputariam a medalha de prata, ou o primeiro prêmio, enquanto aos demais ciclistas seriam conferidos outras medalhas.

A regata foi organizada em quatro páreos divididos entre amadores e profissionais, contando com embarcações de escaleres de 10 remos e canoas. As equipes receberiam seus uniformes da seguinte maneira: 1º páreo - com uniforme “camisa com listras brancas e azues. Calça preta, gorro preto e cinto azul”; 2º e 4º páreos - uniforme “camisa encarnada com listras brancas. Calça preta, gorro branco e cinta verde” e 3º páreo - uniforme “Camisa branca. Calça preta e cinta azul”. Sendo os juizes “de partida os Srs. Dr. Fernando Caldeira, Adolpho Mello, Tenente Joaquim Piracurura; de chegada os Srs. Dr. Augusto Fausto de Souza, deputado José Boiteux e José Francisco de Oliveira Ladeira”⁹⁸. Tendo o trajeto, de saída, em frente à baliza posta na Prainha e seguindo em direção aos cais até a Pedra dos Cavalinhos. Ao término das corridas, de bicicleta e regata, todos se encontram nos salões do Club da Imprensa. O Club Barriga Verde, o 29 de Abril e os demais fizeram uma vasta “falação eloquente”⁹⁹ que se encerrou com um serviço de *buffet* aos presentes ao som da *Philarmonica Operaria* tocando um variado repertório.

Meses depois, uma das poucas notícias que se tem sobre as regatas ou os remadores seria publicada, com orgulho, na capa do jornal *A República* em 21 de junho de 1902:

Na regata promovida pelo club de regatas Flamengo, da capital federal, a 8 do corrente, ao nosso jovem conterraneo Humberto Lobo

⁹⁵ *A República*. O Jornal Republicano Catarinense. Redator Chefe: Abilio de Oliveira. 10 de junho de 1902.

⁹⁶ Sobre o Club Barriga Verde de 1902 não se tem informações, porém na década de 1950 tem-se a fundação do Clube Barriga Verde dos Oficiais, que muito provavelmente não tenha vínculo com os ciclistas de 1902.

⁹⁷ *Club de Regatas*. *A República*. O Jornal Republicano Catarinense. Redator Chefe: Abilio de Oliveira. 11 de junho de 1902.

⁹⁸ *Ibidem*.

⁹⁹ *Club de Regatas*. *A República*. O Jornal Republicano Catarinense. Redator Chefe: Abilio de Oliveira. 13 de junho de 1902.

couberam duas medalhas, uma de ouro e outra de bronze, por ter guarnecido duas das embarcações vencedoras.

Nada mais se soube do Club de Regatas 29 de Abril e sua diretoria até o ano de 1905. Segundo a publicação comemorativa dos 25 anos de fundação do Clube Náutico Riachuelo, entre os anos de 1902 e 1904, o “nóvel Clube '29 de Abril' não realizou nenhuma festa náutica, em vista de se achar preparando sua nova flotilha”. Assim, retomando suas atividades em 1905, o 29 de Abril organizaria outros cinco páreos, mas desta vez seria em comemoração à Independência do Brasil – no Sete de Setembro de 1905.

Instalados na nova sede situada na Rua João Pinto, esquina com a Rua Saldanha Marinho, num sobrado, a diretoria do Clube 29 de Abril determinou que a regata fosse iniciada as “4:30 da tarde na região defronte a praça”, e tendo como Juizes de Chegada os Srs. Raul Tolentino, Dr. Heráclito Carneiro Ribeiro, Coronel Júlio Barbosa e José Rocha Filgueiras; Juizes de Partida os Srs. Manoel Joaquim Romão, Tenente João Crisante Cidade de Araújo, Capitão Manoel J. Fernandes, Tenente João Bento dos Anjos, Alféu Tolentino, Manoel Esperidião e Dr. Augusto Fausto de Sousa. A festa que ocorreria para os sócios e seus familiares não teve êxito. Durante a regata, um menor foi preso e um conflito entre os praças do Exército e os elementos da Polícia Estadual acabou com a morte de dois militares. Em seguida ao fato, o desânimo atingiu os praticantes do Remo, que por sua vez veriam o Clube 29 de Abril fechar suas portas.

Apesar do fechamento brusco do Clube 29 de Abril, seus quase quatro anos de atuação, com duas regatas organizadas, suscitam indagações sobre a presença do Remo na Ilha de Santa Catarina.

Praticado ainda de forma irregular e contando com embarcações não apropriadas, pela primeira vez as regatas não estiveram exclusivamente vinculadas aos marinheiros ou à Marinha. Deve-se entender que para a prática náutico do Remo, como um esporte, era considerada apenas os *yoles*. Desta vez, a sociedade florianopolitana poderia correr nos páreos, desde que a equipe formada possuísse uma embarcação e o remador fosse um associado do Clube de Regatas. Ademais, sem posse do estatuto ou da ata de fundação, por se perderem ou por nunca terem sido votados por completo, não se tem maiores dados para argumentar se este Clube tinha o objetivo de tornar-se um formador de homens modernos, de homens competitivos ou apenas de

ser recreativo. No jornal *A República* e no livro de comemoração *Os 25 anos do Clube Náutico Riachuelo* nota-se a utilização da expressão “festas náuticas” para narrar as regatas organizadas pelo 29 de Abril. A única informação que há, ao certo, é que mais uma vez as regatas se silenciaram nas Baías de Florianópolis. E nas notas do jornal *A República* pode-se pensar sobre a relação entre os Clubs de ciclistas e de Remo. Em 1902 tem-se a organização de um Club de Regatas que, notoriamente, dividiu o seu espaço no jornal e nas premiações com um Club de ciclistas. Será que ambos, os Clubs, desapareceram? Além de dividirem o espaço do Jornal, o que mais os Clubs poderiam ter dividido na Florianópolis de início do século XX, sabendo-se que a capital passava por transformações tanto sociais quanto urbanas.

2.3 Cartografias de Florianópolis

A cidade de Florianópolis passaria a ser remodelada a partir dos novos anseios da elite local em ascensão e de novas práticas econômicas advindas com a República. Os funcionários públicos, os pequenos proprietários, os profissionais autônomos, os comerciantes e os bacharéis, além de buscar diferenciar-se socialmente das camadas menos privilegiadas da população, também redesenhavam as posturas cidadinas, de forma a constituir um ar mais “agradável e sadio”¹⁰⁰ para a Florianópolis republicana.

Para afastar o significado negativo atribuído ao homem litorâneo de Santa Catarina, engenheiros, escritores, críticos, poetas, políticos e jornalistas formariam uma geração de produtores de um saber local. Para conceber o projeto, que reconfigurasse os valores e os hábitos, cidade e corpos, a Florianópolis do início do século XX passou a ser ajustada pelo ímpeto reformista, pela ideia de progresso e pela ideia de modernidade¹⁰¹. Espaços urbanos foram repensados para que os habitantes da capital catarinense os praticassem de forma moderna e civilizada e, principalmente, com práticas saudáveis.

¹⁰⁰NECKEL, R. Op Cit., 2003. p.54.

¹⁰¹KUPKA, Roselane Neckel. *Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis – 1910/1930*. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1993.; NECKEL, R. Op. Cit., 2003.



Imagens 21 e 22 - Rua Trajano, antiga Rua Livramento, durante assentamento da primeira rede de águas e esgoto (1908) e Rua João Pinto (1910). Imagens: Casa da Memória de Florianópolis

As primeiras décadas do século XX trouxeram a abertura e o calçamento de ruas, a ordenação e limpeza das praças, bem como a realização de obras que garantissem a manutenção da nova ordem e do novo modo de vida. O transporte marítimo que levava homens, mulheres e crianças da Ilha ao continente, ou vice-versa, sofreu alterações. As lanchas a motor, próprias para um mar agitado, substituíam as embarcações à vela muito utilizadas no século XIX. Saíam do Estreito, na Baía Norte, chegando ao trapiche da Praça XV de Novembro. Em dias de vento sul o desembarque era feito na Praia de Fora e quando o vento da Baía Norte tornava-se violento, a partida do continente ocorria na Baía Sul, em Coqueiros.

A parte central de Florianópolis também passaria por importantes reformas, como a instalação das redes de água encanada, a construção de redes de esgoto, o incinerador de lixo, a instalação da iluminação pública e o início da construção da ponte que ligaria a Ilha ao continente. No entanto, tais transformações na cidade, parte delas voltadas para uma parcela da população, deixaram a municipalidade e o governo estadual em situações delicadas.

A cidade centrava sua economia tendo por base o comércio e a arrecadação da administração pública, os dois principais setores responsáveis pela entrada da maior parte dos recursos financeiros que mantinham o núcleo urbano da cidade. Sabe-se que em “1914 Florianópolis possuía 606 casas comerciais”¹⁰² e a indústria era baseada em “bens de consumo, como móveis, chapéus de sol, torrefação de café, telhas de cimento, vinagre, bebidas, sabão, caramelos, fogos de artifícios, cigarros, massas alimentícias, refinação de açúcar, gelo”¹⁰³. O comércio de exportação de produtos para o mercado interno brasileiro também fazia com que a cidade arrecadasse mais fundos. A empresa Hoepcke, que se instalou na cidade em 1896 pelo alemão Carl Franz Albert Hoepcke, iniciou suas atividades como uma fábrica de pregos. Em 1907 o estaleiro da Arataca é construído e, em 1917, a fábrica de bordados e rendas incrementaria a economia de Florianópolis. No entanto, segundo Roselane Neckel¹⁰⁴, nas primeiras décadas do século XX, em Florianópolis, a economia era frágil e sem muitas expectativas de melhora imediata. O porto encontrava-se com problemas, o comércio se restringia ao consumo local e a produção agrícola, no interior da ilha, nem ao menos abastecia a população local. Assim, a elite de Florianópolis, grande parte dela possuidora de cargos políticos, a níveis federal a estadual, passou a articular empréstimos internacionais para realizar as obras modernizadoras necessárias na capital catarinense.

Para a abertura de novas ruas, como a Rio Branco e o calçamento das ruas Padre Roma, Marechal Deodoro e outras, eram destinados os recursos de impostos estaduais. As obras de saneamento eram viabilizadas com os fundos oriundos de empréstimos realizados fora do Brasil, como o convênio com a Fundação Rockefeller, com sede nos Estados Unidos da América. Mas seria com a entrada da década de 1920, a partir da Praça XV de Novembro, que grande parte do traçado urbano de Florianópolis sofreria modificações bruscas.

A Avenida Hercílio Luz teve o Rio da Bulha canalizado para receber a pavimentação e ajardinamento após as demolições dos cortiços. As ruas calçadas e devidamente nomeadas em homenagem a personalidades republicanas observam os bondinhos puxados a burro

¹⁰²PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 3ª Fase, nº3981. p.15

¹⁰³Idem.

¹⁰⁴NECKEL, R. Op. Cit., p.56.

desaparecem, pois é a vez dos ônibus. A Ponte Hercílio Luz foi construída e a comunicação com o continente passou a ser feita através de sua estrutura de aço.

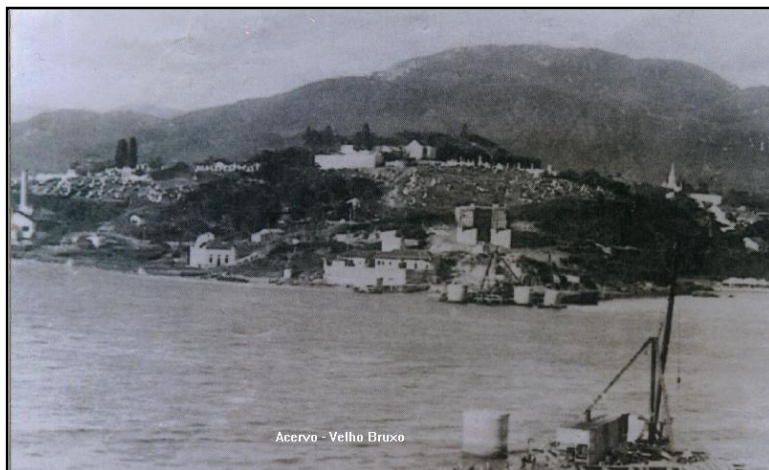


Imagem 23 - Construção da Ponte (1923). Acervo: Velho Bruxo

Hoje uma “ruína da modernidade”¹⁰⁵, a Ponte Hercílio Luz foi uma construção que dividiu duas épocas na cidade: da “decadência de Desterro e o progresso do Florianopolitano”¹⁰⁶. Identificada como um dos marcos mais importante da década de 1920 na capital catarinense, a Ponte, que foi a principal obra do governo republicano de Hercílio Luz, governador de Santa Catarina por duas gestões (1894-1898 e 1922 – 1924), deveria romper com a ideia da “insularidade indefinitiva”¹⁰⁷ que a capital possuía para com os demais municípios. Contraindo altos empréstimos, o Estado se viu em problemas econômicos para a finalização da obra. O primeiro empréstimo, em 1919, levou o estado a decretar moratória. O segundo, em 1922, foi firmado com os banqueiros *Harsey Stuart & Comp.* no valor de cinco milhões de dólares. Assim, a Ponte teria o seu material para a construção, bem como a tecnologia

¹⁰⁵ COELHO, Mario C. *Moderna Ponte Velha: Imagem & Memória da Ponte Hercílio Luz*. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1997. p.03.

¹⁰⁶ Idem. p.74.

¹⁰⁷ Idem. p.75.

aplicada ao projeto, oriundos dos Estados Unidos da América e sob a representação do Sr. Alberto Byington.

A construção do Miramar, no final da década de 1920 em substituição ao velho Trapiche Municipal, era um projeto que se inseria nas perspectivas modernizadoras da capital. Concebido por meio de concorrência aberta, através do Conselho Municipal de Florianópolis, a construção do edifício Miramar teve na figura do Sr. Mário Moura o responsável pela construção. O pavilhão deveria contar com um luxuoso café, sala de refeições e um compartimento para banhos. Sob a supervisão dos engenheiros Corsini e com o projeto e orientação do arquiteto Augusto Hubel, o Miramar se tornaria um dos principais pontos de encontro da cidade. Seria no Miramar que políticos, artistas, jornalistas e *dândis* se reuniam para praticar o flerte com as moças e conversarem sobre política, esportes e literatura. No entanto, o Miramar ocuparia um espaço a mais, além destes citados. Nos estudos de Marilange Nonnenmacher “o Trapiche foi inaugurado como símbolo do desenvolvimento econômico local”, pois “às obras que fortaleceriam os ideais de crescimento, como a recém inaugurada Ponte Hercílio Luz (1926) abriria as portas da cidade para o transporte rodoviário, e o desvencilhamento das ‘velharias que enfeiam a cidade’.”¹⁰⁸

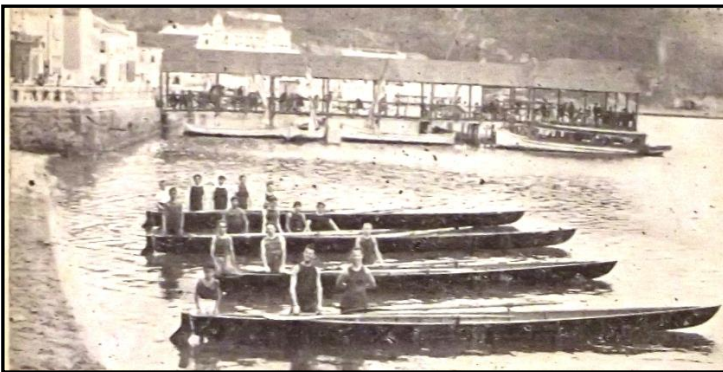


Imagem 24 - Trapiche Municipal e remadores do Martinelli posando para a *Revista Ilustrada* após o treino. Acervo: Revista Ilustrada, 20 de março de 1920

¹⁰⁸NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*. Tese (Doutorado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 2007. p.56.

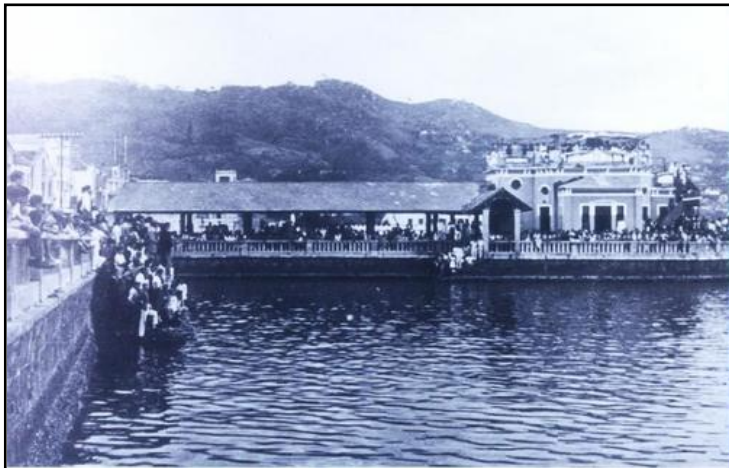


Imagem 25 - Miramar em dia de regata no Miramar (s/d). Acervo: Casa da Memória de Florianópolis

No Teatro Álvaro de Carvalho, lugar de sociabilidade das elites florianopolitanas, as encenações do Teatro de Revista tornaram-se a coqueluche da nova elite. As escolas normais, privadas, tal como o Colégio Coração de Jesus, a educação dos futuros florianopolitanos basear-se-ia em princípios cívicos. As mulheres teriam em sua jornada escolar a prática da ginástica, pois era primordial incentivar a formação da “mulher de bem” que iria gestar as futuras famílias florianopolitanas. Os espaços de sociabilidades passariam a ser redesenhados, demarcados, para que esta nova elite letrada da sociedade se diferenciasse cada vez mais das camadas populares de Florianópolis.

Os trabalhadores não ficariam de fora, pois organizariam em torno da União Operária (1922) e do Teatro da UBRO - União Beneficente e Recreativa Operária- (1931). Um espaço de sociabilidade, civilidade e investimento no discurso da valorização do trabalho e do trabalhador. Aos que não se adaptaram às novas normas ou mostravam-se indesejáveis, os equipamentos de controle social agiam para manter a ordem – Serviço Médico Legal, regulamentação do meretrício e dos mendigos, Asilo de Mendicância Irmão Joaquim e o Asilo de Órfãos São Vicente de Paula. Assim como a cidade se redesenhava e os espaços de sociabilidade se constituíam, os corpos passariam a ser reeducados e disciplinados, mas desta vez os exercícios físicos, baseados nas práticas náuticas, iriam ganhar destaque.

2.4 “Para vencer e abordar”¹⁰⁹: Os Clubs Náuticos Riachuelo e Martinelli e o Club de Regatas Aldo Luz

Quando surgiu a idéia da fundação, nesta capital, de um Club Nautico, onde a mocidade procurasse desenvolver as suas forças phisicas, houve pessoas descrentes da realização de tão bella iniciativa. Encorajado pela grande vontade dos commandantes Samuel Guimarães e Caiado, um pugido de valorosos moços levou a effeito a idéia, transpondo com persistência (...) ¹¹⁰

No mês de março de 1915, os Srs. José Gil, Álvaro Schmidt Cadeira e Osvaldo Leon Sales reuniram-se no Hotel Macedo, situado na Rua Conselheiro Mafra, para decidirem sobre as primeiras resoluções a respeito do grêmio de desporto náutico. Três meses depois, no dia 11 de junho de 1915, os Srs. fundam o Clube Náutico Riachuelo e adotam as cores azul e branco. O Clube, que recebeu o nome de uma Batalha, carregava em seu lema uma “grandeza da sua história/fulgura a força”¹¹¹. Batalha esta, ocorrida no ano de 1865, num afluente do rio Paraguai, durante a Guerra que o Império brasileiro em uma aliança com Argentina e Uruguai travara contra a nação paraguaia.

Comparecendo para a fundação os próprios José Gil, Álvaro Schmidt e Osvaldo Sales, além do capitão-de-fragata Samuel Pinheiro Guimarães, o comandante Artur Lopes Calado, os homens da família Moelmann, Alfredo Timm, Oscar Tonding, José Leite de Macedo, José Vitor Garcia, Mário Simões Lopes, Batista Pereira, Augusto Livramento, Edmundo Simone, Celso Fausto de Souza, Jaime Linhares, Lauro Carneiro, Roberto Schleip e Emílio Meyer, o Clube logo estabeleceu-se num galpão comprado pela diretoria na região da Rita Maria. O Riachuelo, em seus primeiros anos, adquiriu as duas primeiras *yoles* nomeadas com a letra *J* – *Jutaí* e *Juruá*, e contava com o carisma dos moradores da Rita Maria e alguns trabalhadores da empresa Hoepcke.

¹⁰⁹Expressão utilizada pelos remadores e reproduzido nos jornais para narrar a regata.

¹¹⁰*Club Náutico*. Jornal O Estado. 15 de março de 1916.

¹¹¹Hino do Clube Náutico Riachuelo, publicado no Jornal O Estado de 21 de fevereiro de 1919.

Um dos primeiros Clubes Náuticos organizado na capital catarinense, sabe-se que o Riachuelo trocava correspondências com outros Clubes de Remo, como o portoalegrense Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré¹¹². Provavelmente estes contatos tenham ocorrido devido ao fluxo comercial da empresa Hoepcke, já que parte dos trabalhadores eram sócios e outros eram remadores do Clube, com o porto gaúcho de Rio Grande. No ano de 1916, um importante *sportman* do Almirante Tamandaré aporta na ilha da Santa Catarina - o Sr. Valter Fontoura. Foi com o Sr. Fontoura que o Clube Náutico Riachuelo teve suas primeiras orientações de disciplina na prática do Remo. O *sportman* ainda organizou a primeira guarnição do Riachuelo com a *yole Jutai* e os *rowers* Celso Fausto de Souza, Osvaldo e Reinaldo Moelmann, Augusto Livramento e Álvaro Caldeira puderam fazer sua primeira exibição na Praia de Fora.

Reina grande entusiasmo entre os amantes do Sport náutico para uma festa que está sendo projectada e que será levada a effeito logo que cheguem, da capital Federal, as canoas, que allí estão sendo armadas por profissionaes. Estas vão ser de typo 1916. Para a dita festa já estão sendo iniciados os necessários trainings. Ainda domingo sahio da gare deste club, em demanda a uma das nossas Ilhas fronteiras, a yole Jutahy, tripulada pelos rowers Schleifer, Timm, Livramento e Tonding, servindo de patrão o snr. Müller¹¹³

Entre as páginas do jornal *O Estado*, o Clube Náutico Riachuelo toma algumas formas, em sua história. As inúmeras notas publicadas, durante parte das décadas de 1910 e 1920, contam como os “riachuelinos” socializavam-se através das regatas ocorridas primeiramente no mês de abril. É possível encontrar os convites para as festas e encontros dançantes, estes geralmente ocorriam no Clube 12 de Agosto, o clube da nova sociedade florianopolitana formada por

¹¹²Fundado em 18 de janeiro de 1903, surgiu como alternativa luso-brasileira aos clubes de origem germânica que tinham o alemão como língua corrente. Pouco tempo depois de sua fundação o Clube Tamandaré assumiu a liderança do remo gaúcho rivalizando com a turma do Germânia (outro Clube de Remo gaúcho). Cf. SILVA, Mário Candido da, Op. Cit., 1940. p.20.

¹¹³*Sport*: Club Nautico Riachuelo. Jornal O Estado. 22 de agosto de 1916.

comerciários e de funcionários públicos. Nestes salões, os *rowers* escutavam orações e cantos de amor em homenagem as batalhas no mar e os *yoles* eram homenageados com champanhe.

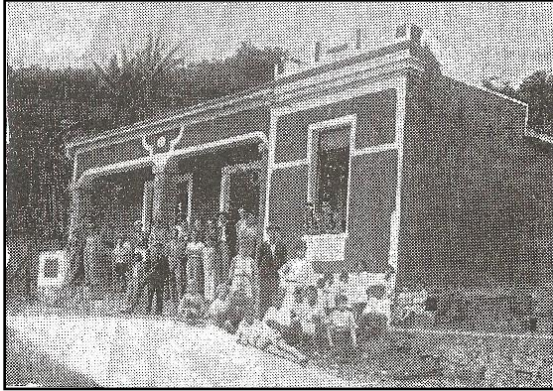


Imagem 26 - Sede do Clube Náutico Riachuelo, região da Rita Maria (1940). Imagem do livro *Clube Náutico Riachuelo*.

Irara Barco Batuta/Barco de confiança.
 Irara, nós temos sempre/Teu nome na lembrança
 Viva, viva Martinelli!/Que é da nossa alegria
 Viva, viva Martinelli!/Que é da nossa simpatia¹¹⁴

Conta-se que no mesmo ano de 1915, mas em julho e no café do português chamado Sr. Farinhas, na esquina da Praça XV, os Srs. Luiz Carvalho, João Medeiros Barbosa, Libório Sonsini, Lauro Carneiro e Osvaldo Reis debatiam a ideia da fundação de um novo Clube de Remo. O certo é que no dia 31 do mesmo mês, nos salões do Clube Concórdia, reuniram-se Lauro Carneiro, Narbal Viegas, Ari Tolentino, José R. Fernandes, João Vassilacoupolos, Libório Sonsini, Alfredo Montenegro, Edmundo Simone, Miguel Savas, Nestor Conceição, Celso Ramos, Djalma d'Eça e tantos outros, para fundar o Clube Náutico Francisco Martinelli. Carregando o pavilhão na cor encarnada e âncora preta no peito a “família martinellina”, como muitos referiam-se aos que se associaram ao encarnado, seria abrigado num barracão situado no terreno do Sr. Garcia, na Praia que levaria seu nome, nas proximidades

¹¹⁴CARVALHO, Luiz Oscar de. Página de Ouro: Nossas torcedoras. In: *Clichês*. s/d.

da Rua da Praia de Fora¹¹⁵. Escolhendo a letra *I* para nomear os *yoles*, o Clube batizou *Irajá* e depois *Irará*.

Presentes áquella hora o representante do exmo. sr. Governador do Estado, sr. tenente Manoel Guedes, ajudante de ordens; representante do sr. Bispo Diocesano, padre Giesbert, (...) Cidade marítima, com uma topografia especialíssima, colocada pela excepcional dadiva de Deus entre duas formosas bahias, que dispunham em aspectos os mais variados e encantadores a primasia, não deixaria por certo a bela Florianópolis de acompanhar o gesto das demais capitães organizando sociedades que cultivem o desporto náutico. (...) A primeira yole de sua esquadilha de regatas, será a *Irajá*. Tiramos o nome das selvas, da poética língua dos nossos autóctones, dos primeiros habitantes deste imenso Brazil que se alevanta, rejuvenescido, para a conquista das grandes glórias. Que ella singre victoriosa a calma espelhenta da nossa bahia (...)¹¹⁶

Homenageando o jovem guarda-marinha, Francisco Martinelli, que “trunfara em toda a sua carreira: que subira os degraus por esforços próprios, maravilhando seus amigos, enternecendo seus mestres, enchendo de lágrimas doces os olhos da dolorosa velhinha Martinelli”¹¹⁷ e que “não fugistes ao teu destino: talento, coração, grandeza e morte honrosa!”¹¹⁸, o Clube organizava seus treinamentos as 4h30min das manhãs. O café era servido no galpão para todos. Sendo alguns pães ‘furtados’ das portas das casas em que o padeiro passava, sendo o líder Acioli Vieira quem deixava algumas moedas como pagamento.

Eleito o Clube mais Querido¹¹⁹ pelos leitores do jornal *O Estado*, e com as mais belas torcedoras, os “martinelinos” esforçaram-se para

¹¹⁵Atual região da Rua Almirante Lamego, Bocaiúva e Heitor Luz. Cf. VERAS, E. Op. Cit.

¹¹⁶*Desporto*: C. N. Francisco Martinelli – Inauguração e baptismo. Jornal O Estado 31 de julho de 1917.

¹¹⁷FILHO, Barreiros. *Revista Ilustrada*, 20 Março de 1920.

¹¹⁸Idem.

¹¹⁹*Eleição Interessante*. Jornal O Estado. 09.06.1918/ 27.05.1918 e resultado em 16.06.1918.

‘encarnar’ o coração do Governador do Estado de Santa Catarina, pois o antigo barracão de madeira na Praia do Garcia estava apodrecendo e somente um auxílio salvaria as *yoles* da ação do tempo. É no ano de 1926, na gestão do governador Hercílio Luz, por intermédio de seu filho Abelardo Luz, que o Clube recebe de doação na região do Cais da Liberdade “um prédio, assobradado, sito nesta Capital à Rua João Pinto, nº42, construído em terreno de marinha, com 4 (quatro) braças – 8,8 metros de frente à dita rua; fundos com o mar; confrontando, por um lado, com quem de direito e, pelo outro com a Travessa Wandekolk”¹²⁰. Mas, não era o bastante para os *rowers* e os associados. Faltava um prédio que comportasse as *yoles*, os *rowers* e as reuniões da diretoria.

Transferidos para as proximidades da região central da capital, a Praça XV de Novembro, os “martinelinos” ampliaram seu carisma junto à população e aos jornais da capital, quem sabe devido às ações constantes de arrecadação de dinheiro ou por possuírem um espírito animado. O Sr. Luiz Oscar de Carvalho conta que os “martinelinos tornaram-se pedintes, mendigantes de material de construção”¹²¹ e os “‘pedidos’ passaram a ser de todas as formas”¹²² para a construção da sede. Mesmo tendo sido terminado somente por volta dos anos 1930, o prédio em estilo *art déco* mantém-se em pé na Florianópolis do século XXI.



Nossos remos possantes das águas/
Levantando colunas de espuma/
Lembram astros de luz palpitantes/
A rasgar os sudários de bruma/
Impelida por seus remadores/
A yole correndo veloz/
Há de ter ventura suprema/
De fazer-nos nas litas heróis¹²³.

Imagem 27 - Prédio do Clube Náutico Martineli, por volta da década de 1930, Acervo: Henrique Espada

¹²⁰Exposição do Clube Náutico Francisco Martinelli à Prefeitura Municipal de Florianópolis. S/d.

¹²¹Luiz Oscar de Carvalho: o símbolo vivo do Martinelli. Jornal (?). p.3-4.

¹²²Idem.

¹²³Hino do Clube Aldo Luz.

O último dos três Clubes de Remo da capital catarinense é o Clube de Regatas Aldo Luz. Os “aldistas”, ou aldinós, abriram suas portas três anos após o Riachuelo e Martinelli, em 1918. A fundação do Clube confunde-se com a organização da Confederação Catarinense do Remo. Os Srs. “Aldo Luz, Ary Tolentino e Edmundo Simone tiveram a idéia de fundar, mais um club náutico, com o nome de Club de Regatas Florianópolis” e, é “digno gesto desses três moços, pois é de inteira necessidade mais um clube náutico, para poder em Florianópolis formar uma federação”¹²⁴.

A ata que fundou o Clube de Regatas Florianópolis, em homenagem à capital, foi assinada em 05 de dezembro de 1918 e contou com as assinaturas dos Srs. Aldo Luz, José Arthur Boiteux, Pompílio Pereira Bento, Ary Tolentino, Edmundo Simone, Clovis de Araújo, Julio dos Santos e outros mais, além do apoio dos Clubes Náuticos Riachuelo e Martinelli. Na mesma ata lê-se as palavras do Sr. Ary Tolentino em que “foi lançada a proposta para as cores que o Club deveria adoptar. Como homenagem ao Estado de Santa Catarina foram aprovadas as cores branco-encarnado (...)”¹²⁵. Mas alguns meses depois, em maio de 1919, os dirigentes do Clube de Regatas Florianópolis em reunião extraordinária na Junta Catarinense Republicana alteraram o nome para Clube de Regatas Aldo Luz, pois o então presidente do Clube havia morrido prematuramente na cidade do Rio de Janeiro. Deixando de realizar suas reuniões na Junta Catarinense, no ano de 1920 o Clube de Regatas Aldo Luz transferiu-se para a nova sede, na Rua João Pinto, próxima a sede do Clube Náutico Francisco Martinelli.

Com um traçado de orla desenhado por amontoados de pedras que constituíam pequeninas praias na parte Norte da Baía e ao Sul um amontoado de trapiches, aos poucos a cidade veria o beira-mar ser redesenhado para abrigar os espaços de disputas do Remo. Em alguns destes pequenos pedaços de areia, as famílias e os próprios Clubes de Remo identificavam-se, como apresenta o relato do jornal *O Estado* de 08 de abril de 1920, na imagem ao lado. Segundo o Sr. Décio Couto, filho de *rowers* e ex-remador do Riachuelo, os senhores da região da Rita Maria eram os “riachuelinos”, pois foram abraçados pelos moradores e comerciantes que ali construíram suas vidas “tem os Müller, os Mundi, é... os Cardoso, lá da parte do Jorge Trilha, a família da senhora dele, o próprio Trilha ali e, também aquelas famílias que

¹²⁴ *Sportivas*. A Festa do Martinelli. Jornal O Estado. 21 de novembro de 1918.

¹²⁵ Acta de fundação do Club de Regatas Florianópolis, 27 de dezembro de 1918.

residiam na Rita Maria, ali pra cima e tal, lá para o lado da praia de Fora também”¹²⁶. Já o Martinelli



teria sua história contada num livro de memórias, infelizmente, deixado inacabado pelo senhor Luiz Oscar de Carvalho. Divido em “*Clichês*” e “*Postais*”, o sr. Oscar de Carvalho conta como o Clube tornou-se o mais popular, tanto entre os concursos que movimentavam a cidade pelos jornais e revistas na escolha do “Remador mais apreciado na Federação Catharinense do Remo” e “Rainha do Esporte Náutico Catharinense”¹²⁷ quanto pelos cidadãos da capital.

As regatas na orla da cidade marítima tornavam-se, nessas ocasiões, espaços de encontro das tradicionais famílias de Florianópolis, que torcendo por seus filhos sonhavam com um futuro de *glamour* para a sua descendência sadia. Chegando a atrair 6.000¹²⁸ pessoas entre atletas, sócios dos clubes, políticos, autoridades, torcedores e público em geral, durante a década de 1930, os *rowers* dos clubes náuticos Martinelli, Aldo Luz e Riachuelo, abriam as águas da Baía Sul-Norte.

¹²⁶COUTO, Décio. Entrevista concedida a Artur F. da Silveira. Florianópolis janeiro de 2006.

¹²⁷*Qual o mais querido dos clubes náuticos de Florianópolis?* Jornal O Estado. 27 de maio, 09 e 16 de junho de 1918.

¹²⁸No início do século XX Florianópolis contava com cerca de 15 mil indivíduos e em 1940 sua população passou a 25 mil habitantes, pois na década de 1940 a Ilha agrega uma parte do continente que pertencia a São José. Até então, a capital catarinense era considerada apenas a região da Ilha.

2.5 De Federação à Confederação e de Confederação à Liga Náutica de Santa Catarina

Maury Dal Grande Borges, em 2002, escreveu em seu livro *Remando nas águas da história* algumas páginas sobre a fundação da FERESC – Federação de Remo do Estado de Santa Catarina. Segundo o autor, no ano de 1910 foi organizado na ilha o Clube Catarinense de Natação e Regatas que veio suceder a Sociedade de Regatas fundada em 1º de outubro de 1894. No entanto, nem uma nem outra entidade alcançou êxito na organização de competições náuticas. Somente com a fundação dos Clubes Riachuelo, Martinelli e Aldo Luz é que uma Federação seria criada e com ela seria estabelecida normas e regras para a realização de regatas no Estado de Santa Catarina. A entidade catarinense, apesar de pequena em número de filiados e possuir divergências políticas internas sobre a prática do Remo, ganharia um espaço nas publicações esportivas do Rio de Janeiro.

Nas primeiras páginas do Programa Oficial das Regatas dos Campeonatos Brasileiros de Remo de 1940, publicado na cidade do Rio de Janeiro, os leitores do Remo e seus torcedores encontrariam um pequeno relato sobre a fundação das principais Ligas Náuticas no Brasil. Figurando entre a Liga paulistana, rio grandense e carioca, a Liga Náutica de Santa Catarina além de ter meia página dedicada a sua história, também seria representada pela imagem do seu presidente em exercício na ocasião da fundação, o Dr. Fulvio Adulcci.

Segundo a publicação carioca, para as regatas de 1940, a Liga catarinense contava com os seguintes Clubes filiados: Náutico Francisco Martinelli, de Regatas Aldo Luz e Náutico Riachuelo (de Florianópolis); Natação e regatas Lauro Carneiro e Náutico Almirante Lamego (de Laguna); Náutico Marcilio Dias e Almirante Barroso (de Itajaí); Sociedade Recreativa e Esportiva Ipiranga e Náutico América (de Blumenau); Náutico Atlântico e Náutico Cachoeira (de Joinville); Náutico Cruzeiro do Sul (de São Francisco do Sul) e Náutico José Boiteux (de Porto União). Apesar de treze Clubes Náuticos serem filiados a entidade catarinense no início de 1940, em sua maioria oriundos de cidades com importantes movimentações portuárias, o processo de filiação dos Clubes na Liga não era nada simples.

Diferentemente do que narra Maury Dal Grande Borges, em seu livro, o estatuto da Liga Náutica de Santa Catarina estabelece a data de fundação em 10 de janeiro de 1918, sob a denominação de Federação

Catharinense do Remo. Tempos depois, modificaria seu nome para Confederação Catharinense de Desportos. No estatuto de 1923, assinado pelo presidente em exercício Fulvio Adulcci, a Liga tinha por principais objetivos “propagar e desenvolver o *sport* náutico do Estado de Santa Catharina”¹²⁹, “representar e dirigir os desportos náuticos na região de jurisdição”¹³⁰ e organizar duas importantes regatas anuais, oficiais, na capital catarinense e uma em cada sede dos Clubes filiados de fora da capital.

Sobre a filiação das sociedades, o estatuto previa que três quartos dos Membros do Conselho aprovassem a sociedade que poderia ser oriunda de qualquer localidade do Estado de Santa Catarina. E, no *Capítulo VI – Da admissão das sociedades*, do estatuto da Liga de 1923, o artigo 24 pontua as condições essenciais para a admissão de uma sociedade:

- 1ª. - ter Estatutos próprios, aprovados pelo Conselho da Liga e registrados;
- 2ª. – ter Directoria legal e idônea;
- 3ª. – ter embarcações dos typos adoptados, uniformes;
- 4ª. - pagar a joia de 300\$000 e a mensalidade de 25\$000, adeantadamente;
- 5ª. – observar com todo rigor a lei do amadorismo¹³¹.

Além de aceitar e seguir as condições citadas acima, para uma provável admissão, a sociedade que pretendia filiar-se a Liga deveria apresentar uma relação nominal de seus associados e de seus remadores até meados do mês de março, pois as principais regatas oficiais ocorriam entre os meses de abril e novembro. Na lista do nome dos remadores, enviada pelas sociedades, era obrigatório conter o nome completo, a profissão e a apresentação dos documentos que comprovassem a profissão e o local de trabalho. Pois, segundo o estatuto de 1923, o objetivo desta lista era auxiliar “aos clubes para seu conhecimento e

¹²⁹ Estatutos da Liga Nautica de Santa Catharina. Florianópolis, 20 de outubro de 1923. p.3.

¹³⁰ Idem..

¹³¹ Estatutos da Liga Nautica de Santa Catharina. Florianópolis, 20 de outubro de 1923. p.8.

possível impugnação, quando ás profissões indicadas”¹³² no caso de problemas durante as corridas, como os empates ou desentendimentos diversos.

As profissões permitidas pelo estatuto, para a prática do Remo, estão descritas no Art. 70 do *Capítulo VII – Dos Amadores*. Para a Liga, não poderiam praticar o remo os profissionais, os analfabetos e:

c) os que exerçam profissão humilhante ou emprego que lhes empreste o caracter de serviçais, taes como: creados de servir, de hotéis, cafés, bars, ou botequins, vendas, confeitarias, bilhares e casas de sorvetes; barbeiros, cabeleireiros, chauffeurs; empregados de agencia de locação, contínuos e serventes em geral; vendedores de bilhetes de loterias ou exploradores de jogos prohibidos; conductores e recebedores de vehiculos; e) as praças de pret do exercio e força publica; f) os de profissão manual que não exija esforço mental; g) os operários em geral, mestres, officiaes e artífices de fabricas, oficinas, arsenais e estaleiros;¹³³

E após as devidas comprovações, seria necessário o pagamento prévio de 2\$000. Ainda pelo estatuto, os “voluntários especiaes do Exercito, os reservistas navaes pertencentes aos clubs coligados e os alunos das academias militares”¹³⁴ poderiam ser considerados como amadores nas corridas oficiais organizadas pela Liga.

Diferentemente do código de regatas do Rio de Janeiro do mesmo ano, 1923, que propunha uma lei do amadorismo baseada na competição e na *performance* atlética para a prática do esporte náutico, com embarcações definidas por sua estrutura, peso e modelo; a Liga catarinense em seu estatuto apresentava uma concepção de amador bastante simples e quase nada especificado sobre as embarcações. Para a Liga, a lei do amadorismo baseava-se em “todo os que por prazer ou diversão, procurem na prática do *sport* um meio de educação physica

¹³² Idem.

¹³³ Estatutos da Liga Nautica de Santa Catharina. Florianópolis, 20 de outubro de 1923. p.17-18.

¹³⁴ Idem.

sem intuito de lucro monetário”¹³⁵. Como se vê, a relação de amadorismo e de prática do Remo ainda não encontrava-se estruturada no Brasil, pois no Rio de Janeiro o amadorismo era visto como um esporte e em Florianópolis, um ‘esporte para o culto do físico’.

A organização da entidade estadual de Remo em Santa Catarina no início da década de 1920 carece, ainda, de estudos mais detalhados. Desde sua fundação, além de estar vinculada a presença de políticos locais a entidade classificava seus participantes, seus remadores, por sua profissão e caráter. Seria uma forma de elitizar o Remo e sua prática na capital e nos demais municípios? Ou, ainda, a construção de um discurso disciplinador para a sociedade que ansiava ser bela e disciplinada aos moldes europeus?



Imagem 29 - Troféu disputado pelos Clubes de Remo. Federação de Remo, Troféu década de 1940. Acervo: Carina Sartori

¹³⁵ Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina. Florianópolis, 20 de outubro de 1923. p.15.

2.6 O “novel” Club Náutico para os Operários

A organização de trabalhadores em sociedades beneficentes que utilizaram a denominação de Liga, União, Centro ou Clube Operário, desenvolveu-se no Brasil a partir da segunda metade do século XIX. Visando aglutinar os trabalhadores de diferentes profissões “através da solidariedade de classe atender minimamente as suas necessidades básicas, visto a contínua exploração a que era submetida, à ausência de leis, ou de sua aplicabilidade”¹³⁶, estas entidades surgiram principalmente em cidades onde havia pouca ou nenhuma organização operária por ofício.

Em Florianópolis quatro associações operárias constituíram-se: Liga Operária Beneficente de Santa Catarina (1891), Sociedade dos Trabalhadores de Florianópolis (1920), Sociedade Beneficente e Recreativa Operária São João (1920) e União Gráfica Beneficente (1921). Com caráter pluriprofissional e congregando basicamente trabalhadores urbanos, estas associações, segundo Vera Collaço, alinharam-se “com os dois momentos da modernidade brasileira, construída na primeira metade do século XX. Ao longo da década de 1920 desenvolveu “práticas políticas” na busca de direitos trabalhistas e na reivindicação de intervenção do Estado, em questões como custo de vida e moradia para a classe trabalhadora”¹³⁷. Demonstrando o caráter pluriprofissional, a autora apresenta uma lista das profissões exercidas pelos fundadores da União Operária:

Para explicitar a heterogeneidade profissional que compunha o quadro de associados da União Operária, apresento uma relação de nomes de alguns diretores e lideranças dessa associação, cuja atividade profissional, foi encontrada ao longo desta pesquisa: Rodolfo Bosco, alfaiate; Sebastião Belli, marceneiro; Manoel Alves Ribeiro, eletricista; Álvaro Ventura, estivador; Hipólito do Vale Pereira, contador; João dos Passos Xavier, carpinteiro; Deodósio Ortiga,

¹³⁶COLLAÇO, Vera Regina Martins. *O Teatro da União Operária: Um palco em sintonia com a modernização brasileira*. Tese de Doutorado em História. CFH, UFSC, Florianópolis, 2004. p.28-30.

¹³⁷Idem.

funcionário público; João Nilo Vieira, pedreiro; Carlos Bicocchi, marceneiro; Alcimiro Silva Ramos, tipógrafo e faroleiro; Epaminondas Vicente de Carvalho, carpinteiro; Aureliano José da Rosa, encanador; Waldemiro Monguillott Junior, carpinteiro; Agostinho Silva, marceneiro; José Carlos Capistrano, marceneiro; Mário Schmidt, tipógrafo; Aurélio Alves, ilustrador; Tadeu Silva, alfaiate; Domingos Tonera, funcionário público; Antônio Altamiro Dutra, alfaiate; Janny Wolff Castro, eletricista; Oscar Schmidt, funcionário público; Clementino de Brito, jornalista; Francisco de Paulo Vieira, eletricista; Olavo Cassiano Medeiros, professor da Escola de Aprendizizes Artífices, funcionário público¹³⁸.

Enquanto os trabalhadores filiados na instituição apresentavam as profissões de “alfaiates, marceneiros, eletricistas, funcionários públicos, pedreiros, estivadores, contadores, carpinteiros, tipógrafos, faroleiros, encanadores e ilustradores”¹³⁹. Segundo um censo realizado, entre 1872 e 1920, sobre a presença de trabalhadores e seus ofícios em Florianópolis, é possível encontrar importantes variações relacionadas ao termo ‘trabalhadores do comércio’, o que torna bastante complexo este debate sobre as profissões e ofícios.

(...) em 1872, Nossa Senhora do Desterro contava 404 trabalhadores entre comerciantes, guardalivros e caixeiros, enquanto, no censo de 1920, eram recenseados como trabalhadores do comércio 1178 pessoas¹⁴⁰.

No ano de 1901, a Liga Operária adquiriu sua primeira sede na Rua Altino Correa, nº126. Um local próprio para a realização de atividades significava seriedade e auxiliaria na efetivação de atividades

⁸⁹COLLAÇO, V. R. C. Op. Cit., p.50.

¹³⁹Cf. COLLAÇO, V. Op. Cit. p.28-30.; LEUCHTENBERGER, Rafaela. *O lábaro protetor da classe operária: as associações voluntárias de socorros-mútuos dos trabalhadores em Florianópolis*. Dissertação de Mestrado em História Social. Unicamp, Campinas, São Paulo: 2009. p.90

¹⁴⁰LEUCHTENBERGER, R. Op. Cit. p.65.

voltadas para os trabalhadores, a Liga Operária de Florianópolis ainda passou pela Rua João Pinto esquina com a Nunes Machado, nº29. Por volta da década de 1920, a Liga se estabeleceu na Rua Tiradentes nº20, num amplo casarão de dois pisos. Enquanto a sede da União Beneficente Operária seria somente adquirida na década de 1930, na Rua Pedro Soares.

A fundação da União Beneficente Operária é controversa. Segundo Rafaela Leuchtenberger, existe três versões para a fundação da União Operária: Vera Collaço demonstra que o processo se deu “pela ausência de sindicatos e pela presença de entidades de classe enfraquecidas e voltadas apenas para a beneficência”¹⁴¹; Jaci Vieira apresenta que foi “para trabalhar em prol do Socorro Vermelho¹⁶⁶, apoiar greves, com passeatas e comícios”¹⁴²; enquanto Lílian Schmeil afirma que a União Operária seria uma dissidência da Liga por ser esta uma entidade considerada muito “pequeno-burguesa”¹⁴³. Tal consideração, da União para com a Liga, pode ser compreendida a partir das observações dos nomes que ocupavam o cargo de orador nesta Associação. Tido como um cargo de honra, em muita das Associações, na Liga Operária de Florianópolis, especificamente, o cargo de orador era geralmente ocupado por políticos influentes de Florianópolis. Durante as gestões nota-se a presença de José Boiteux, em 1901, e até de Altino Flores, em 1933.

Além de um espaço de abrigo e de formação de trabalhadores, a Liga Operária bem como suas gestões propunham também constituir um espaço em que o trabalhador ocupasse de forma a dedicar-se a um tempo de não-trabalho¹⁴⁴. Rafaela Leuchtenberger, em sua dissertação sobre *O*

¹⁴¹COLLAÇO, V. R. C. Op. Cit., p.14-15.

¹⁴²VIEIRA, Jaci Guilherme. *Historia do PCB em Santa Catarina: Da sua gênese até a Operação Barriga Verde – 1922 a 1975*. Florianópolis, 1994. 104f. Dissertação (Mestrado em História). PPHST, UFSC, 1994. p. 25.

¹⁴³SCHMEIL, Lílian. *Memórias da UBRO*. Florianópolis: Franklin Cascaes, 1995. p.07.

¹⁴⁴Optou-se por utilizar o termo não-trabalho, pois este se vincula a um tempo dedicado as práticas dos hábitos físicos, exercitados nos finais de semana, que estruturam uma ordem moral e racional. Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p.39.; MELO, Victor Andrade (Org.). *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p.5-17.; CORBIN, Alain. *Du loisir cultivé à la classe de loisir*.

lábaro protetor da classe operária, argumenta que as funções destas entidades também se filiariam num “desejo de se organizar uma filarmônica, que precisaria de espaço para os ensaios e para o acondicionamento dos instrumentos”¹⁴⁵, no caso da Liga, enquanto a União Operária “objetivava construir um teatro, que necessitaria de uma estrutura mínima de palco”¹⁴⁶. A autora ainda esclarece que “Da mesma maneira, em quase a totalidade das instituições havia o objetivo de se organizar uma biblioteca”¹⁴⁷, a qual certamente serviria “ainda como um espaço de sociabilidade e lugar de constituição e manutenção de identidades, propiciadas pela organização interna que as sedes sociais assumiam, privilegiando espaços amplos de convívio social dos mais diversos – desde assembleias e reuniões a bailes e sessões de jogos”¹⁴⁸. Entre as atividades organizadas pela Liga Operária de Florianópolis, na sua sede situada na Tiradentes nº20, em 1921, de trabalho, de cultura e de um tempo de não-trabalho, estaria à fundação de um Clube Náutico para os trabalhadores.

(...) na Liga Operária, a primeira reunião para a fundação do Club Nautico Independencia. As 13:30 mais ou menos no salão da Liga Operária achava-se repleto de operários, *sportmans* e representantes da imprensa¹⁴⁹.

A fundação do “novel” Club Nautico Independencia para os trabalhadores foi noticiado com muito entusiasmo pelo jornal *O Estado*. Segundo o periódico, no ato da sessão de fundação do Clube estavam presentes o sr. João de Bitterncourt Machado que abriu os trabalhos apresentando a diretoria provisória que seria composta pelos Srs. “Presidente, João de Bittencourt Machado; Secretário, Rodolpho Bosco; Tesoureiro, Joaquim Carneiro”¹⁵⁰. Como proposta, a ser votada ainda, do Sr. João Climaco Lopes os nomes dos Srs. dr. Hercílio Luz,

In:_____. *L'avènement des loisirs* (1850-1960). Paris: Champ Histoire, 1995.p.71-103.

¹⁴⁵LEUCHTENBERGER, R. Op. Cit.. p. 42-44.

¹⁴⁶Ibidem.

¹⁴⁷Ibidem.

¹⁴⁸LEUCHTENBERGER, R. Op. Cit.. p.43.

¹⁴⁹A fundação do Club náutico Independencia: Jornal O Estado. 03 de outubro de 1921.

¹⁵⁰Idem.

governador do Estado, capitão João Pedro Oliveira Carvalho superintendente municipal e do capitão Manoel de Azevedo Coutinho capitão do Porto, deveriam constar como presidentes honorários. Tanto a diretoria quanto os presidentes honorários foram aprovados por unanimidade. Em continuidade da reunião de fundação do novo Clube passou-se a discutir as cores do pavilhão. Dentre as muitas propostas apresentadas foi aceita a “camisa e calção branco, tendo no peito um escudo com as cores da bandeira nacional (verde e amarelo), atravessado por uma ancora azul marinho”¹⁵¹. Ao término da sessão, segundo a nota do redator d’*O Estado*, não assinada, foi “servido aos presentes profuso copo de cerveja, tendo discursado por esta ocasião os srs. João Bittencourt Machado e Rodolpho Bosco, respectivamente presidente e secretário do novo Club”¹⁵². Alguns destes nomes que estiveram envolvidos na organização do Club Independencia atuariam em outras frentes trabalhistas. Rodolpho Bosco, por exemplo, segundo Vera Collaço, seria uma importante liderança da União Operária vinculado à maçonaria.

Entre os dias 7, 10 e 14 de outubro de 1921, ocorreriam às eleições definitivas para a diretoria do Club Nautico Independencia. Realizadas na sede da Liga Operaria a eleição da primeira diretoria foi assim composta:

(...) do Club Nautico Independencia sendo eleitos: Presidente, Mathias Gustenhofen; Vice-presidente, João Climaco Lopes; 1º secretario, Braulio J. Dias; 2º secretario, Arthur Galletti; 1º tesoureiro, Joaquim Carneiro Junior; 2º tesoureiro, João B. Beretta; Orador, Rodolpho Bosco, Director de galpão, Angelo Galliani; Director sportivo, dr. Achylles Santos; diretor do material fluctuante, José Donatilio da Luz. Comissão de sindicancia: Presidente Nicolau Elpo, Fioravante Cheringuini, Augusto José da Silva e Jonas Carioni. Comissão fiscalizadora: Presidente Wlademiro Dias, Adhemar da Silva, Henrique Seixas Ribeiro, Chrispom João da Cruz. Comissão de finanças: Lourenço Zukosky, Edmundo Farias e Luiz Beretta.

¹⁵¹Idem.

¹⁵²Idem.

No mesmo dia da eleição foi levado ao conhecimento da casa um ofício, assinado pela Liga Operária, sobre a disponibilização da sede desta para as reuniões e atividades necessárias do Club Nautico Independencia. Acompanhando a fundação estavam também presentes o sr. Petrarcha Callado, representante do jornal *O Estado*; sr. Joaquim Ennes Torres, do Club Náutico Riachuelo e o sr. Luiz Carvalho, do Club Nautico Francisco Martinelli. Ao final, o sr. Pedro Bosco “dissertou sobre a necessidade da união da classe operaria, para a conquista de seus direitos sociaes e políticos” enquanto o orador de honra, o sr. Rodolpho Bosco, “que em entusiastico discurso, fallou sobre as diferenças existentes entre o antigo operário e o actual”¹⁵³ e terminando suas colocações “tecendo-lhe elogios [ao trabalho valoroso da imprensa catarinense] e salientando a sua valiosa influencia para o desenvolvimento do desporto em nossa terra”¹⁵⁴.

No seguir dos meses de 1921, é possível acompanhar a vida e as atividades do Club Nautico Independencia até meados de dezembro de 1921. Entre as séries de notas que foram publicadas nas páginas do jornal *O Estado*, como as chamadas para os associados ao Clube Náutico comparecerem as reuniões, que ocorriam por volta das 19 horas nos dias de semana, no salão da Liga Operária, tem-se a nota de pedido de concessão para a construção do galpão do Clube:

Já foi concedido pela Superintendencia Municipal o terreno para a construção do galpão do Club Nautico Independencia. A planta do galpão tambem já se acha em mãos do auxiliar technico da Superintendencia Municipal, para ser feito o respectivo exame¹⁵⁵.

Na nota publicada pelo Aldo Luz em 10 de outubro de 1921, pode-se ler “‘Aldo’ oferece um barco aos operários”:

A Diretoria do symphatico Club «Aldo Luz» oficiou ao Presidente do Club Nautico

¹⁵³*Club Nautico Independencia*. Jornal *O Estado*, 07, 10 e 14 de outubro de 1921.

¹⁵⁴*Club Nautico Independencia*. Jornal *O Estado*, 07, 10 e 14 de outubro de 1921.

¹⁵⁵*Club Nautico Independencia*. Jornal *O Estado*, 05 de dezembro de 1921.

Independencia, pondo a disposição dos seus remadores, uma «yole» para trenos. Merece francos elogios, a atitude, da Directoria do club Aldo Luz, que com este gesto não só vem cooperar para o desenvolvimento do Sport em nossa terra como vem demonstrar o espírito de camaradagem existente entre os clubs náuticos.

Nos dias seguintes, o jornal volta a publicar uma das notas mais importantes; a votação de uma emenda no Código de regatas da Confederação Catarinense de Desportos em que os operários passariam a correr na categoria de amador:

(...) facilitam o os meios de que eles possam organizar diversos pareos. Pela emenda, que foi aprovada, são considerados amadores os alfaiates, os ourives e os relojoeiros. Sabemos que na secção de hoje os mesmos senhores apresentarão uma outra emenda acrescentando typographos e confeiteiros¹⁵⁶.

As notícias sobre o Club Nautico Independencia se tornaram escassas no ano de 1922 e sabe-se que não houve a sua filiação na Confederação Catarinense de Remo. Os motivos desta não filiação podem ser diversos, desde a falta de financiamento necessário para a aquisição de embarcações próprias, o não enquadramento do Club em algum ponto do Código de regatas até o não querer se filiar. No entanto, a presença de notas de jornais que indiquem a existência de um Clube de Remo de operários, que provavelmente tinham por ofício a alfaiataria, confeitaria, tipografia e ourivesaria, apresenta ao pesquisador a preocupação destes homens em querer envolver-se numa modernidade que neste caso estava na prática de um exercício náutico – o Remo. Este que, definitivamente, estava movimentando jornais, intelectualidade e uma gama da sociedade florianopolitana na década de 1920.

Outro fato que pode estar relacionado com a fundação do Independencia em Florianópolis diz respeito ao Club Nautico Cruz e Souza de Itajaí. Mesmo existindo divergências no que diz respeito ao ano de fundação do Club de Itajaí, 1919 ou 1920, o que é interessante no Clube e sua história é que: como o Independencia, ambos são oriundos

¹⁵⁶*Os operários podem correr.* Jornal O Estado, 14 de outubro de 1921.

de grupos de operários. No entanto, o Club Cruz e Sousa contaria ainda com a participação de mulheres e negros. Sabe-se que no ano de 1921, na regata de novembro realizada pela Confederação, o Club Nautico Cruz e Souza correria num dos páreos e acabaria vencendo. Provavelmente havia um contato entre os operários de Itajaí e Florianópolis, pois nos meses que se seguiram à vitória nas regatas, de novembro, do Club Nautico Cruz e Souza, houve uma maior movimentação nas publicações de notas de jornal convidando os associados a participarem do Club Nautico Independencia.

C. N. CRUZ e SOUZA (ITAJAÍ)

O C.N, Cruz e Souza, foi fundado em 13 de junho de 1919 (...) A fundação deu-se na sociedade 15 de Novembro, à rua Silva. As côres do clube eram o Azul e o Amarelo. Foram seus idealizadores os senhores Francelino Rafael e Firmino Rosa e mais, Bolesláu Procópio, Antônio Pedro, Pedro Caetano Vieira, Maximino Pereira, Manuel Euzébio Nascimento e as senhoras que compunham a primeira diretoria, pela forma seguinte: Presidente, Etelvina Vieira; Vice, Mariazinha Mascarenhas; 1 Secretária, Maria Ramos; 2., Maria Caetana; Orador, Firmino Rosa; Diretor de Galão, Francelino Rafael; Instrutor, Rodolpho Reiser; Zelador de Galpão, Pedro Caetano. A sua primeira Yole tinha a denominação de “Guaraci”, tendo como madrinha a menina Izaura Procópio, filha do “Bole”. Pela primeira vez na história de Santa Catarina, a 21 de abril de 1920, aparecia na raia uma guarnição de gente de cor, coisa nunca vista no Estado. Era esta a Guarnição: Pedro Alcântara, Antônio Pedro, Hanuel Euzébio Nascimento, Firmino Bonifácio e Pedro Celestino. Venceram a Taça “Para Todos”. E mais os remadores Pedro Constantino Pereira, Vergílio Lino, Manuel Dadativa e Manuel Casemiro¹⁵⁷.

¹⁵⁷Revista Rubro Azul. Itajaí, 1962, p. 69. Apud ROSA, André Luiz da. *Operários da Bola*. Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950. Dissertação de Mestrado em História. CFH, UFSC, Florianópolis, 2011. p.61-63.

A partir da leitura da emenda da Confederação Catarinense de Remo sobre as profissões que poderiam ser aceitas para a prática do Remo, na categoria amador, é que havia uma provável distinção de quais tipos de trabalhadores poderiam filiar-se e correr nas regatas oficiais da Confederação. Aqui é importante destacar que no Remo haviam as regatas oficiais, apenas Clubes e remadores filiados participariam, e as não oficiais, chamadas de regatas dos remadores em que qualquer um poderia participar. No entanto, a questão sobre a distinção dos ofícios dos trabalhadores realmente chama atenção quando num documento, apesar de estar sem data e contar apenas com uma única folha, nota-se a ocorrência de sindicâncias para averiguar a profissão (ofício) do remador e se sua residência era na Ilha.

Alípio de Castro (do Club Nautico “Francisco Martinelli”. Não está clara a profissão declarada “Insp. de Agua e Esgoto”; sendo uma repartição em que trabalham pessoas de diversos officios, achamos que deveria ser mais clara a declaração de sua profissão, apesar deste remador já ser um veterano do sport náutico em nossa terra¹⁵⁸ .

Ainda por se obter mais dados sobre seu estatuto, seus remadores, suas embarcações e a existência ou não de seu galpão, o Clube Nautico Independencia, ou Clube dos operários, que em muitas das notas de jornal são descritos comemorando o término de suas reuniões com cervejas, (uma imparcialidade do Jornal?), deixou rastros que merecem ser estudados. Sua presença, apesar de não ser como as dos Clubes Riachuelo, Martinelli e Aldo Luz, foi notada e seus fundadores e prováveis ‘amantes’ da prática do Remo continuaram a realizar suas regatas em raias não oficiais, pois não foi encontrado seu registro junto a Liga Náutica de Santa Catarina. No entanto, no ano de 1923 existe uma correspondência do Club Nautico Independencia para a Liga Operária de Florianópolis:

Em seguida foram lidos officios de agradecimentos pela comunicação da posse da nova diretoria (...)

¹⁵⁸ Apesar de contar com uma única folha, pode-se perceber que neste momento as sindicâncias eram dirigidas a Liga Catarinense de Remo, o que permite uma datação aproximada do mesmo, provavelmente em meados da década de 1920. Documentos diversos.

das seguintes sociedades: Associação e Asilo de Mendicidade Irmão Joaquim, Sociedade Musical 'Amor a Arte', Associação comercial de Florianópolis, Loja Maçônica Ordem e Trabalho, União Beneficente Operária, Soc. União B. dos Trabalhadores de Florianópolis, Clube Náutico Independência, Sociedade Beneficente Caixa dos Empregados do Comércio¹⁵⁹.

¹⁵⁹Liga Operária Beneficente de Florianópolis. Ata de reunião do dia 08 fev. 1923. Livro de atas de reuniões de 1923 a 1928, f. 03. (Arquivo da Associação). Apud LEUCHTENBERGER, R. Op. Cit. p.43.

CAPÍTULO III “Pugnas Esportivas”¹⁶⁰



Imagem 30 - Veleiro do Sr. Hugo Moellman (1930) em frente ao Clube Náutico Riachuelo. Acervo: Sergio Ulbricht

O Remo e sua prática em Florianópolis, durante a década de 1920, teve um de seus momentos de maior destaque. A fundação da Liga Náutica de Santa Catarina em 1923, a aprovação de seu estatuto, que regulamentava a prática quanto uma atividade física disciplinadora no Estado e as constantes notas em jornais sobre as atividades dos remadores, são exemplos desta presença. Além disto, os Clubes Náuticos e de Regata, seus associados e simpatizantes, todos devidamente uniformizados e portando os pavilhões de seus Clubes envolviam-se em atividades culturais, intelectuais e políticas que o Remo proporcionava.

A imprensa florianopolitana divulgava com euforia os momentos que antecediam as regatas e se esmerava em narrar os detalhes das peijas entre os remadores e os associados. Iniciava-se, em certa medida, com as notícias sobre o Remo a interatividade da imprensa com o público. Promoções e eleições sobre o “Clube mais simpático da

¹⁶⁰ Termo recorrente no jornal *O Estado* para designar as corridas náuticas e, até mesmo, as divergências entre os Clubes de Remo.

cidade”, o “*rower* mais simpático” e a “torcida mais organizada”, durante a década de 1920, faziam do Remo, dos Clubes e das Torcedoras personagens constantes nas notas dos jornais e revistas.

Concurso Sportivo

«*Revista Ilustrada*», com o fito de saber qual o remador mais apreciado da «Federação Catarinense do Remo», resolveu abrir o presente Concurso Sportivo. Os cupons devem ser enviados à nossa Redação até o dia 25 de cada mez, para melhor effectuarmos a contagem. Aos vencedores deste concurso concederemos: *1 Medalha de Ouro* (ao vencedor); *1 Relógio de Prata* – ao 2º lugar. Além destes premios «*Revista Ilustrada*» estampará o cliché dos dois *rowers* que alcançarem maior votação¹⁶¹.

A cidade também adquiriria marcas da presença do Remo. Enquanto o Riachuelo se mantinha na região do Rita Maria, o Aldo Luz dividia-se entre o espaço da Junta Catarinense República e a sua sede na Rua João Pinto, o Martinelli, que ocupou a praia do Garcia, iria agregar a região da Capitânia dos Portos. A cidade que acompanhava as regatas, e o Remo, além de imaginariamente dividirem os espaços entre os três principais Clubes, como apresentado no capítulo dois, também se envolveriam nos eventos realizados; independentemente das regatas oficiais em Abril e Novembro. Cidade, habitantes e imprensa encontravam-se para experimentar as especialidades das atividades do Remo e dos Clubes.

¹⁶¹ *Concurso Sportivo*. Revista Ilustrada, 15 de março de 1919.



Imagem 31 - Dia de regata na Baía Sul com integrantes do Clube Náutico Martinelli, década de 1920. Acervo: Henrique Espada

Atraídos pelas competições, pelo espetáculo, o grande público ainda se encontrava em espaços restritos. Os barcos, que apitavam ao início das corridas náuticas nas Baías, eram destinados aos espectadores mais abastados, justamente aqueles que podiam fazer parte das entidades e disputar as competições. Aos demais restava torcer e assistir, ou participar das regatas não oficiais, como o caso do Club Independencia.



Imagem 32 - Baía Sul em dia de regata, década de 1920. Acervo: Casa da Memória de Florianópolis

Na década de 1920 é frequente encontrar no jornal *O Estado* notas das atividades dos Clubes. Nestas, pode-se perceber algumas distinções relacionadas aos espaços públicos e privados que a prática do Remo constituía, com o *training*, os almoços, os jantares e as partidas dançantes nos Clubes 12 de Agosto e Concórdia.

Em comemoração ao seu extarordinario triumpho nas ultimas pugnas desportivas o valoroso Club Nautico Francisco Martinelli realizara hoje a noite, nos vastos salões do Club Concordia, uma grandiosa festa, que promete revestir-se de excepcional brilhantismo e encanto¹⁶².

Narrados com animação, estes eventos geralmente ocorriam em locais particulares, ou em “casas de família”. O Clube Riachuelo, por exemplo, organizava nos domingos, almoços com feijoadas para que seus sócios, torcedoras e simpatizantes pudessem assistir aos *rowers* em “uma bela prova de resistencia, que, mais uma vez, nos patenteia o valor do «muque»”¹⁶³ ao realizarem um *raid* que saía do galpão na Rita Maria e terminaria na Palhoça. O Aldo Luz “segundo consta nos círculos desportivos desta cidade vae fazer um ‘raid’ marítimo á Ribeirão”¹⁶⁴. O Martinelli, por sua vez, iria até Santo Antônio para um “*trainement* para as próximas regatas”:

Os *rowers* partirão do galpão daquele club às 6 horas da manhã, sendo em Santo Antonio servido um *lunch* aos rapazes. Dessa capital, partirá em automóvel o presidente desse querido e sympathico club, sr. dr. Abelardo Luz, (...) Sabemos que o sr. dr. Abelardo Luz presidente do Club Nautico Francisco Martinelli convidou o distincto *sportman* paulista dr. Luiz Sucupira, redator do São Paulo Imparcial, e advogado, para assistir nesta capital as próximas regatas de 21 de Abril¹⁶⁵.

Para a realização destas atividades, as feijoadas, os *lunchs* e as festas nos Clubes Recreativos, eram necessários apoios financeiros. Em Florianópolis, o Remo contaria com financiamentos diversos para a sua prática. O Clube Náutico Riachuelo recorreria inúmeras vezes a seus

¹⁶²*Nautico Martinelli* – A festa de hoje no Concordia. O Estado 08 de maio de 1920.

¹⁶³*Notas Esportivas – Rowing*. O Estado, 07 de fevereiro de 1917.

¹⁶⁴*Pelo Desporto* - O Martinelli vae fazer um *raid* á Palhoça. O Estado, 30 de março de 1920.

¹⁶⁵*Pelo Desporto* – O Martinelli realiza amanhã um *raid* a Santo Antonio. O Estado, 27 de março de 1920.

associados para a compra das embarcações, pois “Segundo nos consta a directoria do Clube Nautico Riachuelo tomou sérias providencias para a vinda das canoas que, com benefícios realizados em prol do Club, deram a necessária verba. São muitos os sócios que mensalmente tem em suas portas o cobrador (...)”¹⁶⁶. Para a construção de seu galpão e da rampa de acesso, não seria diferente.

O sympathico Club Nautico Riachuelo, que tamanho empenho vem dando ao desporto nesta capital, mandou construir uma rampa para descida das suas embarcações, melhorando assim sensivelmente a sua instalação no elegante pavilhão que mandou construir na Rita Maria¹⁶⁷.

Em 1917, com a retomada da atuação do Clube Náutico Martinelli, que havia ficado um tempo fora das águas, devido a problemas financeiros¹⁶⁸, as regatas ocorreriam com o apoio do governo do Estado, da empresa Hoepcke e dos associados que contribuíram para a compra das novas embarcações. No entanto, nem tudo era tranquilidade...

A mocidade que se envolvia com os Clubes de Remo desentendia-se em algumas ocasiões e, rapidamente, aqueles se tornavam motivos para serem narrados pelos jornais e revistas da capital catarinense. Um dos casos mais noticiado, foi da compra dos *yoles* para as regatas de 1917.

Conhecido como “o caso da desintelligencia”¹⁶⁹, os Clubes Martinelli e Riachuelo promoveram uma confusão devido um “simples capricho, porque é evidente que não há vantagem alguma em ser a forqueta de voga das *yoles* do lado boroeste”¹⁷⁰. O jornal continuaria a narrar nos dias seguintes que os *yoles*, que haviam sido comprados pelos Clubes foram produzidos pelo senhor Jank no Rio de Janeiro, e que somente com posse desses é que seria possível organizar as regatas. Regatas, estas, que seriam especiais, pois a nacionalidade das embarcações era brasileira. Assim, a bordo do pacote *Anna*, da

¹⁶⁶ *Excrevem-nos*. O Estado, 20 de setembro de 1916.

¹⁶⁷ *Desporto*. O Estado, 09 de junho de 1917.

¹⁶⁸ *Desporto* – C. N. Francisco Martinelli. O Estado, 29 de julho de 1917.

¹⁶⁹ *Pelo Desporto*. O Estado, 25 de outubro de 1917.

¹⁷⁰ *Pelo Desporto*. O Estado, 25 de outubro de 1917

empresa Hoepcke que não cobrou o traslado, os *yoles* atracaram em 12 de setembro de 1917. No entanto, a confusão já havia causado tamanha repercussão entre os dois Clubes que o jornal lamentaria “as questões existentes entre as duas associações náuticas desta Capital venha desfazer o entusiasmo que reina para as regatas de 15 de Novembro vindouro. Veremos como procederão...”¹⁷¹. Naquele ano, as regatas de Novembro não aconteceram.

A partir de 1918 os Clubes Náuticos Riachuelo e Martinelli se organizariam através de suas diretorias e passariam a instituir Taças e premiações para as regatas que estavam divididas em duas categorias: regatas de Abril e de Novembro. As regatas de Abril seriam conhecidas por serem organizadas pelos Clubes. Segundo o acordo firmado, a cada ano um Clube tornaria-se responsável pela organização, pela aquisição da Taça e das medalhas. Geralmente estas regatas recebiam o apoio da imprensa local e das pequenas tipografias para a confecção dos cadernos de regatas. As regatas de Novembro, um pouco maiores ficaria a cargo da cidade, pois como contava com a participação dos demais Clubes de Remo do Estado catarinense. Assim, seria difícil um único Clube se responsabilizar. Sabe-se que para estas regatas, as premiações eram fornecidas por empresas cariocas, paulistas e baianas, que possuíam filiais em Florianópolis; de revistas cariocas e revistas locais; de empresas nascidas em solo catarinense; da Marinha Brasileira e do governo do Estado.

Nas nossas rodas desportivas já se fala com entusiasmo nas regatas officiaes de 14 de Julho vindouro, nas quaes será disputada uma taça denominada Cidade de Florianópolis e que vai ser instituída pela nossa municipalidade. Esse premia será disputado por yoles a dois remos¹⁷².

Além das festas e das ‘desinteligências’, a prática do Remo e a presença dos Clubes na capital catarinense também ensaiariam algumas transformações físicas no espaço urbano. No final da década de 1910 e início de 1920, apesar da Confederação Catharinense de Desportos ainda não se encontrar organizada estatutariamente, pois os artigos estavam

¹⁷¹C. N. Martinelli. O Estado, 24 de outubro de 1917.

¹⁷²*Pelo desporto* - Já se fala nas regatas de julho. O Estado. 05 de maio de 1920.

sendo aprovados, segundo o jornal *O Estado*, seus dirigentes já planejavam a construção de um *stadium* para acolher as regatas:

Foi entregue hoje á directoria da Confederação Catharinense de Desportos a planta do «stadium» desta associação e que acaba de ser confeccionada pelo engenheiro architecto sr. Augusto Huebel. Segundo a planta do sr. Huebel o «stadium» da confederação terá além de um excelente «ground» e confortáveis archibancadas, um bar, um salão, e outros compartimentos necessários¹⁷³.

As construções que diziam respeito ao Remo, como galpões e rampas, deveriam passar pela Superintendência Municipal, mas no caso do *stadium*, a planta passou primeiramente pela Confederação Catarinense de Remo. De qualquer forma, o espaço não foi construído, sua planta não foi encontrada e os únicos dados que conhece sobre esta obra, até o momento, é a nota do jornal *O Estado*. Os motivos da não construção também não são sabidos. No entanto, sabe-se que o mesmo arquiteto, o “sr. Augusto Huebel”, alguns anos depois acompanharia a construção do espaço Miramar que seria inaugurado em 1928. O interessante nestes dois projetos é que tanto um quanto o outro possuem quase a mesma estrutura de divisão dos espaços. Em ambos encontra-se os cafês, salas de refeição, compartimentos para banhos e “demais necessários”. Não se quer dizer aqui que o Miramar é uma versão do projeto do *stadium*, pois é claro que a construção destes espaços em meados da década de 1920 devia seguir certos modelos. No entanto, nada impede de pensar que o arquiteto responsável por ambas às obras, mesmo uma não saindo do papel, não tenha se inspirado nas pranchas de uma para compor a outra.

Nos estudos de Marilange Nonnenmacher sobre o Miramar, encontra-se uma descrição detalhada do mesmo. Segundo a pesquisadora, o Miramar era composto de um estilo arquitetônico eclético e em sua “fronteira do portal de acesso continha elementos neoclássicos e insinuações em *art déco* e na parte alta da fachada um

¹⁷³A planta do *stadium*. *O Estado*. 17 de outubro de 1921.

vitral com dois golfinhos em massa decorado com platibanda recortada”¹⁷⁴. O espaço também

possuía “um café elegante, sala para refeições, compartimento para banhos, tudo com muito luxo e elegância”¹⁷⁵.

O espaço físico do Miramar não ocuparia o espaço físico do *stadium*, pois quase nada se sabe deste último. No entanto, segundo as pesquisas de Marilange Nonnenmacher, o Miramar teria seu “auge entre as décadas de 1920 a 1950, quando as regatas eram uma atração local que causavam alvoroço nas manhãs de domingo”¹⁷⁶. Assim, partindo dos estudos da autora e pensando na presença frequente da prática do Remo na capital catarinense, pode-se compreender que provavelmente o *stadium*, imaginário, praticou o espaço Miramar, pois:

Os garbosos remadores dos clubes náuticos Martinelli, Aldo Luz e Riachuelo, com entusiasmo abriam veias nas águas espelhadas, disputando o primeiro lugar nas competições que alteravam o cotidiano da provinciana cidade de Florianópolis. Os espectadores tomavam os espaços do Bar e dos seus arredores para assistir as disputas. Mas, a pretensão dos desportistas de atingir os primeiros lugares se estendia para além das medalhas, servia de um conduto para os corações das senhoritas que se apresentavam impecáveis, enfeitadas de laços de fita, torcendo debruçadas sobre as muretas de proteção da cabeceira (...) ¹⁷⁷

¹⁷⁴NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*. Tese (Doutorado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 2007. p.56.

¹⁷⁵NONNENMACHER, Marilange. *Memorial ao Miramar: uma alegoria urbana*. In: História, trabalho, cultura e poder. ANPUH-SC, 2004. p. 219.

¹⁷⁶Idem, p.53.

¹⁷⁷A planta do *stadium*. Jornal O Estado. 17 de outubro de 1921.



Imagem 33 - O trapiche Miramar aos pés da Praça XV de Novembro (s/d).

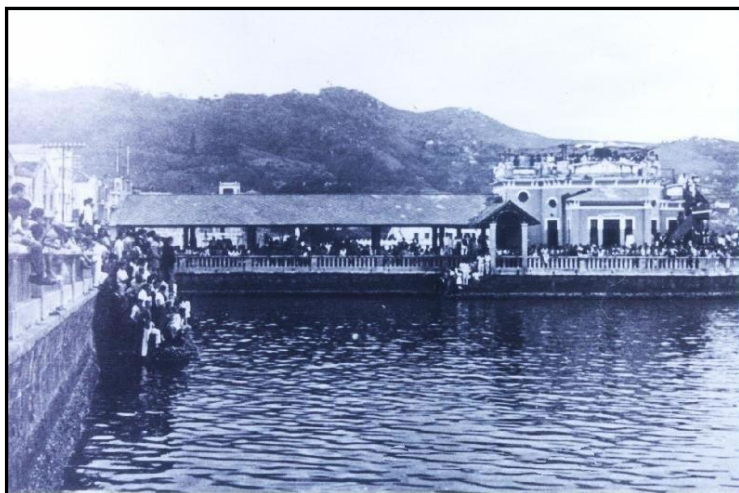


Imagem 34 - Miramar e dia de regata (s/d). Acervo: Casa da Memória de Florianópolis

3.1 Os corpos em desafios

"Tornar-se consciente do seu corpo com todas as suas articulações para que ele se movimente livremente." As imagens de qualidades corporais abalaram não somente a força mas a sensibilidade, não somente a energia as percepções: obter "uma imagem de todas as partes de seu corpo"¹⁷⁸.

Encarado como um desafio em que o remador deveria enfrentar três oponentes, o mar, o adversário do outro Clube e o seu próprio corpo, o Remo exigiria força, equilíbrio e concentração em sua prática. Ao tornar-se um dos principais exercícios físicos na capital catarinense, se não o principal, o Remo durante as primeiras décadas do século XX em Florianópolis ganharia a atenção da juventude.

Praticado ao ar livre e com certa liberdade ao movimento corporal, devido o uso do *Jersey*, o Remo despertaria na nova juventude florianopolitana, "que se apresentava altiva e forte"¹⁷⁹, uma "liberdade de espírito"¹⁸⁰ suficiente para ser a imagem da nova nação, da nova cidade que estava rumando para o progresso.

Procurado por certo grupo social de Florianópolis, os filhos de profissionais liberais, militares e comerciantes seriam seus principais praticantes. Os motivos para que este público formasse um dos principais núcleos nos Clubes de Remo é um tanto simples. Em Florianópolis, como narrado no segundo capítulo, os aptos a prática do Remo deveriam saber ler e possuir um caráter adequado a sua profissão, seu ofício:

Art. 70. – A Liga não reconhece como amadores:
b) todos aqueles que em seu meio de vida profissional adquiriam um desenvolvimento físico

¹⁷⁸Tradução livre: "Il se livre à une surveillance focalisée : « Prendre conscience de son corps avec toutes ses articulations pour qu'il puisse s'exprimer librement. » Les images des qualités corporelles ont basculé ; non plus seulement la force mais le sensible, non plus seulement l'énergie mais les perceptions : obtenir « une image de toutes les parties de son corps ». VIGARELLO, Georges. Le temps du sport. In: CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs* (1850-1960). Paris: Champs histoire, 1995. p.288.

¹⁷⁹MELO, Victor Andrade. *O Mar e o Rio de Janeiro no século XIX*.

¹⁸⁰Idem.

que contrarie o espírito de art. 54, a juízo do Conselho;

f) os que, embora exercendo profissão ou emprego compatível com o amadorismo, não tenham o nível social e moral exigido para a prática dos *sports* aquáticos, a juízo do Conselho da Liga¹⁸¹.

No entanto, mesmo com restrições para a filiação nas regatas oficiais, organizadas pela entidade estadual de Remo em Santa Catarina, operários, mulheres e negros¹⁸² passariam a organizar-se em pequenos grupos para em momentos diversos exercitarem-se com o Remo. A busca pela sensibilidade do corpo, os movimentos de liberdade e de força, não se limitava apenas aos mais abastados. Os demais trabalhadores, os ‘analfabetos’, os negros e as mulheres também ansiavam o *estar* moderno. Assim, enquanto o Remo resignificava a cidade e ensaiava um disciplinar de corpos, a Florianópolis e seus habitantes passariam a assistir os confrontos de um corpo imaginário com o progresso.

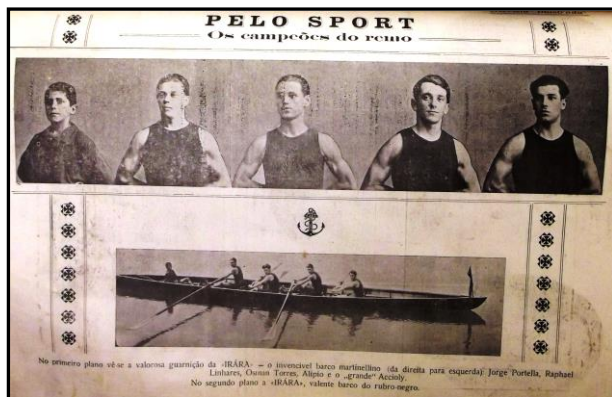


Imagem 35 - *Yole* martinellino Irára tripulado por (direita para esquerda) Jorge Portella, Raphael Linhares, Osmano Torres e Accyoli. Imagem: Revista Ilustrada, 20 de março de 1920.

¹⁸¹Estatutos da Liga Nautica de Santa Catharina. Florianópolis, 20 de outubro de 1923. p.17.

¹⁸²Cf. ROSA, A. L. Op. Cit., 2011.

As imagens dos heróis, dos remadores, representavam o futuro de uma juventude viril aliada à prática dos exercícios físicos. As roupas justas ao corpo delineavam os músculos que agora estavam à mostra. Os jovens sadios eram apresentados como homens disciplinados. Chegou o momento de uma nova sensibilidade para o corpo e para o homem florianopolitano, pois a flexibilidade e a tenacidade passariam a ser testadas no ato das regatas.

A base da força para desprender a energia, no ato de uma regata, obtinha-se através dos agrupamentos de músculos superiores e inferiores, braços, peitoral, ombro, costas, abdômen e pernas. A cada movimento de uma remada, as experimentações de flexibilidade e sensibilidade intrincavam-se entre o remador e a embarcação. Era necessário que toda a tripulação sentisse e focasse toda a sua atenção na embarcação. As palavras de ordem eram: concentração e relaxamento.

Além do exercício físico, o momento de uma regata transformava-se um conhecimento íntimo do corpo para o remador e a embarcação. Era necessário o controlar dos gestos para ajustar a percepção de corpo e mente a uma embarcação. O Remo seria a conjugação da força, da sensibilidade e da racionalidade.

(...) As duas *yoles* voavam, a par uma da outra, e os seus remos espatulados, recurvos nas folhas, erguiam-se e baixavam-se céleres, como patas de aranhas a fugir. E ainda a *lucta* estava por decidir. Os espectadores gritavam interjeições incitantes. De repente, uma delas, fina e valente, num esforço que certamente lhe fizera ranger as juntas e flectir os toletes de bronze, pôz a aguda prôa adiante da outra, que se retardava, avançou, ultrapassou a balisa final. Palmas e bravos! estrugiram. Nas camisas dos que a tripulavam e erguiam os remos em triumpho, viam-se as cores encarnada e preta¹⁸³.

¹⁸³*Postal*. Para os rapazes do C. N. Francisco Martinelli. Altino Flores. Revista Ilustrada, 20 de março de 1920.



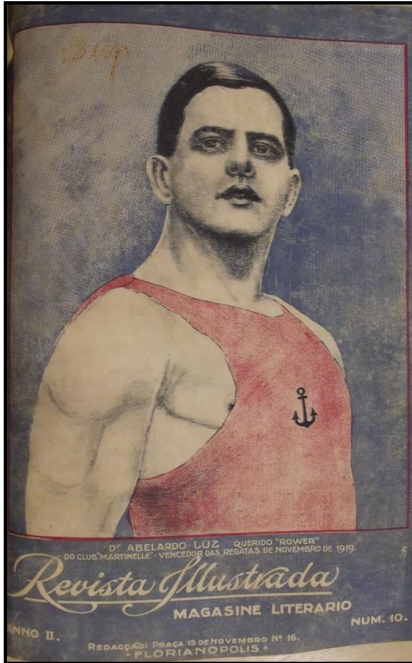
Imagem 36 - Equipe de remadores do Clube Náutico Riachuelo numa *yole-franches* (s/d). Acervo: Casa da Memória de Florianópolis

Não seria apenas o corpo que sofreria as mudanças com a prática do Remo. A linguagem de um cotidiano, como a imprensa, como as algumas ruas, como alguns lugares e alguns gestos, também sofreriam alterações com a presença desta prática.

Os gestos dos jovens remadores, que praticavam o lugar à beira-mar, nas alvoradas dos dias de semana, transformariam um falar. Aos poucos a cidade e seus habitantes passariam a relacionar-se com as terminologias: *voga*, *timoneiro*, *proa* e *yole-franche*.

Reconhecendo-se por suas funções nas embarcações, os *rowers* se dividiriam em: *Proa* - que é o remador mais próximo da proa do barco e responsável pelo equilíbrio; *Sota-proa* - que é o outro que está imediatamente antes do proa; *1º Centro* - é o que está imediatamente antes do sota-proa, ou o integrante da meia nau; *2º Centro* - é o que está imediatamente antes do 1º centro, ou o outro integrante da meia nau; *Sota-voga* - é o que está imediatamente atrás do voga, responsável pela voga do outro bordo; *Voga* - é o que dá o ritmo ao barco, o que não tem ninguém à sua frente; *Timoneiro* - é o que comanda o barco e controla o leme. É este último que estimulava os demais remadores para que nunca desistissem.

Os “garbosos remadores”, “muques”, “guapa rapaziada” e *rowers*, eram expressões também recorrentes, em jornais e revistas, para descrever a mocidade florianopolitana que se envolvia com o Remo e com os Clubes. Tais expressões não devem ser compreendidas apenas



como um adjetivo de qualidade, mas sim como aquele elemento ‘que se agrega’ para narrar um novo modelo de estética – corporal e política. Assim, o Remo tornar-se-ia a prática que estaria a favor do “exercício do *physico*” e da “saúde”, outros dois termos-chaves constantes nas notas de imprensa e relatórios médicos.

Estes termos, e expressões, cunhavam a ideia da concepção de um corpo e de uma mente sãos, um discurso apropriado para a nova República que estava se estruturando no Brasil. Era o Remo que associava-se à formação das virtudes e do caráter, assim como à

construção de um estilo de vida moderno e civilizado na Florianópolis do século XX.

Os aficionados do esplêndido *Sport* do remo têm, hoje, com a realização da grande prova do dia, motivos bastos para dizerem, a sociedade, as qualidades dos *rowers* catarinenses. Muitos há que, até esta data, julgaram utópicos os sonhos de empreendimentos como os que hoje se realiza para o supremo Gaudio de beneméritos visionários que seguram, para a geração moderna, o apogeu de uma raça forte, pura, inconfundivelmente sã e que só poderá ser encontrada nos centros desportivos. O remo é um dos que mais sobresaem e mais aperfeiçoam o organismo, dando-lhe a expansão extrema da

emfibratura muscular que imperou nos tempos áureos de uma época que se foi e que, como um soberbo ensinamento, dicta, nesta época de requintados evangelhos, a apotheose dos músculos de Adonis¹⁸⁴

Aliado às ideias de higiene, de saúde e de progresso, o Remo passaria ser um projeto de modernidade para o Brasil, assim como foi, notadamente, em Paris e Inglaterra. As imagens dos jovens conduzindo suas embarcações, com seu corpo a mostra e seus braços fortes, podem ser compreendidas como a imagem da nova República que seria conduzida por uma nação forte rumo ao progresso.

(...) um alto dever patriótico de todos nós animar, com os nossos aplausos e com a nossa *sympathia* brilhante mocidade dos clubs nauticos de nossa terra, porque no exercício constante do remo, ella, sem canceiras e sem sacrificios, se idolatra e se revigora, afinal, em beneficio e em proveito da nossa Patria¹⁸⁵.

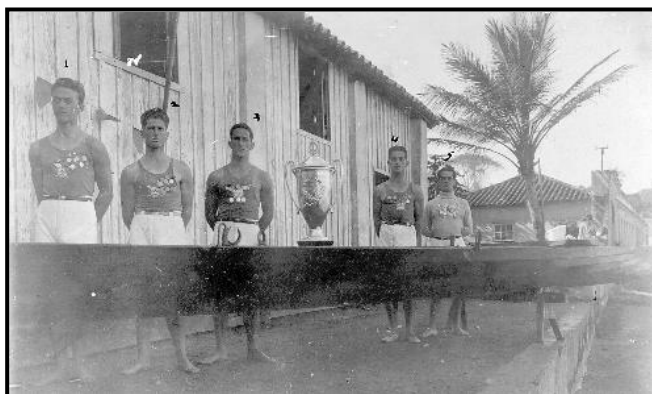


Imagem 38 - Remadores do *quatro com* do Clube Náutico Riachuelo em frente à sede situada na Praia de Fora (s/d). Acervo: Casa da Memória Florianópolis

¹⁸⁴ *As regatas de hoje*. Disputas do Campeonato de 1918. Jornal O Estado. 21 de abril de 1918.

¹⁸⁵ *A necessidade do Desporto*. Jornal O Estado. 20 de abril de 1920.

Enquanto no Rio de Janeiro, Olavo Bilac e Álvaro Moreira, este último redator da Revista *Fon-Fon*, apreciavam as regatas e dedicavam a elas crônicas. O Remo e suas regatas seriam “a vitória da nação sobre o atraso da monarquia”¹⁸⁶, ou melhor:

Basta comparar a grande geração, que atualmente envelhece no Rio de Janeiro, à geração nova que aí está se formando com o exercício do remo, para ver que benefícios estão se colhendo do desenvolvimento do esporte náutico. Ver essa mocidade, exuberante de saúde e alegria é coisa que encanta e orgulha... O contato com o ar livre e com os perigos do mar salva-a do desânimo e do abatimento moral¹⁸⁷.

Na Florianópolis, de 1920, não haveria um Olavo Bilac ou Álvaro Moreira com crônicas e discursos fervorosos sobre o Remo e a sua prática, mas entre os jornais e revistas que circulavam na capital catarinense podia-se ler:

Todos os povos cultos do mundo reconhecem e propagam unanemente a necessidade do desporto como meio seguro e eficaz de cessante revigoramento da mocidade, cujo valor todos os povos depositam a guarda e a defesa das suas instituições, da sua integridade e da sua honra¹⁸⁸.

3.2 Uma Revista Esportiva para o Remo

No dia 10 de janeiro de 1921, encontra-se no jornal *O Estado* uma nota anunciando que havia sido “publicado ontem o primeiro numero da Revista «Sportiva», dedicada a defesa e propaganda do

¹⁸⁶Parte de uma crônica escrita por Olavo Bilac e compilada por Alberto de Mendonça, presidente da União de Regatas Fluminense em 1900, em seu livro *História do sport náutico* (1909).

¹⁸⁷Parte de uma crônica escrita por Olavo Bilac e compilada por Alberto de Mendonça, presidente da União de Regatas Fluminense em 1900, em seu livro *História do sport náutico* (1909).

¹⁸⁸*A necessidade do Desporto*. Jornal O Estado. 20 de abril de 1920.

desporto em nosso Estado”¹⁸⁹. Segundo o jornal, a publicação “que traz abundante e excelente texto ao explicar o seu alevantado programma, assumio o compromisso de ser imparcial, ‘fazendo justiça aos que dela forem merecedores”¹⁹⁰ e, como exemplo de tal ato de imparcialidade e justiça, trariam na primeira edição páginas dedicadas ao Clube Náutico Riachuelo. Neste momento, o Clube comemorava seis anos de atividades náuticas na cidade. Encerra a nota do redator: “Fazemos votos sinceros para que a «Revista Sportiva» tenha vida longa”¹⁹¹.

No mês seguinte, 01 de fevereiro de 1921, o jornal *O Estado* comunicaria:

Foi publicado o segundo número da útil e interessante «Revista Sportiva», dedicada à propaganda dos jogos desportivos em nossa terra. Muito ilustrado e com farta messe de informações ao desporto e ao seu desenvolvimento entre nós (...)¹⁹².

Florianópolis, assim como no Rio de Janeiro com a publicação *A Canoagem*, teria sua primeira revista esportiva. O que se lamenta é que, sobre a publicação catarinense ainda não se tenham demais dados para saber quais eram os discursos constituídos para o incentivo do desporto, muito menos se esta revista tinha um caráter esportivo regionalizado. Um detalhe importante é que, tanto o jornal quanto a nota da Revista apresentam o Remo como um esporte, mas segundo o estatuto da Liga de 1923 o ato de estar remador era compreendido como, exclusivamente, como um processo de fortalecimento do físico. Outras notícias esportivas sobre o Remo e sua prática na capital catarinense também são encontradas numa outra revista mensal, mas de caráter literário.

Lançada em Março de 1919, a *Revista Illustrada – Mensario Illustrado* estava sob a direção de Aurino Soares, gerência do Dr. Ary Machado e contaria com colaborações de Delminda Silveira, Altino

¹⁸⁹Sobre a Revista Sportiva, apenas se tem as notas do Jornal O Estado, pois ainda não foram encontrados exemplares da mesma. *Revista Sportiva*. O Estado, 10 de janeiro de 1921.

¹⁹⁰*Revista Sportiva*. O Estado, 10 de janeiro de 1921.

¹⁹¹Idem.

¹⁹²*Revista Sportiva*. O Estado 01 de fevereiro de 1921.

Flores, João Crespo e tantos outros. Com o título “*Advertencia...*”, na capa da edição de lançamento, os redatores se diziam não possuir opiniões partidárias e viveriam da imparcialidade. Colocando-se como “um porta-voz, um arauto que irá proclamar o que sentimos e o que pensamos”¹⁹³, a publicação iria “Sentindo ainda nos músculos a força vital do querer, nós os neófitos d’outr’ora, nos erguemos hoje para dar expansão ás nossas idéias pela imprensa”¹⁹⁴. A *Revista Illustrada* se dividia em diversas colunas, como literatura, propagandas e publicações diversas escritas pelos diversos colaboradores. Além de textos, a publicação trazia em suas páginas imagens coloridas e em preto e branco.

Na primeira edição da *Revista Illustrada* é possível encontrar algumas páginas dedicadas exclusivamente ao Remo em Florianópolis. Uma delas receberia o nome de *Notas Esportivas* e se subdividia em outras pequenas notas intituladas de “*Clichês*” e “*Postais*”. Provavelmente o Sr. Luiz Oscar de Carvalho, apresentado no segundo capítulo, ao iniciar a escrita de seu livro sobre a história do Martinelli, que ficou inacabado, tenha se inspirado nestas publicações literárias, pois suas memórias se dividem entre *Clichês* e *Postais*.

A relação da preferência pela escrita dos postais, na revista catarinense, estaria ligada ao caráter de uma informação curta e que aborda recordações de uma passagem ou uma viagem. Sabe-se que na região de Lilly, um dos importantes pontos de regatas na França do início do século XX, o envio de postais com referências sobre a prática do Remo era comum. Em Florianópolis não se sabe se esta prática de envio de postais com imagens do Remo era corriqueira, pois até este momento não foram encontrados postais.

Ao narrar as histórias do cotidiano dos Clubes de Remo, como por exemplo, a realização de uma passeata em Florianópolis organizada pelo Clube Náutico Francisco Martinelli, sobre a comemoração da conquista das Regatas de Dezembro de 1918, os “*Clichês*” apresentam uma visualidade do Remo na cidade.

Os *martinellinos* empunhando o invencível pavilhão *rubro-negro* e precedidos d’uma banda de música, partiram de seu galpão ao clarão de fogos de bengala e entre as mais entusiásticas

¹⁹³Revista Illustrada – Publicação Mensal. Florianópolis, 15 de março de 1919.

¹⁹⁴Idem.

aclamações dos que os cercavam. A alegria interpretável de que estavam os moços do *preto-encarnado* chegava mesmo a despertar a atenção dos mais indiferentes, e, as gentis torcedoras em blocos prazenteiros ovacionavam-lhes, atirando-lhes flores¹⁹⁵.

No jornal *O Estado* de 05 de maio de 1920 pode-se ler a nota “Marcha au-flambaux do Martinelli”. Segundo o redator, “Os «rowers» do Club Nautico Francisco Martinelli em regozijo ás victorias alcançadas na ultima pugna desportiva, promoverão na próxima sexta feira, às 18 horas, um importante marcha «au flambaux», que terá grande brilhantismo”. A ideia destas passeatas, ou marchas, pela cidade para comemorar as vitórias nas regatas parecia ter se tornado um tanto comum, pois no estatuto da Liga de 1923, existe um artigo que descreve:

Art. 140. – Todos os sócios de clubs coligados são obrigados ao uso dos respectivos uniformes, quando praticando *sports* dirigidos pela Liga, fora das águas da sede de suas sociedades, sendo obrigatório o primeiro uniforme em festas¹⁹⁶.

Nas páginas seguintes da *Revista Illustrada* o que ganha destaque não são os poemas ou as publicidades, mas sim as imagens dos *rowers martinelinos*, em seus dias de treino exibindo os “muques” no *yole* vencedora dos páreos de dezembro de 1918, a *Irahyba*.

¹⁹⁵*Passeata do Martinelli*. Revista Illustrada – Publicação Mensal. Florianópolis, 15 de março de 1919. Anno I, Número I.

¹⁹⁶Estatutos da Liga Náutica de Santa Catharina. Florianópolis, 20 de outubro de 1923..

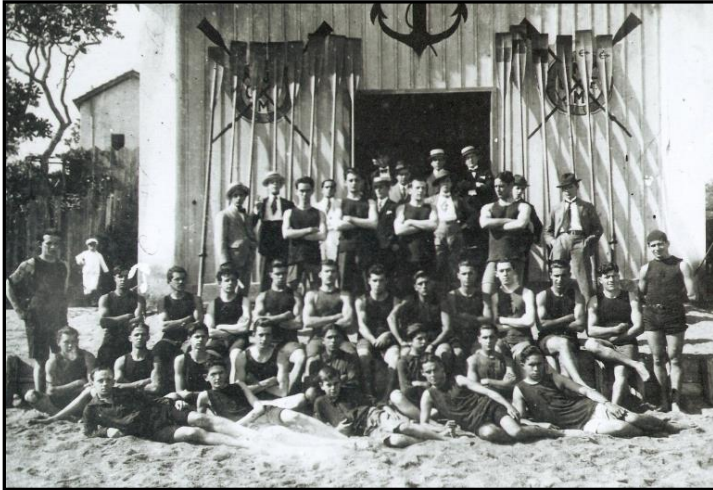


Imagem 39 - “Valentes *martinellinos* após o trêno – posam para a Revista *Illustrada*”. Imagem: Revista *Illustrada*, 15 de Março de 1919.

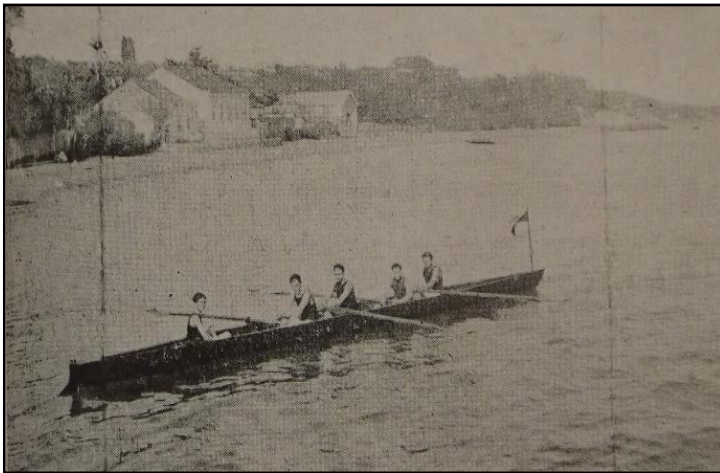


Imagem 40 - “Yole Irahyba na Praia de Fora”. Imagem: Revista *Illustrada*, 15 de Março de 1919.

Na segunda edição da publicação, o Remo mais uma vez se faria presente em imagens e textos. Na página inicial lê-se agradecimentos ao respeitoso acolhimento, por parte da intelectualidade, do comércio e dos funcionários públicos, na recepção da Revista. Nas páginas seguintes, tem-se uma foto de seis jovens florianopolitanas. A imagem, que aparece logo acima do conto *Oceano* de autoria de Delminda Silveira,

encontram-se as “sympaticas senhoritas de que se compõe o lindo Bloco das Torcedoras do «Azul e Branco»”, “sentadas: (da direita para a esquerda) Alice Schmidt, Maria de Sousa (falecida) Lilly Fausto e Zoê Mesquita. Em pé: Anna de Sousa e Córa Linhares”, devidamente uniformizadas.



Imagem 41 - Bloco de Torcedoras do Azul e Branco. Imagem: Revista Ilustrada, 1 de Maio de 1919

A presença das jovens na prática do Remo em Florianópolis, do início do século XX, apresentava-se um tanto limitada. Suas atuações geralmente estavam vinculadas nas organizações dos batizados das embarcações, dos preparativos das festas e dos recitais de poemas e canções.

(...) As torcedoras dos vários clubs, em embarcações especiaes, estimulavam as guarnições predilectas com cantos e vivas, enquanto as bandas musicaes da Força Pública o “Amor á Arte’ enchiam o ar de sons festivos¹⁹⁷.

C.N. Francisco Martinelli:

¹⁹⁷A extraordinária vitória do Club N. F. Martinelli. O Estado, 22 de abril de 1920.

A senhorita Dóra Pederneiras, gentil madrinha da nossa primeira yole, e as suas amiguinhas, que fizeram parte da Comissão de ornamentação e tano contribuíram para o brilhantismo de nossa festa inaugural, os nossos mais sinceros agradecimento¹⁹⁸.

Oriundas das importantes famílias florianopolitanas, as jovens também se ocupariam de atividades que gerassem fundos aos Clubes. As torcedoras do Clube Náutico Martinelli, por exemplo, além de serem conhecidas pela sua exemplar atuação no auxílio à família martinellina, organizariam pequenas encenações teatrais para que o seu Clube arrecadasse fundos.

Contrariando esta presença filantrópica feminina no Remo em Florianópolis, a cidade de Itajaí e seu Clube Náutico Cruz e Souza teriam nomes de mulheres na ata de fundação deste clube, segundo André Luiz Rosa em sua dissertação *Operários da Bola: Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950*¹⁹⁹. No entanto, sobre a atuação em regatas destas moças, jovens ou mulheres não se tem notícias.



A torcida feminina — e uniformizada — do clube, na década de 40: popularidade do esporte na capital

(*) Colaborou Marco Antônio Martins, secretário do clube

Imagem 42 - Torcida feminina martinellina. Jornal O Estado, 07 de agosto de 1995

¹⁹⁸C.N. Francisco Martinelli. O Estado, 02 de agosto de 1917.

¹⁹⁹Revista Rubro Azul. Itajaí, 1962, p. 69. Apud ROSA, Op. Cit., 2011. p.61-63.

Além do destaque as jovens torcedoras, a publicação trazia uma página intitulada “*Ecos Desportivos*”, que se dividiam em duas outras pequenas colunas, o *Rowing* e *Tristesas de Martinelli*. Esta última, uma música composta por versos rimados sobre o jovem Francisco Martinelli falecido prematuramente, era assinada por João de Oliveira, deputado e jornalista colaborador d’A *Tribuna*. Já o *Rowing* era composto por uma série de pequenas notas ‘salgadas’ sobre os Clubes de Remo e as personalidades que neles remavam. Mesmo não levando a assinatura de seu autor, a forma da escrita e ‘as tiradas picantes’ aos Clubes de Remo, levam o leitor a crer que o escritor seria Altino Flores. Além de ser uma figura presente nas regatas, um torcedor *martinellino* e um colaborador da *Revista Illustrada*, o único Clube que se livrou das “imparcialidades da Revista” foi o Clube que Altino Flores simpatizava, o Francisco Martinelli.

Consta-nos....

... que Radiquinho do “Riachuelo” dará a voga num dos pares zurrapas nas regatas próximas.

... que o Randly anda atrás de *objetos* aquaticorareos.

... que Justino em Tubarão não devorou: como dizem as más línguas, um cento de pães petropolitanos.

... que o ilustre vice presidente do “Florianópolis” offereceá ao mesmo club uma yole, typo “*macanuda*”, de 19 remos, com telefone, casa de leme e... lugar para fazer sondagens.

... que a Mlle. Fulaniuba patroará, nas próximas regatas, um pareo de importância.

... que o Ary Tolentino ganhará muito em tocar bombo e outros instrumentos difíceis²⁰⁰.

Na edição de março de 1920, a *Revista Illustrada* dedicaria uma capa colorida para o Clube Náutico Francisco Martineli e mais algumas páginas sobre a história do Clube, seus fundadores e principais financiadores. Dando destaque ao Remo em grande parte de suas edições, a publicação literária florianopolitana reforçaria a ideia que o

²⁰⁰*Ecos Desportivos*: Rowing. Revista Illustrada – Publicação Mensal. Florianópolis, 01 de maio de 1919. Optou-se por manter a estrutura do texto do autor como na Revista.

Remo se apresentava como uma importante prática na cidade e possuidor de um espaço de sociabilidade. Através desta revista é possível notar certa afeição de uma parte da intelectualidade pelo Clube Náutico Martinelli, em especial a figura de Altino Flores.

3.3 As apoteoses e os Clubes Náuticos.

O Teatro de Revista na capital catarinense contou, principalmente, com os nomes de Altino Flores, Haroldo Callado, Mâncio Costa e Álvaro Ramos. Sendo um meio ideal para alcançar uma visibilidade de suas produções literárias, esta intelectualidade florianopolitana que pertencia, em sua maioria, à Acadêmica Catarinense de Letras passou a investir neste gênero literário. Para Vera Collaço²⁰¹, a escolha desta forma literária ocorreu devido à popularidade do Teatro de Revista na capital federal, Rio de Janeiro, ao domínio da escrita deste gênero por parte dos intelectuais florianopolitanos, e a boa aceitação do público na capital catarinense. Sabe-se que das dezenove revistas escritas durante a década de 1920, treze foram levadas aos palcos.

Os ingressos para as apresentações variavam devido o patrocínio recebido pela Revista. As produções *Seu Jeca Qué Casá*, de Mâncio da Costa, que estreou em junho de 1921, teria seus ingressos vendidos por 20\$000 os camarotes e 4\$000 as cadeiras. Os horários, por vezes, eram um pouco ingratos. Dificultando o acesso de uma parte da sociedade florianopolitana, em especial o operariado, os espetáculos iniciavam às 20h e poderiam ter uma duração de até cinco horas.

Com o intuito de popularizar ainda mais a brilhante peça teatral a directoria do C. N. Martinelli resolveu baixar 1\$000 o preço das entradas geraes, a começar de hoje²⁰².

²⁰¹Segundo as pesquisas de Vera Collaço, “para Florianópolis, no final do século XIX, foi bastante frequente a vinda de companhias apresentando Revista do Ano, o que despertou vocações dramáticas-revisteadoras de jovens locais. E o jornal local República publicou, em 1898, três revistas escritas por estes jovens, foram publicadas (...)”. COLLAÇO, Vera Regina. *Se a moda pega... O Teatro de Revista-1920/1930*. Florianópolis: CEART, 2007.p.13.

²⁰²O Estado, 17 de janeiro de 1922.

Com apresentações que contavam com músicas ao piano, ou até ritmos carnavalescos, este gênero teatral passou a lotar o Teatro Álvaro de Carvalho durante boa parte da década de 1920. Mesclando cenas ligeiras com diálogos em prosa e verso, o Teatro de Revista era “uma síntese debochada e crítica dos acontecimentos que despertavam a curiosidade da opinião pública”²⁰³. Dividido em quadros, que narravam fatos da atualidade, o texto finalizava com uma Apoteose, e esta poderia contar com um reconhecimento cívico.

Em Florianópolis, durante parte da década de 1920, a Associação das Damas de Caridade, os Clubes Náuticos Riachuelo e Martinelli e o Clube de Regatas Aldo Luz eram os principais financiadores destas revistas. Por auxiliarem nos custos, cabia a eles a escolha do tema da Apoteose. Por exemplo, o Clube Martinelli, em *Cadê o Bastião*, de Altino Flores e Haroldo Callado, contou com uma Apoteose dedicada a Francisco Martinelli.

Agora as “Novidades”, daquela cidade, publica a seguinte notícia: “Secretamente soubemos que alguns entusiastas dos clubs náuticos d’esta cidade, iniciarão brevemente a confecção literária de uma revista teatral dos nossos costumes, afim de ser representada em benefício dos mesmos clubs”²⁰⁴.

Com a estréia marcada para 12 de janeiro de 1922, Altino Flores e Haroldo Callado revelariam a revista que haviam concebido em segredo, pois o jornal e seus editores já estavam ansiosos pela obra, que contou com cenários de Eduardo Dias.

revista será em benefício do Club Náutico Francisco Martinelli. Lamentamos ignorar-lhe o título, sinão daqui o publicaríamos. Para que tanto mysterio? Contra-regra²⁰⁵.

Os ingressos para a revista *Cadê o Bastião* teriam suas vendas abertas antes mesmo do término dos ensaios gerais, pois “as diversas

²⁰³ ANTUNES, Delson. Fora de série – um panorama do Teatro de Revista no Brasil. RJ: Funarte, 2002. p.16. Apud COLLAÇO, V. Op. Cit., 2007.p.12.

²⁰⁴ *Pelo Theatro* – Notas e indiscrições. O Estado, 06 de outubro de 1921.

²⁰⁵ *A época do Theatro*. O Estado, 10 de setembro de 1921.

família já solicitaram á Directoria do Club Nartinelli que lhes reservasse frisas, camarotes e cadeiras”²⁰⁶.

Outra revista que ‘causaria’ agitação na sociedade florianopolitana, seria *Seu Jéca qué casá*, de autoria de Mâncio Costa e Álvaro Ramos. Com a Apoteose dedicada ao Clube Náutico Riachuelo, esta revista seria a que mais tempo se apresentaria nos palcos do Teatro Álvaro de Carvalho, de 11 de junho de 1921 a 21 de abril de 1927. Na ocasião de sua estréia, a revista receberia críticas favoráveis por parte da imprensa local.

Todos os seus números são magníficos, sendo perfeita a sua marcação. Bem encadeadas e bem imaginadas as suas scenas encantam os que o prazer de assisti-las pela sua fina graça e pela lindeza das musicas que a ornam. (...) a peça do Velho Costa é, no gênero, uma das melhores e mais perfeitas que aqui se tem representado. (...) aplausos...²⁰⁷

Dividida em dois atos, quatro quadros, duas apoteoses, 30 números musicais e cenários de Eduardo dias, a revista seria organizada pela “senhorita Paulina Portella, auxiliada pelas senhoritas Nezita e Almira Linhares e Wanda Bucão, é dedicado aos clubs Nauticos ‘Aldo Luz’ e ‘Francisco Martinelli’, revertendo o seu produto em beneficio do Club náutico Riachuelo”²⁰⁸. Além da menção aos Clubes de Remo da capital, a revista ainda representaria em seus quadros os lugares que as associações de Remo frequentavam na cidade. Segundo o jornal O Estado de 11 de junho de 1921, os quadros ocorreriam entre o Clube Concórdia e a Praça XV de Novembro, região do trapiche. No entanto, a estreia da Revista *Flor da Roça*, em 22 de agosto de 1922, de autoria de Mâncio Costa, não foi das melhores.

Dedicada ao Clube 12 de Agosto pelos seus 50 anos de fundação e em benefício do Clube Náutico Riachuelo, *Flor da Roça* contava com quatro atos, cerca de trinta números de música, com direção de cena de Dante Natividade e cenografia de Joaquin Margarida, Lydio Souza e Adolpho Nonato da Silva. Com duras críticas recebidas dos senhores

²⁰⁶*Pelo Theatro*. O Estado, 21 de novembro de 1921.

²⁰⁷*Se Jéca qué Casá*. O Estado, 13 de junho de 1921.

²⁰⁸*Se Jéca qué Casá*. O Estado, 11 de junho de 1921.

Xisto e Saltabдил, a seria classificada como “não é mà. Seria melhor, muito melhor, si não a enfeiassem os erros de observação e a falta de realidade de que está saturada”²⁰⁹. Enquanto esteve nos palcos, a revista ainda repercutiria por seus deslizes com relação à história da batalha do Riachuelo e do Clube Náutico Riachuelo.

Pois, então, aquelle panno de boca, representando à esquerda a batalha do Riachuelo, que não é uma ‘ingenua mentira histórica’ (...) – e a direita uma regata, não se sabe si de ‘yoles’ ou si de bateiras - - aquelle panno de bocca não esta a insultar a historia e o esporte náutico?²¹⁰

Saltabдил, ou Altino Flores, em carta ao jornal *O Estado* de 28 de agosto de 1922, continuaria suas análises sobre a encenação da revista *Flor da Roça*. Para a ‘surpresa’ de Saltabдил, as críticas feitas as cenas da revista, atingiriam os remadores e a direção do Clube Náutico Riachuelo. Ou seja, Altino Flores havia conseguido desviar o foco da encenação para as raias náuticas. O debate entre um Teatro de Revista e os Clubes de Remo continuaria por mais alguns dias.

Fui sábado ao theatro. Fui, porque queria ir. Eu vou aonde quero, contanto que là possa entrar. Demais, não almejo nunca o impossível. O meu desejo é limitado. E, desta vez, fui com menos disposição: a entrada já estava a 4\$000... V. S. compreende a alegria do consumidor quando a mercadoria começa a baixar... Tal foi meu prazer. Mas não fui so por isso. Dizia-se que a Directoria e os demais sócios do C. N. Riachuelo iam, retumbantemente, desagrarar o sr.Mancio Costa. Desagrarar de que? Das censuras que dirigi á sua “Flor da Roça”? Afirmava-se que muito “despeito”, muita “inveja” nas minhas criticas e que tudo isso é obra... de quem, santo Deus? Do Club Martinelli!!!²¹¹

²⁰⁹ *A proposito da Flor da Roça*. O Estado, 25 de agosto de 1922.

²¹⁰ *Desafia sempre do que dizem teus amigos e te louvamos defeito*. O Estado, 2 de setembro de 1922.

²¹¹ *A proposito da Flor da Roça*. O Estado, 28 de agosto de 1922.



Imagem 43 - Grupo do Teatro de Revista *Cadê o Bastião* (s/d). Acervo: Henrique Espada

Nos documentos do Sr. Luis Oscar de Carvalho, ou em suas memórias escritas em forma de *Clichês e Postais*, existe um *Clichê* dedicado ao “Remo no Teatro”. Nesta pequena narração, o autor apresenta a Revista-Opereta *Astros que falam*. Escrita por Mâncio da Costa, ela seria levada à cena em benefício do Clube Náutico Martinelli. Infelizmente, muito pouco se sabe desta encenação e de seus atos. No entanto, nos textos escritos pelo Sr. Luis Oscar de Carvalho, um dos poucos a registrar a presença do Remo na cidade de Florianópolis, diz que a opereta tinha como objetivo “difundir, entre os moços e moças daquela época, o gosto pela literatura teatral e a prática do remo”²¹².

A prática do Remo na capital catarinense, além de se intrinsecar com o corpo e a cidade, também obteve repercussão nos meios teatrais. As encenações que estiveram no palco do Teatro Álvaro de Carvalho, durante a década de 1920, não deixariam de mencionar o Remo, seus Clubes e seus remadores. Em alguns casos, como as revistas *Seu Jéca qué casá* e *Cadê o Bastião*, as atuações ficavam por conta das torcedoras dos Clubes e alguns remadores. As Apoteoses, que eram dedicadas às histórias dos Clubes ou as personalidades que neles atuavam, demonstram como o Remo gerava entusiasmo e afeição.

²¹²CARVALHO, Luiz Oscar de. “*Clichês*” e “*Postais*”: O Martinelli no Teatro.

Os espetáculos na beira-mar, com as regatas, criariam braços até o palco do Teatro Álvaro de Carvalho. Neste palco, outros espetáculos iriam narrar à cidade que vivenciava o Remo, ou seja, a cidade e seus habitantes encenariam a si mesmos.

Por certo que Florianópolis não tinha um Olavo Bilac. No entanto, a figura de Altino Flores, que por vezes foi tida como intransigente, pode-se acompanhar o trajeto do Remo na Revista literária, no jornal e no Teatro de Revista. Em cada um destes locais onde ele esteve, havia uma menção aos Clubes de Remo. Mesmo que fosse temperada de ironias e sarcasmos. Assim, a questão que fica é: seria a popularidade do Remo, nas redes intelectuais de Florianópolis, uma persistência de Altino Flores?

Conclusão – Um mar acontecimental

É como se você perdesse a sensação do tempo, você não sente nada, sabe; e a respiração para até o último movimento do remo na água e você parece que sai do corpo e sente o bater do coração²¹³.

Ler a cidade, conversar com alguns senhores, abrir velhos jornais e caminhar nas imagens. Escutar os silêncios, lembrar as ausências e esquecer as presenças. Fragmentos de histórias que teceriam a narrativa ou umas narrativas? Quais perguntas deveriam ser feitas para compor esta tessitura? Qual história deveria ser narrada? Quem seriam os personagens? Onde seria o palco? Qual seria o ritmo do texto? Por que os personagens principais foram esquecidos? Eles foram esquecidos ou nunca existiram? Onde estão, hoje, estes personagens?

Pensar uma história para o Remo em Florianópolis é relacioná-lo às pessoas, a cidade, as polícias e as imagens. Pensar a história do Remo é, inevitavelmente, compreendê-lo por sua complexa rede de sociabilidades. Então, como concluir uma história para o Remo na Florianópolis do início do século XX?

Quando se pensa no Remo, deve-se considerar os lugares que esta prática ocupou e como estes passaram a ser resignificados conforme as transformações urbanas e sociais ocorriam. Como se tentou apresentar no decorrer desta dissertação, o Remo e sua prática interferiram na relação da cidade com seus habitantes e de seus habitantes na cidade. Por exemplo, o caminhar pela cidade dos jovens remadores, em suas passeatas comemorativas, como narrado no terceiro capítulo, além da exibição de uma sociedade que ansiava a força e a beleza, também representa uma reformulação de sentidos. Assim, o corpo que habitava aquela cidade, naquele espaço de tempo, passou a ter novas sensibilidades, novas posturas, novos gestos que interferiram na “noção do ‘eu’ urbano”²¹⁴.

As imagens que foram produzidas e inúmeras vezes reproduzidas, pela prática do Remo, sendo elas textuais ou não, iriam refletir estas

²¹³ BEBER, Sady. Entrevista concedida a Arthur F. da Silveira e Carina Sartori. Florianópolis 24 de abril de 2009.

²¹⁴ ORLANDI, P. Eni. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004, p 27-62.

novas posturas e, também, narrar algumas ausências. Oras, porque não vemos os demais populares que assistiam as regatas? Por que não sabemos os nomes dos homens que remaram no Clube dos Operários, apesar de termos o nome da diretoria? Nos acervos pessoais e públicos, nos jornais e revistas, as imagens que se obtém são, quase sempre, dos *rowers* matinellinos, riachuelinos e aldistas, mas onde foram parar as mulheres? Elsa não remavam ou não era permitido a elas esta prática?

O que se compreende é que as imagens do Remo na capital catarinense, no início do século XX, são tão construídas como os textos elaborados pelos intelectuais propondo uma nova nação através desta prática náutica. Assim, escutar os silêncios, lembrar as ausências e esquecer as presenças é caminhar pela cidade de Florianópolis e buscar pequenos relatos; é ler as imagens e procurar traços de uma presença do Remo; é ler jornais, poemas e recitais que narravam uma parte da cidade e de alguns habitantes; é observar as ausências que também estão presentes nesta dissertação. Como as ausências das imagens do Clube de Regatas Aldo Luz e de seus marcos, narrados no capítulo dois.

A ausência de uma narrativa ou de uma imagem nesta dissertação devem instigar o leitor a pensar o por que desta não-presença ou o por que dos silêncios, como o narrar da presença do *Clube Náutico Independencia*, ou o clube dos operários, que havia estabelecido-se as margens das raias do Remo. Mas, e toda esta complexa rede que o Remo e sua prática constituíram no Brasil e em Florianópolis, e que tentou-se apresentar no decorrer desta dissertação: onde esta rede relaciona-se com as Sociedades de Remo da Paris e de Londres?

A disciplinarização verticalizada dos corpos que aplicou-se nas regiões de Paris e Inglaterra, ao navegar nas águas brasileiras, não alcançou os mesmos êxitos. As políticas da ginástica francesa nas escolas, proposta por Rui Barbosa, o incentivo a uma prática náutica, com diversas publicações na imprensa sobre o Remo – Pátria – Músculos de Adonis, não conseguiriam disciplinar toda uma sociedade. A verdade é que tal prática modificou alguns espaços urbanos e possibilitou novas sensibilidades, mas a disciplina de uma sociedade baseada no discurso da Pátria-Trabalho-Nação, não obteve sucesso. Talvez, o motivo deste insucesso esteja na acessibilidade dos discursos disciplinarizadores, pois apenas um determinado grupo social poderia permitir-se a prática do Remo, como apresentado no capítulo dois através do estatuto da Liga Náutica de Santa Catarina. Somente as pessoas de caráter e de ofício não degradante.

Assim, o Remo e as suas relações com a cidade, os habitantes, as políticas civilizadoras, os intelectuais e, principalmente, as relações políticas ainda merecem estudos esmiuçados e fragmentados, em seus pequenos detalhes nas pesquisas no campo da História. Como um ‘mar acontecimental’ de pesquisas que podem ser feitas, finalizo com a questão que abre esta dissertação: por que estudar o Remo? Talvez, a melhor resposta para este momento, está nas palavras de Alain Corbin:

Se eu tivesse um conselho a dar para aqueles que farão história, que serão professores de história, seria de tentar mudar de objeto de estudo ao longo das décadas. Não se deve fazer sempre a mesma coisa, para que o prazer não se embote. Este é meu conselho... é um pouco rude²¹⁵.

²¹⁵VIDAL, Laurent. *Alain Corbin o prazer do historiador*. Entrevista. In: Revista Brasileira de História. vol. 25, nº.49, São Paulo, Jan./June 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100002

Referências

- ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral: reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História), PUC São Paulo, São Paulo, 1989.
- BORGES, Maury Dal Grande. *Remando nas águas da história*. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.
- CABRAL, O. R. *Nossa Senhora do Desterro: 2. Memória*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.
- _____. *Nossa Senhora do desterro: 1. Notícias*. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1979.
- CANEVACCI, Massimo. *A cidade Polifônica*. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- COELHO, Mario C. *Moderna Ponte Velha: Imagem & Memória da Ponte Hercílio Luz*. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1997.
- COLLAÇO, Vera R. M. *O Teatro da União Operária – Um palco em sintonia com a modernização brasileira*. Tese (Doutorado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 2004.
- _____. *E se a moda pega...: O Teatro de Revista em Florianópolis – 1920/1930*. Florianópolis: UDESC/CEART, 2007.
- CORBIN, Alain. *L'avènement des loisirs (1850-1960)*. Paris: Champs histoire, 1995.
- CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs). *História do corpo* 3. As mutações do olhar: o século XX. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo, Ed. 34. 2004.

DOSSE, François. O espaço habitado segundo Michel de Certeau. In: *ArtCultura*. n.9, 2004. Uberlândia: UFU.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma História dos Costumes*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

_____. *Em busca do excitamento*. Lisboa: Difel, 1992.

FARIAS, Claudia Maria de. *Febre esportiva: esporte náutico e modernidade no Rio de Janeiro (1895-1914)*. Dissertação (Mestrado em História Social) UFF, Rio de Janeiro/Niterói, 2005.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. *Tecnologia e estética do racismo: ciência e arte na política da beleza*. Chapecó: Argos, 2007.

FLORES, Maria B. R.; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera. (org). *A casa do Baile – Estética e Modernidade em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

FREIRE, Cristina. *Além dos mapas: os momentos no imaginário urbano contemporâneo*. São Paulo: SESC, Annablume, 1997.

HOLFMEISTER, Carlos B. *Pequena história do Remo gaúcho*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas-CORAG, s/d.

JACQUES, Paola B. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/ Internacional Situacionista*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

KUPKA, Roselane Neckel. *Tensões e imagens do viver urbano em Florianópolis – 1910/1930*. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1993.

LEUCHTENBERGER, Rafaela. *O lábaro protetor da classe operária: as associações voluntárias de socorros-mútuos dos trabalhadores em*

Florianópolis. Dissertação (Mestrado em História Social). Unicamp, Campinas, São Paulo: 2009.

LICHT, Henrique. *O remo através dos tempos*. Porto Alegre: Corag, 1986.

LOHN, Reinaldo L. Limites da utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). In.: *Revista Brasileira de História* 53. Órgão oficial da Associação Nacional de História. São Paulo, ANPUH, vol. 27, n°53, jan.-jun., 2007.

LUCENA, R. *O esporte na cidade: aspecto de um esforço civilizador brasileiro*. Campinas: Autores Associados/CBCE, 2001.

MATOS, Felipe. *Uma ilha de leitura: notas por uma história de Florianópolis através de suas livrarias, livreiros e livros (1830-1950)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

MELO, Victor Andrade. *Cidade esportiva*. Primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Os sports e a cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

NECKEL, Roselaine. *A República em Santa Catarina: Modernidade e exclusão (1889-1920)*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003.

NONNENMACHER, Marilange. *Vida e Morte Miramar: Memórias urbanas nos espaços soterrados da cidade*. Tese (Doutorado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 2007.

_____. “*Um lugar na memória*”: Rua Conselheiro Mafra no século XX. Dissertação Mestrado em História, CFH, UFSC, Florianópolis, 2002.

ONÉIAS, Valmir J. *O lazer no aterro da Baía Sul em Florianópolis: o abandono de um grande projeto*. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). UFSC, Florianópolis, 1994.

ORLANDI, P. Eni. *Cidade dos Sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: A imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1995

PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. O crescimento populacional de Florianópolis e suas repercussões no plano e na estrutura da cidade. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina*. 3ª Fase, nº3981.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. In: *Revista Esboços: Dossiê Cidade e Memória*. nº11. 2004.

PIAZZA, Maria de Fátima Fontes; BARRETO, Maria T. Sobierajski; SOUZA, Sara R. Silveira de. *A fábrica de pontas "Rita Maria": um estudo da arqueologia industrial*. Florianópolis, SC: EDEME.

PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: Sua história*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

PIRES, Débora Costa. *Atuação das sociedades musicais, bandas civis e militares em desterro durante o Império*. Trabalho de Conclusão de Curso em Música. CEART, UDESC, Florianópolis, 2008.

ROSA, André Luiz da. *Operários da Bola*. Um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol na cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950. Dissertação de Mestrado em História. CFH, UFSC, Florianópolis, 2011.

SACHET, Celestino. *A literatura catarinense*. Florianópolis: Lunardeli, 1979.

SANTOS, Paulo C. dos. *Espaço e Memória: o Aterro da Baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em História), CFH, UFSC, Florianópolis, 1997.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra: O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole – São Paulo sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SILVA, Mário Candido da. *Clube Náutico Riachuelo 1915-1940*. Florianópolis, 1940.

SILVEIRA, Arthur F. *Histórias do Remo em Florianópolis, 1950 – 1970*. 2008. Monografia, Graduação em História, CFH, UFSC, Florianópolis, 2008.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. *Educação Física: Raízes europeias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004.

TUBINO, Manoel José Gomes. *O esporte no Brasil: do período colonial aos nossos dias*. São Paulo: IBRASA, 1997.

VEIGA, Elaine. *Florianópolis Memória Urbana*. Florianópolis: Ed. Da UFSC e Fundação Franklin Cascaes, 1993.

VERZBICKAS, Karin, ESPEZIN, Rossana Maria Borges. *A construção da Democracia: Os fatos que marcaram os 175 anos do Parlamento Catarinense*. Santa Catarina: ALESC, 2008.

VIDAL, Laurent. *Alain Corbin o prazer do historiador*. Entrevista. In: Revista Brasileira de História. vol. 25, nº.49, São Paulo, Jan./June 2005. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100002

VIGARELLO, Georges. *Passion sport : Histoire d'une culture*, Paris, Éditions Textuel, 1999.

_____. *Le corps redressé*. Paris, Éditions Armand Colin, coll. « Dynamiques », 2004.

Fontes

Acervos

“Clichês” e “Postais”. Luiz Oscar de Carvalho. Florianópolis. 2007. Acervo Particular Henrique Espada.

Programa nos cadernos de regatas 1926-1947. Acervo Particular Henrique Espada.

Documentação da Federação Catarinense de Remo. Acervo FCR. Florianópolis. 2008.

Aldo Luz. Acervo Particular Sady Beber. Florianópolis. 2008.

Riachuelo. Acervo Particular Décio Couto. Florianópolis. 2008.

Imagens de Florianópolis. Acervo Particular Carina Sartori. Florianópolis. 2008.

Fotografias 1920 a 1950. Acervo Casa da Memória – Fundação Franklin Cascaes. Florianópolis.

Fotografias. Acervo Assembleia do Estado de Santa Catarina. Florianópolis.

Fotografias. Acervo Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

Fotografias Remo Europa. Joconde-Portail des collections des musées de France.

Jornais:

Jornal O Estado – Florianópolis. 1915-1955.

Jornal Terra Livre – Florianópolis. 1918-1919.

Gazeta Catarinense – Florianópolis. 1908-1910.

O Dia – Florianópolis. 1908-1910, 1917 e 1918.

O ARGOS – Província de Santa Catarina. 1861.

Revistas:

Revista Ilustrada – 1919-1920.

Revista Terra – 1919.

Entrevistas:

BERBER, Sady. Entrevista concedida a Larissa Chagas Daniel e Arthur F. Silveira. Florianópolis, 16 de outubro de 2008.

_____. Entrevista concedida a Carina Sartori e Arthur F. Silveira. Florianópolis, 24 de abril de 2009.

_____. Entrevista concedida a Henrique Espada e Arthur F. Silveira. Florianópolis. Sem data.

CHICÃO. Entrevista concedida a Arthur F. Silveira. Florianópolis, 2006.

DÉCIO. Entrevista concedida a Henrique Espada e Arthur F. Silveira. Florianópolis. 2006.

LISBOA, Orildo. Entrevista concedida a Arthur F. Silveira. Florianópolis, 2006.

MARTINS, Odilon. Entrevista concedida a Arthur F. Silveira. Florianópolis, 2006.

SILVEIRA, Manoel. Entrevista concedida a Arthur F. Silveira. Florianópolis, 2006.

TESKE, Oscar. Entrevista concedida a Carina Sartori e Arthur F. Silveira. Florianópolis, 6 de maio de 2009.

VILELA, Toninho. Entrevista concedida a Arthur F. Silveira. Florianópolis, 2006.

Internet

O teatro em revista. Acesso em 30 de novembro de 2008. Disponível em <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Bilontra/trevista.htm>

Clássicos do remo. João do Rio. Acesso em 20 de abril de 2008. Disponível em www.remolivre.com

Estatuto da federação brasileira das sociedades de remo de 1933. Acesso em 20 de abril de 2008. Disponível em www.remolivre.com